

Eduardo da Silva Martins

**“VAI E FAZE O MESMO”:
A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO À LUZ DA TEOLOGIA
DO AMOR DE SANTO TOMÁS DE AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino
Feller

Coorientador: Prof. Dr. Thiago De
Moliner Eufrásio

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC.

Martins, Eduardo da Silva

"Vai e faze o mesmo": a parábola do bom samaritano à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino / Eduardo da Silva Martins; Orientador: Vitor Galdino Feller; Florianópolis, SC, 2022.

122 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Caridade 2. Bom samaritano 3. Tomás de Aquino 4. Amor. II. Título.

**“VAI E FAZE O MESMO”:
A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO À LUZ DA TEOLOGIA
DO AMOR DE SANTO TOMÁS DE AQUINO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 20XX.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Thiago De Moliner Eufrásio
Faculdade Católica de Santa Catarina
Coorientador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

A Deus.
À minha mãe e à memória do meu pai.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus, o Bom Samaritano da humanidade, que nos ensinou a contemplar a misericórdia do Pai e doou-nos o Espírito Santo, Amor Divino. Também, sou grato à Maria Santíssima, São José e Santo Tomás de Aquino, cujos testemunhos e intercessão são como um luzeiro que me guia no caminho para Cristo.

Agradeço a toda a minha família, mormente à minha mãe, Leonir Gomes da Silva, e ao meu pai, Aloide da Silva Martins (*in memoriam*). Foi no seio familiar onde tive as primeiras experiências de amor, de ser cuidado e de aprender a cuidar.

Agradeço à Diocese de Criciúma nas pessoas de Dom Jacinto Inácio Flach, bispo diocesano, e do Pe. Thiago De Moliner Eufrásio, reitor do Seminário Teológico Bom Pastor e coorientador deste trabalho. Através deles, manifesto o agradecimento a todos os formadores, benfeitores e apoiadores da minha caminhada formativa. Nessa Igreja particular ouvi meu chamado ao sacerdócio e através dela posso ofertar meu sim.

Agradeço à FACASC e ao ITESC, a todos os professores e corpo técnico. Pois, nesta instituição pude estudar, aprender e aprofundar o conhecimento da sagrada ciência da Teologia, amadurecer minha fé e moldar meu agir de acordo com o ensinamento das Sagradas Escrituras e da Sagrada Tradição. Entre os professores, minha gratidão especial ao Professor Pe. Vítor Galdino Feller, orientador deste trabalho.

Agradeço ao Pe. Paulo Ricardo de Azevedo Jr., cuja pregação sobre o amor e seus efeitos à luz de Santo Tomás de Aquino me inspiraram a ler e rezar sobre o assunto. A inspiração daquela pregação, deu origem ao interesse do tema da presente pesquisa teológica.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que cuidaram de mim, sendo eles mesmos o próximo, o que cumpriu o mandamento do amor.

“Amor é dar tudo de si e dar a si mesmo ao amado.”
(Santa Terezinha do Menino Jesus e da Sagrada Face)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, de cunho bibliográfico, tem como objetivo atualizar a teologia do amor de Santo Tomás de Aquino e exemplificá-la através da parábola do *bom samaritano*. Para cumprir com tal intento, no primeiro capítulo, explica-se a teologia do amor do Aquinate a partir da *Suma Teológica* e da *Suma contra os gentios*; no segundo capítulo, apresenta-se a exegese da parábola do *bom samaritano* de Lucas 10,25-37 a partir dos exegetas Fitzmyer e Bovon e se interpreta a referida perícopé à luz da teologia do amor previamente apresentada; no terceiro capítulo, atualiza-se a teologia do amor a partir do *Catecismo da Igreja Católica* e das cartas encíclicas *Deus caritas est*, de Bento XVI, e *Fratelli tutti*, de Francisco. Com esse percurso, pretende-se fazer ecoar o imperativo de Jesus em Lucas 10,37 “Vai, e também tu, faze o mesmo”.

Palavras-chave: Caridade. Bom samaritano. Tomás de Aquino. Amor.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG. – *Ad Gentiles*
CIGC – Catecismo da Igreja Católica
CV – *Caritas in veritate*
DCE – Deus Caritas Est
FT – Fratelli Tutti
PG – Patrística Grega
S. Th. – *Summa Theologiae*

Partes da Suma Teológica¹

No corpo do texto, onde está claro que se cita a *Suma Teológica*, seu título não é chamado, apenas se citam as suas partes designadas por algarismos romanos, complementando com as abreviações das respectivas divisões.

I – Primeira Parte
I-II – Primeira seção da Segunda Parte
II-II – Segunda seção da Primeira Parte
III – Terceira Parte
q. – questão
a. – artigo
s.c. – argumento em sentido contrário
obj. – objeção
rep. – resposta
sol. – solução da objeção

Partes da Suma contra os gentios

Livro AG, Capítulo

Exemplo: III AG, 12, lê-se: *Suma contra os gentios, terceiro livro, capítulo 12.*

¹ Citações para a Suma Teológica e para Suma contra os gentios conforme o manual de citações presente em: TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica:** teologia, Deus, Trindade. v. 1: I parte 5.ed. ed. São Paulo: Loyola, 2016. p.19.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 O AMOR À LUZ DE SANTO TOMÁS DE AQUINO	19
1.1 DEFINIÇÃO DE AMOR	19
1.1.1 Distinção entre amor afetivo e efetivo	20
1.1.2 O amor natural: a dimensão antropológica do amor	21
1.1.2.1 As paixões da alma	23
1.1.2.2 O amor de concupiscência: o amor afetivo.....	24
1.1.2.3 O amor de apetite: o movimento do amor afetivo para o amor efetivo.....	26
1.1.2.4 O amor de amizade.....	27
1.1.3 O amor sobrenatural: a dimensão divina do amor	29
1.1.3.1 Deus é o Sumo Bem	29
1.1.3.2 Em Deus há vontade.....	30
1.1.3.3 Em Deus há amor	32
1.1.3.4 O Amor: nome e essência de Deus.....	34
1.2 A VIRTUDE TEOLOGAL DA CARIDADE.....	37
1.2.1 Virtude teologal	37
1.2.2 A caridade: elevação do amor humano ao amor divino.....	40
1.3 OS EFEITOS DO AMOR SEGUNDO SANTO TOMÁS	46
1.3.1 Efeitos do amor natural	47
1.3.1.1 União	47
1.3.1.2 Êxtase sobre o apetite	48
1.3.1.3 Zelo.....	49
1.3.2 Efeitos do amor de caridade	49
1.3.2.1 Misericórdia.....	49
1.3.2.2 Beneficência	51
1.3.2.3 Esmola.....	52
2 A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO	57
2.1 EXEGESE DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO	57
2.1.1 O grande mandamento: Lucas 10,25-29	58
2.1.1.1 A Lei do amor a Iahweh	61
2.1.1.2 A Lei do amor ao próximo	63
2.1.1.3 A Lei e a vida eterna.....	64
2.1.2 A parábola do bom samaritano: Lucas 10,30-35	67
2.1.2.1 O caminho de descida de Jerusalém	69
2.1.2.2 O samaritano.....	71
2.1.2.3 A bondade do samaritano	72

2.1.3 O diálogo conclusivo: Lucas 10,36-37.....	74
2.2 A INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA À LUZ DOS EFEITOS DO AMOR.....	77
2.2.1 Amor natural: moveu-se de compaixão	77
2.2.1.1 União: chegou junto dele.....	78
2.2.1.2 Êxtase: moveu-se compaixão	79
2.2.1.3 Zelo: cuidou dele.....	80
2.2.2 Amor sobrenatural: agiu com misericórdia.....	81
2.2.2.1 Misericórdia e beneficência	82
2.2.2.2 Esmola.....	85
3 VAI E FAZE O MESMO	89
3.1 O AMOR DE DEUS NO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA	89
3.2 DEUS CARITAS EST	93
3.2.1 O amor na encíclica <i>Deus Caritas est</i>.....	94
3.2.1.1 O amor <i>eros</i>	94
3.2.1.2 O amor <i>agape</i>	96
3.2.2 <i>Eros, agape</i> e o <i>bom samaritano</i>	99
3.2.3 O amor que a Igreja deve praticar segundo a <i>Deus Caritas est</i>	101
3.3 FRATELLI TUTTI.....	103
3.3.1 O valor do amor	104
3.3.2 Os personagens da parábola, hoje	107
3.3.3 A universalidade do amor e de sua prática.....	112
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS.....	119

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Vai e faz o mesmo: a parábola do bom samaritano à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino*, consiste em uma pesquisa de cunho bibliográfico. Ele aborda o tema do amor em perspectiva teológica a partir de Santo Tomás de Aquino, da Sagrada Escritura, de teólogos, autores clássicos e de documentos da Igreja.

O tema do amor é perene na teologia católica. Isso se observa a partir da Sagrada Escritura que diz: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16); “Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força” (Dt 6,5); “Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou Iahweh” (Lv 19,18b). Dentre os versículos bíblicos que ressaltam a importância da teologia do amor se destaca: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34).

Do mesmo modo, na história da Igreja muitos teólogos deram importância à teologia do amor. Dentre os santos Padres e doutores da Igreja que abordaram este tema, destacar-se-ão neste trabalho Santo Tomás de Aquino, Agostinho de Hipona e João Crisóstomo. Da teologia contemporânea destacar-se-ão Reginald Marie Garrigou-Lagrange e Antonio Royo Marin, os quais abordaram esse tema à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino.

No magistério da Igreja recente e atual, a teologia do amor se faz presente nos documentos pontifícios. Dentre estes abordar-se-ão neste trabalho: *Deus caritas est*, de Bento XVI, e *Fratelli tutti* de Francisco. Ambos, categorizados como encíclicas sociais. Através delas, os Papas apresentam a sua compreensão acerca do amor e propõem modos práticos para que os fiéis vivam o amor a Deus e ao próximo no tempo presente, na condição social, política, cultural e econômica em que estão inseridos.

A teologia do amor tem como seu objeto do amor enquanto: atributo de Deus; lei divina de amor a Deus e ao próximo; virtude teologal da caridade; e, capacidade humana de amar. As suas contribuições servem às áreas da teologia sistemática, pastoral e espiritual. Mais recentemente, o Papa Francisco tem expandido o horizonte da teologia do amor para oferecer contribuições à teologia política e à política mundial. Por isso, abordar tal tema na perspectiva da Sagrada Escritura, de teólogos e do magistério é relevante e pode contribuir com o estudo teológico.

Diante da perenidade e atualidade da teologia do amor, o presente trabalho se propõe responder às perguntas: Qual a relevância de estudar a teologia do amor, hoje, a partir de um teólogo escolástico? Qual a

contribuição que Santo Tomás tem a oferecer para o debate teológico atual?

Para responder tais perguntas o presente trabalho tem como objetivos explicar a teologia do amor do referido autor, exemplificá-la através da parábola do *bom samaritano* e atualizá-la sob a luz do magistério da Igreja.

No primeiro capítulo, para explicar a teologia do amor de Santo Tomás, investigar-se-ão as suas obras que abordam o tema: a *Suma Teológica* e a *Suma contra os gentios*. A partir delas é que se alcançará a definição geral de amor e as especificações acerca do amor em dimensão natural-antropológica e em dimensão sobrenatural-divina. Por fim, abordar-se-ão os efeitos do amor, através dos quais será possível interpretar a parábola do *bom samaritano* a fim de exemplificar a dimensão da prática efetiva do amor.

No segundo capítulo, apresentar-se-á a exegese da parábola do *bom samaritano* de Lucas 10,25-37, a partir da teologia bíblica de Joseph Fitzmyer, François Bovon e de alguns escritos de Santo Tomás que convêm à proposta. Após o aprofundamento exegético, propor-se-á a interpretação da referida parábola à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino, com maior ênfase aos efeitos do amor. Tal interpretação se fará possível a partir da relação dos efeitos do amor, segundo o Aquinate, com os verbos que descrevem as ações do homem samaritano para com o homem caído.

No terceiro capítulo, propor-se-á a atualização da teologia do amor de Santo Tomás à luz do *Catecismo da Igreja Católica* e das cartas encíclicas *Deus caritas est*, de Bento XVI, e *Fratelli tutti*, de Francisco. Tais documentos da Igreja contêm a teologia do amor em vigor na Igreja hoje e também apresentam o *bom samaritano* como modelo para o agir movido pelo amor. Diante disso, relacionar-se-á a teologia do amor de Santo Tomás com a desses documentos, buscando evidenciar a sua atualidade.

Através deste percurso de pesquisa, pretende-se que a parábola do *bom samaritano* exemplifique a teologia do amor de Santo Tomás e que as encíclicas e o Catecismo a atualize. Ao mesmo tempo, intenta-se evidenciar que a teologia do amor de Santo Tomás explica e sustenta a teologia do amor presente no Catecismo e nas referidas encíclicas. Por fim, através do modelo oferecido na parábola do *bom samaritano*, interpretado à luz dos efeitos do amor e conforme a sugestão de Bento XVI e Francisco, quer-se fazer ecoar o imperativo de Jesus em Lucas 10,37 “Vai, e também tu, faz o mesmo”.

1 O AMOR À LUZ DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

Neste capítulo se abordará a definição de amor de Santo Tomás de Aquino à luz da Suma Teológica, com a colaboração de comentadores e estudiosos do referido autor. A definição de amor proposta por Santo Tomás se desenvolve em duas perspectivas, uma natural e outra sobrenatural, e ambas se articulam pela virtude teologal da caridade, como há de se explicar a seguir.

1.1 DEFINIÇÃO DE AMOR

A definição de amor para Santo Tomás de Aquino é composta por uma conceituação geral que se desdobra em aspectos mais específicos e aplicados a realidades concretas. Juan Cruz Cruz sintetiza a definição apresentada pelo Aquinate afirmando que o amor é uma inclinação dos seres a buscar o bem.²

Essa definição de amor sintetizada por Cruz supõe um dado antropológico: o ser humano é um ser em constante busca, em contínuo movimento direcionado a um fim. Para cada capacidade e para cada sentido sensorial humano existe uma tendência correspondente. E, cada tendência, relativa às capacidades e aos sentidos, por sua vez, encontra seu objeto correspondente em algo fora do sujeito e move-o para este mesmo objeto. Por isso, o homem e a mulher são seres que aspiram, pretendem, desejam e se movimentam a fim da consecução de seus anseios. A constante busca e o movimento de responder a uma tendência são, também, chamados de amor.³

A considerar as realidades espirituais, sobretudo a virtude da caridade, percebe-se que a definição de amor do Aquinate supõe, também, um dado teológico: o próprio ser de Deus, que é amor. Dado que a vontade de Deus causa todas as coisas, ela também causa o amor no ser humano, pois o amor de Deus é a causa de todo o bem na pessoa humana. Este amor é maximamente expresso no mistério da encarnação, no qual o Pai, o amante, dá o seu Filho, o amado dileto, aos seres humanos, seus

² CRUZ, Juan Cruz. **Ontología del amor en Tomás de Aquino**. Pamplona: Serie Universitária, 1996. p. 8.

³ CRUZ. 1996, p. 5.

amados, a fim de doar-se plenamente e de guiar o ser humano na busca de seu máximo bem, o próprio Deus.⁴

A partir desses conceitos, é possível aprofundar a definição de amor que se desenvolve com algumas distinções: o amor afetivo e o amor efetivo, o amor natural e o amor sobrenatural.

1.1.1 Distinção entre amor afetivo e efetivo

A distinção entre amor afetivo e efetivo não se encontra explicitamente no *Corpus Thomisticum*. Ela é uma divisão metodológica desenvolvida por estudiosos e comentadores a fim de atualizar a tese de Santo Tomás.

Uma possibilidade de compreensão do que seja o amor afetivo parte da etimologia de amor da palavra grega ὁμός.⁵ Considerando o dado antropológico supracitado, entende-se que o amor afetivo ocorre quando uma tendência do ser humano encontra seu objeto correspondente, de modo que por ele é afetada ou atingida. Nos escritos de Santo Tomás, o amor afetivo corresponde às paixões e é considerado uma inclinação primária das tendências para os seus respectivos objetos.⁶ Percebe-se, nesta compreensão de amor afetivo, que o foco está mais para o objeto amado do que para o sujeito amante.

Outra possibilidade de compreender o amor afetivo corresponde a outra etimologia de amor, da palavra grega μάω.⁷ Supondo a mesma compreensão antropológica e a ocorrência do amor afetivo no encontro da tendência com o objeto correspondente, a semântica desta etimologia sugere que o foco está mais no sujeito amante do que no objeto amado. Afinal o desejo, o gozo, o gosto e o querer são movimentos ao interno do ser humano que manifestam no amante o amor pelo amado.⁸

Ambos os modos de compreender o que seja o amor afetivo, mesmo que não encontrando estas definições nas obras de Santo Tomás,

⁴ TOMÁS DE AQUINO. Comentário ao Evangelho de São João. In: MEZARD, Denys (Org.). **Meditações para o Advento e para o Natal**. Trad. Jefferson Bombachim. Campinas: Ecclesiae, 2018a. p. 21.

⁵ ὁμός (*homós*): igual, semelhante, da mesma natureza. (PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego**. 5.ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976. p. 405.).

⁶ CRUZ. 1996, p. 5.

⁷ μάω (máo): desejo intenso, desejo vivo; abrasado, apaixonado. (PEREIRA, 1976. p. 358.).

⁸ MARIN, Antonio Royo. **Teología de la caridad**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1960. p. 219.

encontram correspondência e fundamento na Suma Teológica nas questões em que o amor é abordado enquanto paixão⁹ e movimento em busca do bem.

O amor efetivo, por sua vez, não é passivo tal qual é o amor afetivo. Ele se torna uma causa. Dado que toda ação tem uma finalidade, e esta finalidade é o bem do agente, e sendo um bem, então é amada, o motor da ação é o amor.¹⁰ O amor efetivo se entende, então, como manifestação exterior do amor afetivo, que é interior.¹¹ Nos escritos do Aquinate, o que Cruz e Antonio Royo Marin o.p., outro comentador de Santo Tomás, chamam de amor efetivo encontra correspondência nas questões em que ele aborda os efeitos do amor e os atos movidos pelo amor.

O amor afetivo tem a primazia e maior importância por ser ele o amor em si mesmo, de modo passivo ou como ato eletivo da vontade. O amor efetivo fica em segundo lugar pois é manifestação do primeiro e é dele dependente.¹² Ainda, ambos podem ser elevados pela graça a amor sobrenatural através da virtude da caridade, levando a pessoa humana à perfeição cristã, enquanto amante de Deus e realizador de sua divina vontade.¹³

O amor afetivo será abordado enquanto amor natural, mais especificamente enquanto amor de concupiscência. O amor efetivo, mais adiante, será explicado através dos efeitos do amor. A elevação do amor natural ao nível sobrenatural terá sua exposição na argumentação acerca do amor sobrenatural, enquanto virtude teologal da caridade.

1.1.2 O amor natural: a dimensão antropológica do amor

O amor natural corresponde ao amor presente nas criaturas dotadas de alma sensitiva, ou seja, os animais e os seres humanos. Para a compreensão do amor e de seus efeitos, os quais serão aplicados na interpretação da parábola do *bom samaritano*, primeiro há de se explicar

⁹ *Passio, passionis*: paixão, sofrer, suportar. (REZENDE, Antônio Martinez de. **Dicionário do latim essencial**. 2.ed., rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 271.). O termo paixão é aplicado por Santo Tomás no sentido filosófico de impressão recebida de um agente. (DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Portugal: Priberam Informática Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/paix%C3%A3o>> Acesso em: 03 jan 2022.)

¹⁰ CRUZ. 1996, p. 132.

¹¹ MARIN. 1960, p. 231.

¹² MARIN.1960, p. 219.

¹³ MARIN. 1960, p. 85-86.

o amor natural naquilo que diz respeito ao composto humano, ou seja, o ser humano, corpo e alma.

Segundo Santo Tomás, o amor, no ser humano, tem uma dupla tendência:

Assim, pois, o movimento do amor tende para um duplo termo: o bem que queremos a alguém, seja esse a nossa própria pessoa ou a de outrem; e a pessoa a quem queremos o bem. Ora, ao bem que queremos para outrem diz respeito o amor de concupiscência; a pessoa a quem o queremos, o amor de amizade.¹⁴

Decorre dessa dupla tendência uma divisão do amor natural: o amor de concupiscência, cujo objeto é algo que é reconhecido e desejado como um bem, para si ou para outro, e que é uma paixão que se realiza na complacência pelo bem; e o amor de amizade, que também recebe o nome de benevolência, cujo objeto é alguém a quem se quer bem, e que é o pressuposto fundamental de uma amizade genuína e se realiza no hábito.¹⁵

Para Santo Tomás, amor, concupiscência e amizade não são termos que se identificam. Além disso, o amor não é dividido em concupiscência e amizade, mas em amor de concupiscência e amor de amizade. Ou seja, concupiscência e amizade atribuem seus qualitativos àquilo que o amor é, de modo que a definição da locução se aproxime da noção de uma ou de outra, sem prejuízo ao sentido de amor.¹⁶

Ambas as definições de amor, seja o de concupiscência ou o de amizade, servirão para entender os efeitos do amor natural, os quais servirão de critério para interpretação da parábola do *bom samaritano*. Também, servirão para explicitar o ensinamento do amor à luz do ensinamento da Igreja no terceiro capítulo.

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: primeira seção da segunda parte. São Paulo: Ecclesiae, 2016a. p. 181. *S. Th. Ia-IIae*, q. 27. a. 4. sol.

¹⁵ COUTO, Antônio Augusto Caldaso. **Amor, desejo e amizade**: um estudo sobre a natureza do amor na Suma Teológica de Sto. Tomás de Aquino. 166 p. Tese de Doutorado – Curso de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. p 102-105.

¹⁶ COUTO. 2012, p 103.

1.1.2.1 As paixões da alma

Santo Tomás aborda o tema do amor de concupiscência na Suma Teológica *Ia IIae* da questão 22 até a 48, numa sessão intitulada *Tratado das paixões da alma*. Primeiro ele aborda o tema com o foco no sujeito das paixões, depois a distinção e a comparação entre elas e, por fim, argumenta sobre a possível malícia ou bondade delas.¹⁷

Para o Doutor Angélico, paixão tem uma tríplice acepção. A primeira afirma: “todo receber é sofrer, mesmo que o ser nenhum detrimento sofra”.¹⁸ A segunda e a terceira acepções dizem respeito a receber ou sofrer algo, mas com a exclusão de algo. Na segunda, a recepção ou sofrimento implica a exclusão de algo que não convém ao ser. Na terceira é o caso contrário da segunda, em que o sofrimento implica no prejuízo de algo que convém ao ser. Dos três modos, a conclusão do Aquinate é que “sofrer implica em alguma coisa ser atraída para o agente [...] quanto à recepção, dizemos que *sentir e compreender é de certo modo sofrer*”.¹⁹

A paixão ocorre na alma quando o sujeito sofre a ação ou o efeito de algo que lhe é externo, e isso ocorre mais através da potência apetitiva²⁰ do que através da potência apreensiva²¹. A potência apetitiva

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 162-299. *S. Th. Ia-IIae*, q. 22-48.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 162. *S. Th. Ia-IIae*, q. 22. a. 1. sol.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 162. *S. Th. Ia-IIae*, q. 22. a. 1. sol. (grifo do autor).

²⁰ A potência apetitiva tem por seu objeto o bem ou o mal das coisas em si mesmas. (TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 163. *S. Th. Ia-IIae*, q. 22. a. 2. sol.). Ela é dividida em três: *apetite natural*, *apetite sensitivo* e a *vontade*. O *apetite natural* é aquele presente nos seres animados por lei natural que institui que todo ser tende para o que lhe convém. (TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 178. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 1. sol.). Ele é responsável pela vida do corpo, e se divide em nutrição, crescimento e reprodução. (PÊGUES, Tomás. **A suma teológica de Santo Tomás em forma de catecismo**. Campinas: Edições Livre, 2019. p. 59) O *apetite sensitivo* é aquele consequente a apreensão dos sentidos e que é moral quando está de acordo com a razão. (TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 178. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 1. sol.) Este apetite está intimamente ligado aos sentidos exteriores – visão, audição, olfato, paladar e tato – mas também pode estar associado às faculdades cognoscitivas sem órgão externo, que são o senso comum, a imaginação, o instinto e a memória. (PÊGUES. 2019, p. 59-60.)

²¹ A potência apreensiva tem por objeto a verdade ou a falsidade das coisas em relação ao intelecto, e por isso não estão primeiramente nas coisas, mas na mente, de acordo com as espécies. (TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 163. *S. Th. Ia-IIae*,

tem maior atuação porque é princípio da ação do sujeito, e em virtude disso ela é passiva, e, portanto, paixão.²² Desse modo, o amor de concupiscência é a paixão que principia o movimento do amante para o amado.²³ Isso se identifica com o que anteriormente foi chamado de amor afetivo, o momento passivo do amor, e que dá origem ao amor efetivo, o momento que leva o sujeito a agir a fim de fruir o seu amado.

Essa definição de paixão de Santo Tomás de Aquino está presente no Catecismo da Igreja Católica. Assim apresenta o Catecismo:

As paixões são componentes naturais do psiquismo humano; constituem o lugar de passagem e garantem a ligação entre a vida sensível e a vida do espírito.²⁴

Desse modo a definição tomista é atualizada na Tradição e é participante do ensinamento moral da Igreja, o qual será retomado no terceiro capítulo, onde se aplicará a teologia do amor de Santo Tomás na interpretação das encíclicas *Deus Caritas Est* e *Fratelli Tutti*.

1.1.2.2 O amor de concupiscência: o amor afetivo

Santo Tomás distingue as paixões em dois tipos: a concupiscível e a irascível. As paixões concupiscíveis são aquelas que têm por objeto o bem e o mal sensíveis, considerando-os deleitável ou doloroso, respectivamente. A alegria, a tristeza, o amor e o ódio são exemplos de paixões concupiscíveis. As paixões irascíveis também têm por objeto o bem e o mal, mas aquele naturalmente mais difícil de se alcançar ou evitar, e, portanto, necessita um esforço árduo. A audácia, o temor e a esperança são exemplos de paixões irascíveis.²⁵

q. 22. a. 2. sol.). As potências apreensivas também são paixão, pois “inteligir é sofrer”. (TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: primeira parte. São Paulo: Ecclesiae, 2016b. p. 528-530. *S. Th. Ia*, q. 79. a. 1. sol.) Porém, elas são paixão de modo menos apropriado do que as paixões do apetite sensível porque nelas não ocorre a mutação de um órgão do corpo, como é no caso do apetite sensitivo. (TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 165. *S. Th. Ia-IIae*, q. 22. a. 3. sol.). Quanto à vontade, vide nota 28.

²² TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 164. *S. Th. Ia-IIae*, q. 22. a. 2. rep. 2.

²³ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 178. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 1. sol.

²⁴ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 478. CIGC 1765.

²⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 166. *S. Th. Ia-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

A distinção entre as paixões concupiscível e irascível não cria separação entre elas, pois para Santo Tomás a segunda é complementar à primeira:

A potência irascível foi dada aos animais para vencerem os obstáculos que impedem o concupiscível de tender para o seu objeto, quer por tornarem o bem difícil de ser alcançado ou o mal difícil de ser superado. Por isso todas as paixões do irascível vem a resolver-se nas do concupiscível; e desde logo também das paixões do irascível resultam a alegria e a tristeza que pertencem ao concupiscível.²⁶

Quanto à moralidade das paixões, o Doutor Angélico faz uma distinção entre as paixões em si mesmas e as paixões sob o império do intelecto²⁷ e da vontade²⁸. As paixões em si mesmas são movimentos do apetite irracional, e, portanto, não são passíveis de juízo moral. Porém, as paixões sob o império da razão e da vontade o são. Elas são chamadas de paixões voluntárias por serem governadas ou não refreadas pelo uso da razão e da vontade.²⁹ De acordo com esse critério de juízo moral, Santo Tomás afirma: “As paixões da alma, quando contrárias à ordem da razão, inclinam para o pecado; ordenadas, porém, pela razão, auxiliam a virtude”.³⁰ As paixões coexistem com as virtudes morais, de tal forma que

²⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 166. *S. Th. Ia-IIae*, q. 23. a. 1. rep. 1.

²⁷ Razão e intelecto são os dois nomes da mais elevada e principal potência cognitiva ou apreensiva do ser humano. Seu objeto é a verdade das coisas existentes. O duplo nome usado por Santo Tomás decorre de uma distinção de dois processos cognitivos: usa o nome intelecto quando se refere à verdade que o entendimento compreende por via de intuição e usa o nome razão quando a verdade é alcançada por meio de um processo de raciocínio. (PÊGUES. 2019, p. 61-62).

²⁸ Vontade é a mais nobre e elevada potência apetitiva do ser humano; além disso, ela não se limita ao apetite sensível ou natural, pois é também uma potência espiritual. Tem como objeto o bem universal e amando-o dá ao ser humano a escolha de inclinar-se a ele nas eleições e ações particulares. Inteligência e Vontade juntas sustentam o Livre Arbítrio. (PÊGUES. 2019, p. 65-66.). A vontade, que também recebe o nome de apetite intelectual sempre acompanha a apreensão do apetente conforme o juízo livre e racional. (TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 178. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 1. sol.)

²⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 170. *S. Th. Ia-IIae*, q. 24. a. 1. sol.

³⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 170. *S. Th. Ia-IIae*, q. 24. a. 1. rep. 3.

a paixão devidamente ordenada ajudará a virtude na execução do que entende como bem a razão.³¹

Percorrida a argumentação acerca do que é uma paixão, já se faz possível concluir que o amor é uma paixão concupiscível do ser humano, e que a moralidade dos atos movidos pelo amor depende do reto uso da razão e da vontade. A dimensão moral do amor será um dos critérios para compreender a lei do amor ao próximo, a qual é exemplificada pela atitude do *bom samaritano*, que será abordada no segundo capítulo.

Quanto à moralidade das paixões, o Catecismo segue a proposta da teologia de Santo Tomás afirmando que “em si mesmas, as paixões não são boas nem más. Só recebem qualificação moral na medida em que dependem efetivamente da razão e da vontade”.³²

Também, quanto a relação entre paixão e amor, o Catecismo segue a definição do Aquinate:

A paixão mais fundamental é o amor provocado pela atração do bem. O amor causa o desejo do bem ausente e a esperança de consegui-lo. Este movimento se completa no prazer e na alegria do bem possuído.³³

O movimento de busca do bem para a posse e gozo do bem, citado no Catecismo, é o que se trará a seguir, enquanto amor de apetite.

1.1.2.3 O amor de apetite: o movimento do amor afetivo para o amor efetivo

O que anteriormente se chamou de amor efetivo corresponde ao que em Santo Tomás é chamado de apetite, ou seja, o movimento interno ao sujeito em direção ao bem desejado fora dele. No contexto do amor, é o apetite que, depois de provocado pelas paixões, principia o movimento e as ações que posteriormente serão explicados como efeitos do amor.

Santo Tomás entende que “o amor é algo próprio do apetite”.³⁴ A partir disso, ele descreve que o amor ocorre do seguinte modo: é o apetível que coapta o apetite a si, e esta atração é a causa do movimento do apetente ao apetível. O apetite coaptado pelo apetível quer alcançá-lo

³¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 350. *S. Th. Ia-IIae*, q. 59. a. 2. rep. 3.

³² CATECISMO..., 2000, p. 479; CIgC 1767.

³³ CATECISMO..., 2000, p. 478-479; CIgC 1765.

³⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 179. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 2. sol.

pois o interpreta como um bem, daí que amor se mostra como intenção de possuir o que é amado ou como alegria ao possuí-lo.

O movimento apetitivo age circularmente pelo processo seguinte: apetível move o apetite, introduzindo-lhe, por assim dizer, na intenção; e o apetite tende para o apetível, que deve ser realmente conseguido, de modo ao fim do movimento coincidir com o princípio do mesmo. Por onde, a primeira imutação do apetite pelo apetível se chama amor, que não é senão, a complacência no apetível, da qual resulta o movimento para este, que é o desejo; e por último vem o repouso, que se chama alegria.³⁵

A partir da compreensão de que o amor reside na potência afetiva, que é passiva, o Doutor Angélico infere que a causa do amor é o seu objeto, que é o bem. Ou seja, o bem é a causa do amor.³⁶ Para que o bem seja a causa do amor, é necessário que ele seja apreendido pelos sentidos; desse modo, o conhecimento do amado é, também, de certa forma, causa do amor, pois “só o bem conhecido pode ser amado”.³⁷

O amor de concupiscência, que é uma paixão, se manifesta concretamente no apetite para o bem ou na alegria pela posse do bem. Ele é considerado o primeiro e mais abrangente movimento apetitivo e, por isso, é a primeira das paixões. Ainda, o amor se dá em nível natural, sensível e intelectual, cada um com suas características próprias. Dado que o ser humano é dotado de razão e vontade, o amor é plenamente realizado e moralmente bom quando está de acordo com o juízo da reta razão e da vontade.

1.1.2.4 O amor de amizade

O amor de amizade, *φιλία*,³⁸ é traduzido dos escritos de Aristóteles por Santo Tomás como amor ou como *amicitia*.³⁹ Por vezes, é chamado

³⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 179. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 2. sol.

³⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 182. *S. Th. Ia-IIae*, q. 27. a. 1. sol

³⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 183. *S. Th. Ia-IIae*, q. 27. a. 2. sol

³⁸ *Φιλία*: amizade (PEREIRA. 1976, p. 611.).

³⁹ *Amicitia*: amizade. (REZENDE. 2016, p. 37.).

de benevolência, radicado no grego *εὐνοία*.⁴⁰ A amizade genuína supõe um amor que seja benevolente e não concupiscível, pois o amor concupiscível visa algo como um bem. Se alguém ama a outro como um bem, esse amor é amor de concupiscência. O amor de amizade, ou benevolência, por sua vez, quer bem a alguém e, por isso, é anterior à amizade.⁴¹

Segundo o Filósofo, não é qualquer amor que realiza a noção de amizade, senão o amor de benevolência, pelo qual queremos bem a quem amamos. Se, porém, não queremos bem aos seres que amamos, e antes, queremos para nós o bem que há neles como quando amamos o vinho, um cavalo, ou coisas semelhantes – não há amor de amizade, mas de concupiscência. Pois seria ridículo dizer que alguém tenha amizade ao vinho ou a um cavalo.⁴²

O amor de amizade é o pressuposto e a condição afetiva necessária, não suficiente, à amizade, mas não é amizade: “Mas também não basta a benevolência para haver a amizade: é preciso um certo amor mútuo, porque um amigo é amigo de seu amigo. Ora, essa mútua benevolência se funda em alguma comunicação”.⁴³ No amor, a reciprocidade não é necessária. É possível que um amante ame sem ser amado. Numa amizade, é necessário amor de amizade mútuo com reconhecimento recíproco, amar e ser amado.⁴⁴

O amor de amizade também é o elemento necessário, não suficiente, para a caridade, seja a caridade entendida como amizade da pessoa humana com Deus, seja a caridade entendida como ações caridosas. Isso será desenvolvido no texto sobre o amor sobrenatural.

⁴⁰ *Εὐνοία*: boa mente, boa vontade, bom espírito, benevolência, indulgência. (PEREIRA. 1976, p. 241.)

⁴¹ COUTO. 2012, p 104.

⁴² TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: segunda seção da segunda parte. São Paulo: Ecclesiae, 2016c, p. 161. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

⁴³ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

⁴⁴ COUTO. 2012, p 105.

1.1.3 O amor sobrenatural: a dimensão divina do amor

O tema do amor enquanto atributo de Deus é abordado na *S. Th. Ia*, dentro do *Tratado de Deo Uno*, nas questões 19 e 20. Santo Tomás inicia a questão falando da vontade de Deus e em seguida da sua relação com o amor.

1.1.3.1 Deus é o Sumo Bem

No *Tratado de Deo Uno* na *S. Th. Ia*, Santo Tomás aborda a essência, a existência, os atributos entitativos e os atributos operativos de Deus, a partir dos quais fundamenta a compreensão do amor sobrenatural.

Santo Tomás, em ordem de conhecimento especulativo, divide o conhecimento dos atributos de Deus em dois grandes grupos. Primeiro, os atributos entitativos são os relativos ao ser, cognoscíveis por analogia, dado que o ser de Deus é invisível e incompreensível e que suas propriedades estão em grau de perfeição que supera a capacidade humana de conhecimento natural. A bondade, por exemplo, é um atributo entitativo de Deus. Segundo, os atributos operativos são os relativos ao agir, seja a respeito das operações imanentes ou das que são causas de um efeito exterior a Deus. A vontade e o amor são exemplos de atributos operativos.⁴⁵

A aplicação dos termos da linguagem humana é limitada frente à infinitude inefável do ser de Deus; porém, é um recurso possível para a ciência teológica. No uso da linguagem é necessário que se entenda que um mesmo termo aplicado a Deus e ao ser humano são similares e diferentes ao mesmo tempo: são similares pois expressam, de certo modo, algo da natureza humana e divina, mesmo que esta seja perfeitamente inefável; são diferentes porque quando aplicados a Deus, deve-se recordar que estão em grau de perfeição supereminente.⁴⁶

Para afirmar a bondade de Deus, Santo Tomás apresenta primeiro um argumento ascendente, da criatura para o Criador, do efeito para a causa: “Ser bom convém a Deus de modo excelente. Pois uma coisa é boa na medida em que é desejável”.⁴⁷ Decorre disso que todos os seres

⁴⁵ GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **Deus sua essência e sua natureza**: solução tomista das antinomias agnósticas. Tomo II. São Paulo: Molokai, 2020a, p. 46.

⁴⁶ PÈGUES. 2019, p. 27-29.

⁴⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 60. *S. Th. Ia*, q. 6. a. 1. sol.

desejam a perfeição própria, seja por semelhança ou por participação, pois todo efeito se ajusta proporcionalmente à sua causa. Sendo Deus a causa eficiente primeira de todos os seres, necessariamente cabe a Ele ser bom e desejável.⁴⁸

O segundo argumento faz o caminho inverso, do Criador para a criatura, da causa para o efeito: “Deus é o sumo bem, absolutamente.”⁴⁹ Com essa afirmação, Santo Tomás entende que a bondade de Deus de nada depende, senão de seu próprio ser. Além disso, se diz que Deus é bom porque todas as bondades e perfeições desejadas e existentes na criação dele efluem, pois é Ele sua causa: “Por onde, existindo o bem em Deus, como na causa primeira, não unívoca, de todos os seres, nele necessariamente existe de modo excelentíssimo. E, por isso, é chamado sumo bem”.⁵⁰

Ainda, o Aquinate afirma que somente Deus é bom por sua própria essência, pois é perfeito. Em Deus essência e existência se identificam e Ele não possui acidentes, nada carece e a nada se ordena como fim, antes, Ele mesmo é o fim último de todas as coisas: “Por onde, é manifesto que só Deus tem, por essência, onímota perfeição. Logo, só ele é bom por essência”.⁵¹

O Catecismo ensina que Deus é perfeitamente bom e desejável e, ao mesmo tempo, fonte e autor de todo o bem. Também, que o homem é o único ser natural capaz de conhecer, amar e fruir do Bem Eterno, para assim viver a sua bem-aventurança. Ensino este que, conforme as notas de rodapé, conta com referências de Santo Tomás de Aquino.⁵²

1.1.3.2 Em Deus há vontade

Constatando que a vontade e o amor são apetites, como é no caso do amor natural, e que o sujeito do apetite tende para um bem fora de si, a consequência lógica disso seria que Deus não tem vontade e nem amor, pois se Ele quisesse algo fora de si, seria imperfeito.⁵³ Porém, Santo Tomás encontra nas Escrituras um argumento em sentido contrário: “para

⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 60. *S. Th. Ia*, q. 6. a. 1. sol.

⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 61. *S. Th. Ia*, q. 6. a. 2. sol.

⁵⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 61. *S. Th. Ia*, q. 6. a. 2. sol.

⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 62. *S. Th. Ia*, q. 6. a. 3. sol.

⁵² Neste assunto, as referências a Santo Tomás no Catecismo podem ser encontradas, entre outras, nos seguintes parágrafos: CATECISMO..., 2000, p. 16;102-103; 470; 541. CIGC 14; 356; 1723; 2052;

⁵³ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 162. *S. Th. Ia*, q. 19. a. 1. obj. 1-3.

que experimentais qual é a vontade de Deus”.⁵⁴ A partir dessas objeções e desse versículo bíblico, ele aborda a questão da vontade de Deus.

No pensamento do Doutor Angélico, em Deus, a ciência⁵⁵ e a vontade são análogas. Ele afirma: “Em Deus há ciência perfeitíssima”.⁵⁶ Decorre disso que a ciência divina tudo sabe e dela depende a ordem e a verdade de todo ser.⁵⁷ A ciência em Deus está para a verdade assim como o intelecto no ser humano está para verdade. Porém, no ser humano está em nível imperfeito adequado a seu ser criatura, e em Deus de modo supereminente. Além disso, nas criaturas esses atributos podem ser qualidades ou hábitos, mas em Deus são sempre ato puro.⁵⁸

Se em Deus há ciência, necessariamente deve haver, também, vontade, pois ambas constituem a natureza intelectual. Assim como o inteligir de Deus é o seu próprio ser, também o seu querer é o seu próprio ser.⁵⁹ Em Deus, a ciência e a vontade não são potências, são ato puro.⁶⁰ O ato de inteligir leva a inteligência a buscar a verdade e nela repousar, pois é ela o seu fim. A própria essência de Deus é aquilo que a sua inteligência busca, por isso o Aquinate afirma: “segue-se, necessariamente, que o seu ato mesmo de inteligir é a sua essência e o seu ser”.⁶¹

Tal como o inteligir tem uma inclinação para a verdade, a vontade tem uma inclinação para o bem, desejando-o quando não o possui e nele repousando quando o possui.⁶² Deus, que nada carece, não tem a vontade como é a do ser humano, em forma de apetite na carência e deleite no

⁵⁴ Rm 12,2 (Tradução bíblica conforme a Suma Teológica já referenciada).

⁵⁵ Nas obras de Santo Tomás, ciência e intelecto, quando se referem a Deus são sinônimos. É mais comum o uso de *ciência* quando o sentido da sentença está voltado para o ser de Deus, dado que Ele tudo sabe sem necessitar de processo cognitivo. O uso de *intelecto* ocorre mais para falar do obrar de Deus, como um atributo operativo pelo qual dá ordem e sustento a todo o ser.

⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 120. *S. Th. Ia*, q. 14. a. 1. sol.

⁵⁷ PÊGUES. 2019, p. 31.

⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 121. *S. Th. Ia*, q. 14. a. 1. rep. 2.

⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 162. *S. Th. Ia*, q. 19. a. 1. sol.

⁶⁰ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 50. A partir da afirmação de que em Deus há inteligência e vontade e da consideração da supereminência dessas perfeições quando atribuídas a Deus, Santo Tomás reforça a personalidade divina e rechaça a ideia de que Deus seja uma força cega ou uma lei natural cósmica. (GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **Deus sua essência e sua natureza**: solução tomista das antinomias agnósticas. Tomo I. São Paulo: Molokai, 2020b, p. 20.)

⁶¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 121. *S. Th. Ia*, q. 14. a. 4. sol.

⁶² TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 162. *S. Th. Ia*, q. 19. a. 1. sol.

repouso. Ele a tem apenas na forma de deleite no repouso, pois a sua própria essência já é o objeto que a vontade busca como fim: o bem.⁶³

Assim como a ciência de Deus sustenta a verdade e a ordem do ser, a vontade de Deus sustenta o bem na medida em que Ele quer a si mesmo e quer outras coisas. A si mesmo, como dito, Ele se quer e se tem como fim. Quanto às outras coisas, Santo Tomás afirma que Deus as quer “como meios, enquanto convém à divina bondade que também os demais seres dela participem”.⁶⁴ Por isso a verdade e o bem, na criação, existem por semelhança ou participação da verdade e da bondade de Deus.⁶⁵

Portanto, no que diz respeito à vontade de Deus, se destaca que Ele é a bondade, e a sua bondade é a causa primeira, exemplar, efetiva e final da bondade de todo ser.⁶⁶ Deus já se deleita no bem que Ele mesmo é por essência, mas por vontade Ele quer coisas distintas e alheias a si mesmo.⁶⁷ Ainda, é a partir dela que Deus age, e não por uma necessidade que lhe seja alheia, pois Ele opera aquilo que concebe a sua ciência divina. Além disso, a vontade de Deus é a causa de todas as coisas, pois Deus é o primeiro na ordem das causas.⁶⁸

1.1.3.3 Em Deus há amor

O amor em Deus só pode ser compreendido à luz da sua bondade e vontade. Santo Tomás entende que a bondade de Deus é o princípio e o fim de todos os amores.⁶⁹ Em Deus, o amor não é um apetite sensitivo, como são as paixões no ser humano. Deus ama, mas não sofre paixões.⁷⁰

Santo Tomás afirma: “O amor divino é uma força concreta existente em Deus, sem nenhuma composição, pela qual Deus quer o bem a outros seres”.⁷¹ Ou seja, o amor divino é o primeiro movimento da vontade para o bem, e é também o movimento mais amplo, pois o amor visa o bem já obtido ou ainda a obter. Por isso, o amor é fundamental para todos os outros movimentos da vontade de Deus que quer o bem para todos os seres.⁷²

⁶³ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 162-63. *S. Th. Ia*, q. 19. a. 1. rep. 2.

⁶⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 163. *S. Th. Ia*, q. 19. a. 2. sol.

⁶⁵ PÈGUES. 2019, p. 27-29.

⁶⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 63. *S. Th. Ia*, q. 6. a. 4. sol.

⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 163. *S. Th. Ia*, q. 19. a. 2. sol.

⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 166. *S. Th. Ia*, q. 19. a. 4. sol.

⁶⁹ PÈGUES. 2019, p. 27-29.

⁷⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 177. *S. Th. Ia*, q. 20. a. 1. rep. 1.

⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 177. *S. Th. Ia*, q. 20. a. 1. rep. 3.

⁷² TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 176. *S. Th. Ia*, q. 20. a. 1. sol.

O amor de Deus é o ato da sua vontade ao passo que Ele, enquanto amante, quer o bem de cada coisa em si mesma, pois as ama de verdade.⁷³ Nas palavras do Doutor Angélico:

A cada ser existente Deus quer algum bem. Por onde, o amor não sendo senão querer bem a alguém, é claro que Deus ama tudo quanto existe. Não porém como nós, pois longe de ser causa da bondade das coisas, a nossa vontade é movida por essa bondade, como pelo seu objeto. [...] o amor de Deus infunde e cria a bondade dos seres.⁷⁴

Do amor decorre que o amante queira o amado, de algum modo ordenando-se a ele e constituindo uma unidade, donde se diz que o amor é uma força unitiva. Uma maior intensidade e intimidade do amor faz com que o amante se una ainda mais ao amado. A intensidade e a intimidade do amor que une as criaturas a Deus estão radicadas na bondade perfeita e suprema de Deus, das quais as criaturas são participantes ou semelhantes. Deus, imóvel, por amor, move todas as coisas para a união consigo, atribuindo-lhes perfeições e virtudes, na medida do possível.⁷⁵

Segundo Santo Tomás, o amor divino se realiza a partir de duas grandes virtudes: justiça e misericórdia. Deus é justo e exerce sua justiça, pois, sabendo a verdade e desejando o bem, dá a cada criatura tudo o que é necessário para que alcancem o seu fim proporcional.⁷⁶ A justiça de Deus não ocorre conforme a justiça comutativa, em que há uma troca equivalente, como no caso de uma relação de compra e venda. A justiça divina ocorre de maneira distributiva, segundo a qual Ele dá a cada um aquilo que corresponde à sua dignidade. A partir disso, o Aquinate afirma: “a ordem do universo manifesta, tanto nos seres naturais como nos seres dotados de vontade, a justiça de Deus”.⁷⁷

Deus é misericordioso, sendo todo-poderoso é infinitamente bom, socorre e tira os seus amados da miséria, do mal e do pecado com um amor ainda mais intenso do que a profundidade de tais males.⁷⁸ O Doutor Angélico infere: “a misericórdia máxima devemos atribuí-la a Deus; mas,

⁷³ TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**. São Paulo: Ecclesiae, 2016d, p. 158. I AG, 91.

⁷⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 178. *S. Th. Ia*, q. 20. a. 2. sol.

⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016d, p. 159. I AG, 91.

⁷⁶ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 51.

⁷⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 182. *S. Th. Ia*, q. 21. a. 1. sol.

⁷⁸ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 51-52.

quanto ao afeto e não, quanto ao efeito da paixão”.⁷⁹ Ou seja, a misericórdia é um efeito do amor divino, não uma paixão. Ela é a paixão daquele que se contrista pela miséria de outro como se fosse sua. O seu efeito é a atitude de afastar a miséria daquele que a sofre, como faria para afastá-la de si mesmo. Como já se disse, em Deus não há paixões. Porém, amando Ele quer o bem a toda criatura e age por vontade para eliminar os defeitos e atribuir perfeições. Por isso, a Ele se atribui o efeito da misericórdia em grau perfeito.⁸⁰

Portanto, o amor, que é o ato mais abrangente e primeiro da vontade, é um atributo operativo relativo ao bem. Ele decorre do bem que Deus mesmo é e que, por bondade, oferece aos seres. Esse amor oferecido será abordado enquanto virtude teologal da caridade no item 1.2.1.

Com referências a Santo Tomás, o Catecismo ensina que é pelo amor que Deus cria e conserva o mundo. Esse amor é o primeiro dom que Ele oferece às suas criaturas, pois é através dele que Deus as dispõe para seu fim último. No tocante à pessoa humana, esse mesmo amor a ordena para a salvação, por certa participação no amor na Trindade.⁸¹

1.1.3.4 O Amor: nome e essência de Deus

No *Tratado de Deo Trino* na *S. Th. Ia*, Santo Tomás muda a linguagem e afirma que Amor⁸² é um nome pessoal que pode ser atribuído ao Espírito Santo e que o amor é a essência de Deus, por isso se diz que Deus é amor.

O amor, enquanto nome e essência são entendidos ao interno do mistério da Trindade, pois o amor faz parte da vida íntima de Deus. Deus, ser subsistente por sua própria natureza, possui em si mesmo todos os princípios do seu ser e do seu agir, os quais se identificam e são sempre Ato Puro. Ele é a Verdade porque seu pensar é sempre atual. Ele é vivo, pois é a Vida mesma. Ele é o Bem, sempre em estado de Amor eterno.⁸³

O conhecimento acerca de Deus Uno e Trino, através da razão, é limitado àquilo que se pode alcançar por via de analogia, de afirmação,

⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 183. *S. Th. Ia*, q. 21. a. 3. sol.

⁸⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 183. *S. Th. Ia*, q. 21. a. 3. sol.

⁸¹ CATECISMO..., 2000, p. 21; 87; 88; 94; 119; 211; 244. CIGC 27; 293; 295; 313; 421; 733; 850.

⁸² Santo Tomás usa o termo Amor com letra inicial maiúscula quando o sentido é o de nome pessoal do Espírito Santo. Para o sentido de paixão ou de atributo ele usa sempre com letra minúscula.

⁸³ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 198.

de negação e de eminência. Mas o que é propriamente divino só se faz cognoscível aos seres humanos por via da Revelação que Deus mesmo faz de si e que é essencialmente sobrenatural. Somente por via da Revelação é que se pode conhecer o mistério da vida íntima de Deus: um só Deus, três Pessoas Divinas.⁸⁴

Em Deus há três pessoas: o Pai, princípio não principiado, origem do Filho e do Espírito Santo; o Filho, gerado pelo Pai, e do qual, conjuntamente com o Pai, procede o Espírito Santo; o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho. Os três são pessoas distintas umas das outras em Deus, mas não são distintas de Deus. Sendo cada um deles pessoas distintas, partilham da mesma natureza divina. Estão unidos e em relação desde a eternidade e para toda a eternidade.⁸⁵

Cada uma das pessoas divinas possui em si de modo infinito os atributos divinos e constitui a sua própria bem-aventurança no seio da divindade. É o mistério mais profundo revelado por Deus e o mais fecundo àqueles que se dedicam a amá-lo e entendê-lo.⁸⁶ A Revelação deste mistério não se dá para confirmar o conhecimento natural-racional. Antes, ela se dá para manifestar a vida íntima de Deus, elevando a pessoa humana à contemplação sobrenatural do mais alto objeto da fé.⁸⁷ As ações divinas que resultam em algo fora de Deus, são comuns às três Pessoas. Porém, há determinadas ações que, por conveniência e aproximação entre o ato e as características próprias de uma Pessoa Divina, são-lhe atribuídas. A isso se chama de apropriação.⁸⁸

No seio da Trindade, encontra-se o amor em grau perfeito. O Pai contempla a plenitude da verdade e ama a infinita bondade do Verbo. O Verbo, por sua vez, não apenas contempla o Pai como seu gerador, mas o ama como é amado. “E esse amor que Ele tem pelo Pai é um único e mesmo ato indivisível com o amor que o Pai tem por Ele”. Não é apenas recíproco, é o mesmo amor. Esse Amor é substancial, é vivo, é inteligente e é amante. É procedente das duas Pessoas Divinas, Pai e Filho, é o laço entre elas e é uma pessoa: o Espírito Santo.⁸⁹

Santo Tomás distingue dois modos de processão em Deus: a geração do Verbo e a espiração do Amor, Espírito Santo. A geração se dá segundo a natureza da ciência de Deus, de modo que todo gerador gera

⁸⁴ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 199-200.

⁸⁵ PÈGUES. 2019, p. 35-36.

⁸⁶ PÈGUES. 2019, p. 37.

⁸⁷ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 207.

⁸⁸ PÈGUES. 2019, p. 38.

⁸⁹ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 211.

algo a si semelhante e o intelecto se atualiza quando algo entende segundo a sua semelhança. A espiração se dá segundo a natureza da vontade, a qual se atualiza ao inclinar-se para algo querido. Por isso o Amor recebe o nome de Espírito, pois o termo designa uma moção vital e um impulso que move alguém a algo.⁹⁰

Considerando a comunicação do agir divino entre as pessoas da Trindade, Santo Tomás assim apresenta a solução do problema acerca da processão do Pai e do Filho por uma única espiração: “Como o Filho recebe do Pai a razão de proceder de si o Espírito, podemos dizer que o Pai, pelo Filho, espira o Espírito Santo, ou que este procede do Pai, pelo Filho”.⁹¹

Ao Filho, se atribui o nome de Verbo enquanto procede por geração da ciência divina, pois o termo verbo, aplicado a Deus, significa “conhecimento de quem o concebe”.⁹² Então, verbo é uma realidade procedente de outra e tratando-se de conhecimento diz respeito ao intelecto. Porém, o nome Verbo pode ser usado em sentido pessoal, pois o Verbo é a verdade procedente do Pai, mas não em sentido essencial, porque a essência divina não se limita a ser verbo, que é uma realidade procedente.⁹³

Quanto ao uso do termo amor enquanto nome de Deus, Santo Tomás afirma: “O nome de amor, em Deus, pode ser tomado em sentido essencial e pessoalmente”.⁹⁴ Pessoalmente se usa o nome de Amor para o Espírito Santo, de maneira análoga a qual se usa o nome de Verbo para o Filho. Ou seja, porque o Espírito Santo procede por uma espiração segundo a natureza da vontade de Deus.⁹⁵ Quando usado em sentido essencial, amor diz respeito ao Espírito Santo ser essencialmente o Amor espirado e, portanto, procedente do Pai e do Filho. Então o Espírito Santo não é o princípio de onde procede o amor, pois é o amor procedido. Sendo o amor e sendo pessoa, também o Espírito Santo ama.⁹⁶

Essencialmente, o Pai e o Filho não se amam pelo Espírito Santo, eles se amam essencialmente por sua bondade. Do amar um ao outro é

⁹⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 218. *S. Th. Ia*, q. 27. a. 4. sol.

⁹¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 266. *S. Th. Ia*, q. 36. a. 3. sol.

⁹² TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 255. *S. Th. Ia*, q. 34. a. 1. sol.

⁹³ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 255-258. *S. Th. Ia*, q. 34. a. 1. sol. / a. 2. sol.

⁹⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 269. *S. Th. Ia*, q. 37. a. 1. sol.

⁹⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 270. *S. Th. Ia*, q. 37. a. 1. sol.

⁹⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 270. *S. Th. Ia*, q. 37. a. 1. rep. 3.

que se dá a espiração do Amor. Nocionalmente, a partir das relações, é que se pode dizer que o Pai e o Filho se amam pelo Espírito.⁹⁷

Ainda, se pode dizer de Deus que Ele é amor porque todas as perfeições e atributos são comunicados entre as três Pessoas Divinas. Então, se o Espírito Santo é amor, igualmente o Pai e o Filho o são, mesmo que seja mais apropriado dizê-lo do Espírito Santo.⁹⁸ Também, em Deus, seu ser e agir, ou seja, seus atributos entitativos e operativos se identificam. Portanto, se em Deus há o amor como princípio dos atos da vontade, então o amor é um atributo operativo. Logo, o amor também expressa, de certo modo, a essência de Deus, por isso se diz: Deus é amor.⁹⁹

1.2 A VIRTUDE TEOLOGAL DA CARIDADE

O tema da caridade como uma virtude teologal encontra sua fundamentação na *S. Th. Ia IIae no Tratado das virtudes em geral*, com acento na questão 62 em que Santo Tomás explica o que é a virtude teologal e a partir da *S. Th. IIa IIae no Tratado da Caridade* com ênfase nas questões 23-31.

1.2.1 Virtude teologal

A definição de virtude de Santo Tomás é elaborada a partir da filosofia de Aristóteles, para quem a virtude é um hábito.¹⁰⁰ Hábito, por sua vez, recebe na *Suma Teológica* a definição do próprio Aristóteles: “chama-se hábito uma disposição em virtude da qual um ser é bem ou mal disposto, em si ou relativamente a outro”.¹⁰¹ A partir disso, o Aquinate infere que o hábito, sendo uma disposição para a ação, é, então, uma potência naturalmente ordenada ao seu ato e o ato, por sua vez, é o princípio da potência.¹⁰² Ou seja, o hábito é um ato enquanto qualidade e é uma potência enquanto princípio do agir.¹⁰³

⁹⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 271-272. *S. Th. Ia*, q. 37. a. 2. sol.

⁹⁸ PÈGUES. 2019, p. 38.

⁹⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**. São Paulo: Ecclesiae, 2016d, p. 646. IV AG, 19.

¹⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 323. *S. Th. Ia-IIae*, q. 55. a. 1. s.c.

¹⁰¹ ARISTÓTELES. **Metafísica**: Livro V – Lição XXIV. *apud* TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 292. *S. Th. Ia-IIae*, q. 49. a. 1. sol.

¹⁰² TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 294. *S. Th. Ia-IIae*, q. 49. a. 3. sol.

¹⁰³ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 294. *S. Th. Ia-IIae*, q. 49. a. 3. rep. 1

A partir da filosofia moral de Aristóteles, Santo Tomás entende que a virtude um hábito bom, e, portanto, ela é uma “certa perfeição da potência”.¹⁰⁴ A perfeição de uma potência, por sua vez, é considerada de acordo com o seu fim, que é o seu ato. As potências humanas são determinadas aos seus atos pelos hábitos, ou seja, são os hábitos relativos ao agir que permeiam a passagem de uma potência para o seu ato. Disso resulta que as virtudes são hábitos bons, pois a passagem da potência ao ato resulta numa ação boa.¹⁰⁵ Ainda, a virtude, enquanto hábito bom, é o reto uso do livre-arbítrio,¹⁰⁶ que se dá no agir de acordo com o juízo da reta razão e da boa vontade.¹⁰⁷

Os hábitos aos quais se chamam de virtudes humanas são hábitos operativos, ou seja, aqueles que dizem respeito ao agir. Existe um outro tipo de virtude que diz respeito às potências relativas à matéria e à potência relativa ao ser, mas o entendimento acerca destes é distinto do entendimento acerca das virtudes humanas.¹⁰⁸

Segundo Santo Tomás, a virtude humana, por ser uma perfeição da potência, necessariamente deve ser boa, pois se fosse má seria um defeito da potência. Sendo ordenada ao bem e sendo uma potência operativa ativa, a virtude humana é um “hábito imperativo, um hábito bom e operativo do bem”.¹⁰⁹ As virtudes humanas podem ser divididas em virtudes morais, que aperfeiçoam as paixões e têm o bem por objeto, e em virtudes intelectuais, que aperfeiçoam as potências apreensivas, têm a verdade como objeto e favorecem a reta atividade do intelecto.¹¹⁰

As virtudes permitem ao ser humano agir de tal modo a se aperfeiçoar por múltiplos atos meritórios, os quais lhe permitem receber a beatitude como um prêmio.¹¹¹ A beatitude, por sua vez, é a felicidade humana que só pode ser alcançada num bem superior a ele, e que é capaz de aperfeiçoá-lo. Esse bem é Deus, o Sumo Bem. Para alcançar a beatitude o ser humano precisa da visão beatífica, que, para o Aquinate, consiste em conhecer a Deus como Ele é em si mesmo. Ela é suficiente para fazer a pessoa humana feliz, pois é a perfeição da razão e da vontade,

¹⁰⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 323. *S. Th. Ia-IIae*, q. 55. a. 1. sol.

¹⁰⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 323. *S. Th. Ia-IIae*, q. 55. a. 1. sol.

¹⁰⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 324. *S. Th. Ia-IIae*, q. 55. a. 1. obj. 2.

¹⁰⁷ PÊGUES. 2019, p. 65-66.

¹⁰⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 325. *S. Th. Ia-IIae*, q. 55. a. 2. sol.

¹⁰⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 325. *S. Th. Ia-IIae*, q. 55. a. 3. sol.

¹¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 335. *S. Th. Ia-IIae*, q. 57. a. 1. sol.

¹¹¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 69. *S. Th. Ia-IIae*, q. 5. a. 7. sol.

a parte mais elevada do composto humano e que o influencia como um todo.¹¹²

Nas palavras de Santo Tomás:

Beatitude significa a obtenção do bem perfeito. Logo, quem quer que seja capaz de tal bem pode alcançá-la. Ora, como o seu intelecto pode apreender o bem universal e perfeito e a sua vontade pode apeteçê-lo, conclui-se que o homem é capaz do bem perfeito. E portanto, pode alcançar a beatitude.¹¹³

O Doutor Angélico afirma que a felicidade humana, proporcional à sua natureza, pode ser alcançada pelas capacidades da mesma natureza. Essa felicidade pode ser alcançada na sua vida terrena pelas virtudes. Dado que a felicidade perfeita consiste na beatitude e na visão beatífica, essa felicidade temporal é chamada de beatitude imperfeita. A visão beatífica, que é contemplação da essência de Deus, não é possível pelas capacidades naturais, pois excedem a natureza humana.¹¹⁴ A beatitude perfeita só é alcançada em plenitude na vida eterna. Durante a vida temporal é possível alcançar uma certa participação dela, seja pela esperança na beatitude perfeita ou por viver a beatitude imperfeita em certa semelhança à perfeita.¹¹⁵

Em auxílio à natureza humana criada, para que alcance a beatitude perfeita e sobrenatural, Deus mesmo acrescenta princípios que a ordenem para esse fim. Esses princípios são infundidos por Deus e são chamados virtudes teologais.¹¹⁶ As virtudes teologais são distintas das virtudes morais e intelectuais, pois o seu objeto é o próprio Deus.¹¹⁷ As virtudes teologais são três: a fé, que auxilia o intelecto por iluminação divina; a esperança, que ordena a vontade fazendo-a tender para o fim sobrenatural; a caridade, que une espiritualmente o ser humano ao seu fim sobrenatural e, de certo modo, transforma-o nesse fim.¹¹⁸

¹¹² PÊGUES. 2019, p. 105-107.

¹¹³ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 69. *S. Th. Ia-IIae*, q. 5. a. 1. sol.

¹¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 67. *S. Th. Ia-IIae*, q. 5. a. 5. sol.

¹¹⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 64. *S. Th. Ia-IIae*, q. 5. a. 3. sol. rep. 1.3.

¹¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 365. *S. Th. Ia-IIae*, q. 62. a. 1. sol.

¹¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 366. *S. Th. Ia-IIae*, q. 62. a. 2. sol.

¹¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 366. *S. Th. Ia-IIae*, q. 62. a. 3. sol.

Nos termos do próprio Aquinate:

A reta razão requer a reta ordem, porque o amor não pode ser reto se com anterioridade não se estabelece o devido fim de nossa esperança; e isto não é possível sem o conhecimento da verdade. Assim, a fé, que nos é necessária para conhecer a verdade, ocupa o primeiro lugar; logo a esperança orienta nosso desejo ao devido fim; e por último é necessária a caridade, pela qual se ordena totalmente o amor.¹¹⁹

Portanto, segundo Santo Tomás, as virtudes teologais ao mesmo tempo superam e supõem a capacidade humana, pois são causadas e infusas por Deus, mas realizadas pelo consentimento, adesão e agir do ser humano. Deus as oferece para que o homem e a mulher a Ele se ordenem, pois cada uma delas, a seu modo, tem Deus por objeto.¹²⁰

Quanto à relação das virtudes teologais e o agir cristão, assim o faz o Catecismo: “As virtudes teologais fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão”.¹²¹ É nesse sentido apresentado no ensinamento da Igreja que se propõe a caridade como chave de leitura do agir do *bom samaritano*.

1.2.2 A caridade: elevação do amor humano ao amor divino

A primeira definição de caridade proposta por Santo Tomás na Suma Teológica, dentro do *Tratado da Caridade*, é apresentada como amizade, como amor de benevolência, o amor de querer bem a alguém, que é distinto do amor de concupiscência, como já foi abordado anteriormente. Na mesma questão, o Aquinate, a partir de argumentos bíblicos, demonstra que a caridade é a amizade entre a pessoa humana e Deus.¹²²

¹¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. Carta a Reginaldo de Piperino. In: MEZARD. 2018a. p. 21.

¹²⁰ VEIGA, Bernardo. *A ética das virtudes segundo Tomás de Aquino*. Ecclesiae: Campinas, 2017. p. 226.

¹²¹ CATECISMO..., 2000, p. 488; CIGC 1813.

¹²² Já vos não chamarei servos, mas amigos meus. (Jo 15,15) Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à companhia de seu Filho. (1Cor 1,9) (Tradução bíblica conforme a Suma Teológica já referenciada).

Segundo o Aquinate, a caridade é a virtude teologal pela qual é possível ao ser humano a comunicação e a amizade íntima com Deus a partir da participação nele que é ao mesmo tempo a causa da beatitude.¹²³ Deus mesmo comunica à pessoa humana a sua felicidade, e essa comunicação se sustenta no amor de amizade, que é a caridade. “A caridade é a amizade entre o homem e Deus”.¹²⁴ Porque o homem e a mulher têm vida espiritual é que podem ter amizade com Deus e com os anjos. Durante sua vida terrena, essa caridade é imperfeita, porém, na vida eterna ela será perfeita.¹²⁵ Além disso, a caridade, sendo amor de amizade, une a pessoa humana a Deus.¹²⁶

A síntese formulada por Marin assim se apresenta:

A caridade é uma virtude teologal única, infundida por Deus na vontade, pela qual o justo ama a Deus por si mesmo com amor de amizade sobre todas as coisas e a si mesmo e ao próximo por Deus.¹²⁷

Thomas Pègues o.p., comentador de Santo Tomás, acerca do mesmo tema afirma que a amizade com Deus se sustenta na participação do ser humano na natureza divina. Pois é Deus mesmo quem eleva o homem e a mulher acima das capacidades de criaturas naturais e, de certo modo, dá-lhes a nobreza divina e a dignidade de filhos de Deus. Essa amizade permite à pessoa humana conhecer e amar a Deus como Ele conhece e ama a si mesmo, e ainda, dá-lhe a alegria de gozar da beatitude e da própria bem-aventurança.¹²⁸

Segundo Marin, o ser humano pode amar a Deus com amor de amizade porque a caridade divina, decorrente da bondade de Deus, é perfeita e amável por si mesma e, por graça, é destinada a ele.¹²⁹ Para o dominicano tomista, a amizade entre Deus e o ser humano é distinta da amizade entre os seres humanos, pois estes em nada se igualam a Deus para que ocorra a mútua reciprocidade que é própria da amizade. Mesmo assim, a caridade constitui verdadeira amizade entre Deus e homem. A

¹²³ PÈGUES. 2019, p. 181.

¹²⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161-162. S. *Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

¹²⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 162. S. *Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. rep. 1.

¹²⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 164. S. *Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 3. sol.

¹²⁷ La caridad es una virtud teologal única, infundida por Dios em la voluntad, por la cual o justo ama a Dios por si mismo com amor de amistad sobre todas las cosas y a sí mismo y al prójimo por Dios. (MARIN. 1960, p. 27, tradução nossa).

¹²⁸ PÈGUES. 2019, p. 181.

¹²⁹ MARIN. 1960, p. 31.

natureza divina é infinitamente superior à humana, porém, o Verbo se fez carne para comunicar o amor divino e oferecer a graça que eleva a pessoa humana à semelhança divina. Nenhum bem pode oferecer a criatura que Deus já não o tenha antes em grau infinito, porém a benevolência do ser humano para com Deus não consiste em desejar-lhe algum bem, senão em glorificá-lo em sua infinita bondade e comprazer-se nesse bem.¹³⁰

O mesmo comentador, entende que a pessoa humana, mesmo sem corresponder em igualdade ao amor de Deus, é capaz de oferecer o amor de amizade humano para Ele. Isso é possível porque esse mesmo amor que ela oferece é conatural ao amor que ela recebe de Deus, pois ele decorre da virtude da caridade e da graça santificante, as quais são fruto do amor divino. Nada pode o ser humano oferecer a Deus que não tenha dele mesmo recebido, porém, mesmo que tudo quanto ele tenha ou seja tenha sido recebido de Deus, o que Ele espera receber é o afeto do coração humano, como se fossem bens próprio do ser humano.¹³¹

Segundo Santo Tomás, a caridade é uma realidade criada na alma e comunicada por Deus de tal modo que possa a pessoa humana dela participar. O Espírito Santo, que habita o espírito humano, é ele mesmo o Amor divino, porém não é o movimento da caridade humana, pois se assim fosse, ela não seria voluntária e não teria o ser humano mérito algum nela. Antes, o Espírito move a vontade a amar de modo que ela mesma seja a causa eficiente de seu ato. Portanto, a caridade da pessoa humana é criada, livre, meritória e deleitável.¹³²

Na *Suma Teológica*, dentro do *Tratado da Caridade*, o Doutor Angélico explica que a caridade é uma virtude, não somente porque o agir caridoso está de acordo com a reta razão e boa vontade, mas também porque é o cumprimento da vontade de Deus.¹³³ O objeto de toda virtude moral é o bem, também o objeto do amor é o bem. Porém, o bem que é objeto do amor de caridade é um bem especial, pois é o bem divino. Disso resulta que a caridade é uma virtude especial, pois amor de caridade ama um bem especial, que é Deus.¹³⁴ O fim da caridade é a divina bondade e a comunicação da felicidade eterna.¹³⁵ Ainda, a caridade é a mais excelente virtude pois se dá segundo as regras da reta razão, da boa

¹³⁰ MARIN. 1960, p. 34-35.

¹³¹ MARIN. 1960, p. 34-35.

¹³² TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 162-163. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 2. sol. rep. 1.

¹³³ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 164. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 3. sol.

¹³⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 165. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 4. sol.

¹³⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 166. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 5. sol.

vontade e da vontade de Deus. Sua excelência se destaca até mesmo das demais virtudes teológicas, pois a caridade busca Deus para nele se satisfazer e repousar.¹³⁶ Desse modo, o Aquinate afirma que a caridade eleva as ações humanas e as demais virtudes, pois ela as ordena para o seu próprio fim, de modo que seja considerada a forma delas.¹³⁷

Reginald Garrigou-Lagrange, dominicano e comentador de Santo Tomás, em sua obra magna de espiritualidade *As três idades da vida interior*, afirma que um sujeito que vive a caridade não prescinde das demais virtudes e dons do Espírito Santo pois:

A caridade é o vínculo da perfeição, porque é a mais alta das virtudes, que une nossa alma a Deus; ela deve durar eternamente e vivifica todas as demais virtudes, tornando meritórios os seus atos, que ela ordena para o fim último, isto é, para seu objeto: Deus amado acima de tudo.¹³⁸

Como visto, o fim da caridade é o próprio Deus. Por isso, segundo o Aquinate, ela excede a capacidade da natureza humana, portanto não é natural. Ela é comunicada pelo próprio Deus, infusa pelo Espírito Santo, de modo que permite ao ser humano participar da caridade divina através da caridade criada.¹³⁹ O efeito da caridade na alma é a alegria espiritual, tal como a alegria do deleite é um efeito do amor no corpo.¹⁴⁰

Na Suma teológica fica expresso que o amor de caridade não se limita a amar a Deus, mas também se estende ao amor ao próximo, pois a razão do amor ao próximo é o próprio Deus. Amar ao próximo consiste em querer que ele esteja unido a Deus, por isso, amando-o é que se ama a Deus.¹⁴¹ O amor de caridade supõe a relação com Deus, que é o seu princípio, sua causa e o seu fim. Participam diretamente da caridade divina o anjo e o ser humano, e o corpo humano para qual a felicidade deriva. Sob esta perspectiva, os objetos da caridade são o amor de si e o amor ao próximo.¹⁴² O ato da caridade enquanto virtude é o amor,

¹³⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 167. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 6. sol.

¹³⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 169. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 8. sol.

¹³⁸ GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **As três idades da vida interior**. Tomo I. São Paulo: Cultor de Livros, 2021. p. 182-183.

¹³⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 171. *S. Th. IIa-IIae*, q. 24. a. 2. sol.

¹⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 216. *S. Th. IIa-IIae*, q. 28. a. 1. sol.

¹⁴¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 184. *S. Th. IIa-IIae*, q. 25. a. 1. sol.

¹⁴² TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 194. *S. Th. IIa-IIae*, q. 25. a. 12. sol.

portanto amar é a ação da caridade. À caridade é mais próprio amar do que ser amado, sem buscar retribuição do amor.¹⁴³

Santo Tomás afirma que:

A caridade, na via, pode aumentar. Pois somos viandantes, por tendermos para Deus, fim último de nossa felicidade. Ora, nesta via, tanto mais progredimos quanto mais nos aproximamos de Deus; e dele não nos aproximamos pelos passos do corpo, mas pelos afetos da mente.¹⁴⁴

Explicando o aumento da caridade, o Aquinate afirma que durante a vida o aumento da caridade corresponde ao aumento da semelhança com Deus, pois é através dela que acontece aproximação entre a pessoa humana e Deus.¹⁴⁵ A caridade não aumenta pela simples soma de atos de caridade, mas aumenta em intensidade, na medida em que o sujeito participa ainda mais dela, recorrendo cada vez mais à sua ação e fazendo-se dela dependente. Em suas próprias palavras: “A caridade aumenta por aplicar-se com intensidade ao sujeito, o que é aumentar essencialmente, e não, por acrescentar-se uma caridade à outra”.¹⁴⁶

Sobre o ensinamento da caridade, assim sintetiza o Padre Garrigou-Lagrange: a caridade é o caminho pelo qual trilhar para se aproximar de Deus. Nessa caminhada, a virtude da caridade como que cresce na alma do ser humano, aperfeiçoando-o no amor. Cada passo rumo à perfeição se realiza na generosidade do agir caridoso.¹⁴⁷ “A caridade realmente aumenta em nós, tornando-se mais profundamente enraizada na vontade, informando-a e determinando-a mais completamente aos bens sobrenaturais, conduzindo-a cada vez para mais longe do mal”.¹⁴⁸

Santo Tomás explica que no itinerário de vida, em que a virtude teologal da caridade pode aumentar no ser humano, fazendo-o aproximar-

¹⁴³ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 208. *S. Th. IIA-IIAE*, q. 27. a. 1. sol.

¹⁴⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 172. *S. Th. IIA-IIAE*, q. 24. a. 4. sol.

¹⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 172. *S. Th. IIA-IIAE*, q. 24. a. 4. sol.

¹⁴⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 174. *S. Th. IIA-IIAE*, q. 24. a. 5. sol.

¹⁴⁷ GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **The love of God and the Cross of Jesus**. Volume I. St. Louis: Herder Book Co., 1948, p. 366-367.

¹⁴⁸ “Charity really increases in us through becoming more deeply rooted in the will by informing it and determining it more completely to supernatural goods and leading it farther and farther from evil.” (GARRIGOU-LAGRANGE. 1948, p. 366-367, tradução nossa).

se de Deus pela beatitude imperfeita e garantir a beatitude perfeita na vida eterna, se distinguem três graus de caridade: incipiente, proficiente e perfeita. A caridade incipiente é aquela em que o homem e a mulher devem primeiro abandonar o pecado, resistir às tentações que o afastam dela, alimentá-la, estimulá-la, cuidando para que ela não pereça. A caridade proficiente é aquela em que o ser humano se esforça para progredir no bem. Nela, deve ele se esforçar para fortificá-la e aumentá-la. A caridade perfeita é aquela em que a pessoa humana se esforça para unir-se a Deus. “E isto é próprio dos perfeitos, que desejam dissolver-se e estar com Cristo”.¹⁴⁹

Marin, fundamentado no *Tratado da Caridade* de Santo Tomás, infere que a perfeição cristã consiste, de modo especial e particular, na perfeição da caridade. A perfeição cristã, também chamada de testemunho de santidade, acontece quando o homem e a mulher alcançam o seu fim último: unir-se a Deus e nada mais desejar.¹⁵⁰ Junto da caridade, Deus infunde no ser humano a graça santificante, que dela é inseparável, com a finalidade de que ele participe do amor da Trindade. São oferecidas na medida em que Deus mesmo as dispõe conforme sua divina vontade. A caridade é estreitamente ligada à vontade, pois seu ato é o movimento do amor em direção ao Sumo Bem, e o amor natural é o ato da vontade que também visa o Sumo Bem.¹⁵¹

Tratando da virtude teologal da caridade, assim a define o Catecismo da Igreja Católica:

A caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, por si mesmo, e a nosso próximo como a nós mesmos por amor de Deus.¹⁵²

Explicando a caridade, o Catecismo afirma que Jesus fez dela o novo mandamento. Cumprindo a Lei da caridade, aquele que o segue deve imitar o amor do Senhor e tornar-se o próximo do mais afastado, fazendo uma alusão à parábola do *bom samaritano*.

Por fim, para Santo Tomás, a Lei Divina se relaciona com a caridade porque tem por fim o amor de Deus, de tal modo que a sua intenção é a de unir a pessoa humana a Deus. A união do ser humano a Deus pela Lei se dá na medida em que ela visa formar boas pessoas, cujo

¹⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 178. *S. Th. IIa-IIae*, q. 24. a. 9. sol.

¹⁵⁰ MARIN. 1960, p. 77-78.

¹⁵¹ MARIN. 1960, p. 29-30.

¹⁵² CATECISMO..., 2000, p. 491. CIGC 1822.

intelecto busca a verdade e cuja vontade busca o bem. Somente o amor ao Sumo Bem que é Deus permite ao ser humano ser maximamente bom. Por isso, se encontram na Sagrada Escritura¹⁵³ referências à plenitude da Lei ser o amor ou a caridade.¹⁵⁴ É a partir da própria Lei do amor a Deus e do amor ao próximo que, no capítulo seguinte, será observada a resposta de Jesus ao legista, ilustrada na parábola do *bom samaritano*.

1.3 OS EFEITOS DO AMOR SEGUNDO SANTO TOMÁS

Conforme se explicou anteriormente, há distinções entre o amor natural e o amor sobrenatural. Também fora dito que o amor natural se encontra com o amor sobrenatural à medida em que as virtudes teologais permitem ao ser humano alcançar a beatitude. Entre as virtudes teologais que aproximam a pessoa humana de Deus se destaca a caridade, a qual constitui uma relação de amizade e intimidade entre ambos, permitindo à criatura humana participar da felicidade do Criador.

Aqui serão abordados os efeitos do amor, que são movimentos decorrentes do amor, os quais podem ser afetivos ou efetivos, como explicado anteriormente. Os efeitos do amor natural se dividem conforme aquelas divisões supracitadas: amor de concupiscência, que inclui a potência apetitiva e a potência apreensiva, e amor de amizade.

Logo depois serão abordados dois efeitos do amor de caridade. Primeiro, a misericórdia que é um efeito interno, predominantemente afetivo. Em segundo lugar, a beneficência que é um efeito externo,¹⁵⁵ predominantemente efetivo. Ambos são profundamente ligados, pois são movimentos decorrentes do mesmo amor de caridade, porém um diz respeito ao sentir e o outro ao agir, respectivamente. Por fim, será abordada a esmola, que decorre da beneficência, porém com ênfase ao fazer bem ao mais necessitado.

Estes efeitos do amor serão os critérios para a interpretação da parábola do *bom samaritano*, no capítulo seguinte. Os mesmos efeitos servirão de critérios, no terceiro capítulo, para interpretar as cartas

¹⁵³ “A finalidade desta admoestação é a caridade”. (BÍBLIA..., 2002. p. 2069. 1Tm 1,5). “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento”. (BÍBLIA..., 2002, p. 1744. Mt 22, 37-38).

¹⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016d, p. 529. III AG,116.

¹⁵⁵ Os atos externos, ou efeitos externos, são considerados virtudes porque pertencem a uma determinada virtude, a qual lhes conduz à prática. (TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 233. *S. Th. IIa-IIae*, q. 31. a. 1. sol.)

encíclicas *Deus caritas est*, de Bento XVI, e *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, a fim de explicitar o chamado aos fiéis e pessoas de boa vontade a viverem norteados pelo amor.

1.3.1 Efeitos do amor natural

Os efeitos do amor natural são abordados, por Santo Tomás, na Suma Teológica *Ia IIae*, ao interno do *Tratado das paixões da alma*. Tais efeitos são três: a união, o êxtase e o zelo.

1.3.1.1 União

Segundo Santo Tomás, o efeito unitivo do amor natural pode se desenvolver de dois modos: um real, quando o amado está presencialmente diante do amante; o outro pelo afeto. Ambos os casos dependem da potência apetitiva e da apreensão dela consequente. Tanto do amor de concupiscência quanto do amor de amizade procede alguma união entre amado e amante.¹⁵⁶

A união real, presencial, é causada pelo amor de modo efetivo. Nela, o amante, amando, tem a necessidade de buscar a presença do amado, como algo que lhe convém ou que lhe pertence. A união pelo afeto é causada pelo amor de modo formal, pois o próprio amor é o vínculo de unidade. A união formal, do afeto, é condição para a união real.¹⁵⁷

Para o Aquinate, da união do amante e do amado resulta certa inerência, da qual decorre que o amado, de certo modo, esteja no amante. Quanto à apreensão, o amado está no amante enquanto conhecido, e como aquilo, ou aquele, a quem ele não se contenta de conhecer apenas superficialmente. Antes, o amante quer conhecer cada vez mais intimamente tudo o que diz respeito ao amado.¹⁵⁸

A inerência do amado no amante, quanto à potência apetitiva, se dá quando o amado está no amante de modo que lhe provoca uma complacência do afeto, o deleite ou êxtase, quer seja por seus bens ou quer seja pela sua presença. O amor de concupiscência, na ausência do amado, move o amante a buscá-lo. O amor de amizade, na ausência do bem desejado ao amado, move o amante na sua busca.¹⁵⁹

¹⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 185. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 1. sol

¹⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 185. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 1. sol

¹⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 186. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol

¹⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 186-187. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol

A inerência do amante no amado se dá de dois modos distintos. Pelo amor de concupiscência, de modo que o amante queira fruir do amado não apenas de modo superficial, mas completa e perfeitamente, penetrando-lhe até o íntimo. Pelo amor de amizade, o amante está no amado porque reconhece como seus os bens e males do amigo e como sua a vontade dele. Essa inerência do amor de amizade é mútua entre os amigos.¹⁶⁰

1.3.1.2 Êxtase sobre o apetite

Segundo Santo Tomás, o amor de concupiscência é uma potência apetitiva, como visto anteriormente. O êxtase sobre o apetite ocorre quando o sujeito, movido pelo apetite, busca algum objeto fora de si mesmo, quando o amante busca fruir algo que a ele é extrínseco.¹⁶¹ Pois, “quem ama alguma coisa, quase desejando-a, apreende-a como necessário ao seu bem-estar”. De certo modo o amante sai de si, ao passo que busca fora um contentamento que não encontra em si mesmo.¹⁶²

Porém, a busca pela satisfação do apetite não pode fazer com que o amante saia de si absolutamente, pois o êxtase, que é a solução do apetite, tem seu fim no próprio amante. No caso da potência apreensiva, o êxtase se dá ao meditar no ser amado, seja por elevação, como é o caso da meditação das verdades que superam a capacidade da razão e dos sentidos, ou seja por rebaixamento quando se move pela fúria ou pela loucura.¹⁶³

No caso do amor de amizade, o êxtase se dá todo no amado, a quem o amante quer bem e para quem ele pratica o bem “dele tomando cuidado e providência”.¹⁶⁴ O bem querer do amante ao amado se dá na medida em que “quem ama alguém por amor de amizade quer-lhe o bem que quer para si mesmo, e por isso o apreende como outro eu, enquanto quer-lhe o bem, do referido modo”.¹⁶⁵ Na conclusão desse raciocínio, Santo Tomás cita Santo Agostinho: “Disse muito bem quem definiu o amigo como metade da própria alma”.¹⁶⁶

¹⁶⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 187. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol

¹⁶¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 187-188. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 3. sol

¹⁶² TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 185. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 1. sol

¹⁶³ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 187-188. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 3. sol

¹⁶⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 188. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 3. sol

¹⁶⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 185. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 1. sol

¹⁶⁶ AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística v. 10), p. 98. IV Confessiones, 6.

1.3.1.3 Zelo

Segundo Santo Tomás, o zelo, em amplo sentido, é efeito do amor, pois é natural do amor mover ao amado e excluir tudo o que a ele repugna. Quanto mais intenso é amor, tanto mais intenso deve ser a busca do amante e o zelo a ele atribuído, de modo que mais fortemente se afaste o que lhe é contrário e repugnante. O zelo se dá de modo distinto no amor de concupiscência e no amor de amizade.¹⁶⁷

No amor de concupiscência, o amante, para fruir tranquilamente do ser que ama, se move contra tudo o que repugna à consecução de tal fruição. O amor de amizade, por sua vez, leva o amante a se opor a tudo o que repugna ao bem do amigo.¹⁶⁸

1.3.2 Efeitos do amor de caridade

A misericórdia é classificada por Santo Tomás enquanto efeito interior do amor de caridade. A beneficência e a esmola, por sua vez, são classificadas como efeitos exteriores do mesmo amor. Ambas são subordinadas à caridade, e dela decorrentes.

1.3.2.1 Misericórdia

A definição de misericórdia de Santo Tomás de Aquino é tomada a partir da definição de dois outros santos teólogos. A primeira é a de São João Damasceno: “a misericórdia é uma espécie de tristeza”.¹⁶⁹ A segunda de Santo Agostinho: “Que é a misericórdia senão certa compaixão da miséria alheia nascida em nosso, que, se podemos, nos força a socorrê-la?”.¹⁷⁰ A partir delas, o Aquinate apresenta sua síntese: “a misericórdia é assim chamada de termos o coração comiserado pela miséria alheia. Ora a miséria se opõe à felicidade”.¹⁷¹

Marin explica que a misericórdia é a virtude, efeito interno da caridade, pelo qual se tem o coração compassivo – *miserum cor* – diante da miséria alheia. Sem a caridade, apenas pelo amor natural, existe a compaixão. Essa, por sua vez, mesmo que seja um sentimento humano

¹⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 188. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 4. sol

¹⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 188-189. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 4. sol

¹⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 224. *S. Th. IIa-IIae*, q. 30. a. 1. s.c.

¹⁷⁰ AGOSTINHO DE HIPONA. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. Parte I. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 346. *De Civitate Dei*, IX, 5: PL 41, 261.

¹⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 224. *S. Th. IIa-IIae*, q. 30. a. 1. sol.

nobre, não é uma virtude cristã, a não ser quando aliada à virtude da misericórdia.¹⁷²

Para Santo Tomás a miséria implica no sofrimento daquilo que não se quer sofrer. Por isso, enquanto um mal, incita a misericórdia, pois ela contraria o apetite natural e é o oposto daquilo que naturalmente o ser humano deseja. A miséria incita ainda mais a misericórdia quando ela contraria a escolha da vontade, seja porque aconteceu um mal quando se almejava o bem, ou seja por que o mal ocorreu a quem sempre buscou o bem. Portanto, a misericórdia “tem sobretudo por objeto os males de quem os sofre sem as merecer”.¹⁷³ A misericórdia sempre diz respeito à miséria alheia, pois ela é relativa ao outro e não voltada para o próprio eu.¹⁷⁴

Desse modo, no pensamento do Aquinate, a misericórdia, enquanto dor para com a miséria alheia, pode ser considerada um movimento do apetite sensitivo, donde decorre que, de certo modo, a misericórdia é uma paixão. Porém, de outro modo, a misericórdia, enquanto desagrado do mal sofrido pelo outro, pode ser considerada um movimento do apetite intelectual, o qual pode ser guiado pela razão e ser o regulador da misericórdia enquanto paixão. Dado que a misericórdia é um movimento da alma intelectual sob a guia da razão, a consequência disso é que ela é considerada como uma virtude.¹⁷⁵

Sendo a caridade a maior de todas as virtudes, porque ela une a pessoa humana a Deus, a misericórdia, por sua vez, sendo a ela subordinada, é uma virtude elevadíssima. Por isso, Santo Tomás infere que dentre todas as virtudes que dizem respeito ao próximo, a misericórdia é a maior de todas, assim como o agir misericordioso é o mais importante, pois remediar as necessidades de alguém é próprio de quem é superior ou melhor.¹⁷⁶

Deste modo, a caridade une a Deus, que é superior, a partir do afeto. A misericórdia, porém, move para o bem de quem está em condição inferior, de modo que as ações misericordiosas assemelham o agir humano ao agir de Deus.¹⁷⁷ “Contudo, o afeto interior da caridade, pelo

¹⁷² MARIN. 1960, p. 417-418.

¹⁷³ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 225. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 30. a. 1. sol.

¹⁷⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 225. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 30. a. 1. rep. 2.

¹⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 227. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 30. a. 3. sol.

¹⁷⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 228. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 30. a. 4. sol.

¹⁷⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 229. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 30. a. 4. rep. 3.

qual nos unimos com Deus, prepondera sobre o amor e a misericórdia para com o próximo”.¹⁷⁸

Pêgues sintetiza esse pensamento afirmando que a misericórdia é um efeito da caridade, pois ela é predominantemente um amor afetivo, pois lhe é próprio compadecer-se das misérias de outrem, considerando-as como se fossem suas próprias misérias. Também, a misericórdia é uma virtude de alta nobreza, pois é uma virtude do próprio Deus, não porque Ele seja afetado pelo mal das criaturas, mas porque o seu o amor o impele a oferecer-lhes benefícios.¹⁷⁹

1.3.2.2 Beneficência

Segundo o argumento de Santo Tomás, o amor de caridade é uma espécie de amizade, e considerando que entre os atos de amizade se encontra o ato de fazer bem ao amigo, e que fazer o bem é praticar a beneficência, decorre disso que a beneficência é ato da caridade.¹⁸⁰ Marin explica esse argumento afirmando que a beneficência consiste em fazer o bem a alguém como gesto externo da benevolência que é interna. Sem a caridade, os atos de beneficência são relativos à justiça, quando se faz o bem por um dever, ou à liberalidade, quando se faz o bem gratuitamente, mas não pela fé ou pela caridade.¹⁸¹

Para Santo Tomás, beneficência nada mais é do que fazer o bem a alguém. É próprio daquele que ama com amor de amizade, e, portanto, amor de caridade, agir a fim de realizar o bem a quem se ama. Assim como a vontade move o agir de modo a realizar o bem para si mesmo, o amor de amizade move a operar o mesmo bem ao amado, pois fazer o bem ao amigo é ato próprio da amizade. Porém, a mesma beneficência, quando move a fazer o bem a outrem, que não o amigo, é considerada uma virtude especial.¹⁸² Ainda, quando o ato de fazer o bem a alguém não decorre da caridade, esse ato beneficente não corresponde à beneficência.¹⁸³

De modo geral, todos os atos de fazer o bem a alguém se reduzem ao amor.¹⁸⁴ A beneficência tem como objeto o mesmo objeto da caridade.

¹⁷⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 229. *S. Th. IIa-IIae*, q. 30. a. 4. rep. 2.

¹⁷⁹ PÊGUES. 2019, p. 186.

¹⁸⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 229. *S. Th. IIa-IIae*, q. 31. a. 1. s.c.

¹⁸¹ MARIN. 1960, p. 420.

¹⁸² TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 229. *S. Th. IIa-IIae*, q. 31. a. 1. sol.

¹⁸³ VEIGA. 2017, p. 232.

¹⁸⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 233. *S. Th. IIa-IIae*, q. 31. a. 4. rep. 2.

Por isso ela é considerada uma virtude especial, pois ela não é distinta da caridade, mas é o ato próprio dela.¹⁸⁵ O objeto próprio da caridade, segundo Santo Tomás, é o amor a Deus e o amor ao próximo por amor a Deus.¹⁸⁶

Para Santo Tomás, é natural a todos que pratiquem a beneficência para com aqueles que são mais próximos: consanguíneos, concidadãos, fiéis e etc.¹⁸⁷ Ainda assim, a todos se deve estender o amor de caridade e, consequentemente, a todos se deve estender os atos de beneficência, sobretudo, quando move os seres superiores a atenderem às necessidades dos inferiores. Isso deve ocorrer de modo adequado às circunstâncias de lugar e de tempo.¹⁸⁸ Em termos absolutos, não é possível estender a caridade e a beneficência a todos. Porém, convém àquele que vive a caridade estar disponível a beneficiar alguém quando a ocasião de fazê-lo se apresentar.¹⁸⁹

1.3.2.3 Esmola

Bernardo Veiga, comentador de Santo Tomás e tradutor de suas obras para o português do Brasil, sintetizando o argumento de Santo Tomás afirma que a esmola, enquanto virtude, é um ato externo que decorre da misericórdia e da beneficência e, portanto, da caridade. Ela consiste em dar os seus bens de duas formas: esmola corporal e esmola espiritual, conforme as circunstâncias.¹⁹⁰ Pêgues, relacionando-a às virtudes anteriormente citadas, afirma que a esmola, assim como a misericórdia e a beneficência, é uma virtude de alta nobreza, pois além de imitar o agir de Deus para com a criação, é um ensinamento do Evangelho e um dos critérios divinos para fundamentar a sentença do dia do juízo, seja para o prêmio, seja para a condenação.¹⁹¹

Santo Tomás afirma que a esmola está ligada à beneficência porque o seu ato concreto é fazer o bem. Porém, ela está ainda mais ligada à misericórdia, pois o ato beneficente da esmola é direcionado àquele por quem se sente misericórdia, ou seja, àquele que, em sua miséria, sofre

¹⁸⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 232-233. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 31. a. 4. sol.

¹⁸⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 182-183. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 25. a. 1. sol.

¹⁸⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 231. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 31. a. 3. sol.

¹⁸⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 230. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 31. a. 2. sol.

¹⁸⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 230. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 31. a. 2. rep. 1.

¹⁹⁰ VEIGA. 2017, p. 233.

¹⁹¹ PÊGUES. 2019, p. 187.

alguma necessidade. “Por onde é manifesto que dar esmola é propriamente ato de misericórdia”.¹⁹²

Dado que é um efeito externo da caridade, dar esmola se fundamenta na misericórdia, pois ela consiste na compaixão, capacidade de sentir em si a paixão do outro pelo apetite sensitivo. A misericórdia, por sua vez, decorre da caridade que se fundamenta no amor de Deus.¹⁹³

Segundo Marin, o elenco das obras de misericórdia, as quais Santo Tomás chama de esmola, é de tradição antiquíssima na Tradição da Igreja. Sempre consta de sete obras de misericórdia corporal e sete obras de misericórdia espiritual. Todas elas encontram muitas recomendações na Sagrada Escritura, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento.¹⁹⁴

A esmola corporal se realiza nas circunstâncias em que as necessidades do próximo dizem respeito ao seu corpo. Cada miséria corporal tem a sua esmola, ou obra de misericórdia, relativa: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; recolher os peregrinos; visitar os enfermos; redimir os cativos; sepultar aos mortos.¹⁹⁵

Dentre as indicações de esmola corporal na Sagrada Escritura, destaca-se o discurso de Jesus sobre o último julgamento:

Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. [...] Em verdade vos digo: ‘Cada vez que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes’.¹⁹⁶

Quanto à esmola de sepultar os mortos, ela não consta como recomendação nos evangelhos. Porém, consta a narrativa do sepultamento do Senhor:

¹⁹² TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 233. *S. Th. IIa-IIae*, q. 32. a. 1. sol.

¹⁹³ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 233. *S. Th. IIa-IIae*, q. 32. a. 1. sol.

¹⁹⁴ MARIN. 1960, p. 422.

¹⁹⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 235. *S. Th. IIa-IIae*, q. 32. a. 2. sol.

¹⁹⁶ BÍBLIA..., 2002, p. 1750. Mt 25,34-36.40. Outras citações sobre as mesmas esmolas corporais podem ser encontradas em: Pr 25,21; Lc 3,11;9,13; Is 42,6-7;58,7; Ez 18,7; Tb 2,2-3; Mt 10,42; Tg 2,14-16; Hb 13,2; Tg 5,14; Mc 6,13; At 24,23.

Eles tomaram então o corpo de Jesus e o envolveram em faixas de linho com os aromas, como os judeus costumam sepultar. Havia um jardim, no lugar onde ele fora crucificado e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ninguém fora ainda colocado. Ali, então, por causa da Preparação dos judeus e porque o sepulcro estava próximo, eles depuseram Jesus.¹⁹⁷

De modo semelhante, a esmola espiritual se realiza nas circunstâncias em que as necessidades do próximo dizem respeito à sua alma. Essas, conforme as circunstâncias, podem ser supridas primeiro pedindo o auxílio divino e depois aplicando o auxílio humano. Cada miséria espiritual tem a sua esmola, ou obra de misericórdia, relativa: rogar a Deus uns pelos outros em suas necessidades e pelos defuntos; instruir os ignorantes, aqueles que têm necessidade quanto ao intelecto especulativo; dar bons conselhos àqueles que têm necessidades quanto ao intelecto prático; consolar os tristes; corrigir os pecadores; perdoar aos que ofendem; oferecer suporte aos fracos.¹⁹⁸

As esmolas espirituais não aparecem na Sagrada Escritura agrupadas em uma perícopae, como é o caso das esmolas corporais. Em diversos trechos elas aparecem como testemunho ou como recomendação da sua prática. Como se pode observar nos exemplos de Paulo e de Esdras a seguir:¹⁹⁹

A Palavra de Cristo habite em vós ricamente: com toda a sabedoria ensinai e admoestai-vos uns aos outros, e em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos, hinos e cânticos espirituais.²⁰⁰

¹⁹⁷ BÍBLIA..., 2002, p. 1892. Jo 19,40-42. Outras citações sobre sepultar os mortos podem ser encontradas em: Ez 39,14; Tb 1,17-18;12,12; Gn 47,30; At 5,1-11; 7,55-8,3.

¹⁹⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 235. *S. Th. IIA-IIAE*, q. 32. a. 2. sol.

¹⁹⁹ Outras citações bíblicas que contém esmolas espirituais podem ser encontradas em: 1Cor 13,7;14,1-12.31; 2Cor 1,4-7;2,7-10; Gl 5,13-15, Ef 4,2.17-32;6,18-19; Dn 4,16-24; Tito 1,9-13;2,15; Rm 15,1.14; At 20,32; Mc 6,34;11,25-26; 1Tm 2,1.15; 2Tm 2,25;3,16;4,2; Pr 28,23; Mt 5,44;6,12-15;18,15-35; 1Ts 4,18; Is 61,1-12; Col 3,13; Lc 6,28.37; 1Pd 4,7-10; Tg 5,16; Fl 1,4.9-11; 2Mac 12,42-46

²⁰⁰ BÍBLIA..., 2002, p. 2058. Col 3,16.

E tu, Esdras, segundo a sabedoria de Deus, que tens em mãos, estabelecerás escribas e juizes que administram a justiça para todo o povo da Transeufratênia, para todos o que conhecem a Lei de teu Deus. E deverás ensiná-la a quem não a conhece.²⁰¹

Segundo o ensinamento bíblico, as esmolas evidenciam a vida de fé,²⁰² cobrem os pecados²⁰³ e purificam quem as pratica.²⁰⁴ O ensinamento da Tradição da Igreja entende que a sua prática é o principal testemunho de caridade fraterna e de justiça agradável a Deus. Ajudar aos necessitados em suas privações materiais, injustiças, enfermidades físicas e psíquicas e na morte é o exercício concreto da caridade e uma forma de exercer o amor preferencial aos pequeninos ensinado pelo próprio Senhor.²⁰⁵

Santo Tomás faz uma consideração sobre a nobreza das emolas espirituais e corporais, a qual será retomada na interpretação da parábola do *bom samaritano*. Normalmente, as esmolas espirituais são consideradas mais nobres do que as emolas corporais, pois o dom espiritual tem proeminência sobre o dom corporal, afinal o espírito é mais nobre do que o corpo. Porém, há certos casos em que a circunstâncias exigem que a esmola corporal seja preferível à espiritual. Por exemplo: ao faminto cabe, antes, dar-lhe de comer do que lhe ensinar.²⁰⁶ Além disso, a esmola corporal pode produzir efeito espiritual de dois modos. Primeiro, ela se faz obra espiritual com relação à sua causa: o amor de Deus e do próximo, que é a caridade infusa. Segundo, o beneficiado pela esmola corporal pode orar por seu benfeitor.²⁰⁷

O amor ao próximo é um preceito divino. Por consequência, querer bem ao próximo, com amor de amizade e caridade, e fazer-lhe bem, por beneficência ou esmola, também o são, pois o mandamento do amor é plenamente vivido.²⁰⁸ A justificativa bíblica para esse argumento, citada por Santo Tomás, diz: “*Não amemos de palavra nem de língua, mas por obra e em verdade*” (1Jo 3,18)

²⁰¹ BÍBLIA..., 2002, p. 636. Esd 7,25.

²⁰² BÍBLIA..., 2002, p. 2108-2109. Tg 2,8-26.

²⁰³ BÍBLIA..., 2002, p. 2118. 1Pd 4,7-11.

²⁰⁴ BÍBLIA..., 2002, p. 1810. Lc 11,41.

²⁰⁵ CATECISMO..., 2000, p. 632-633. CIgC 2447-2449.

²⁰⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 236-237. *S. Th. IIa-IIae*, q. 32. a. 3. sol.

²⁰⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 237. *S. Th. IIa-IIae*, q. 32. a. 4. sol.

²⁰⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 238. *S. Th. IIa-IIae*, q. 32. a. 5. sol.

A caridade, e seus efeitos, ainda que pequena ou em crescimento na alma humana, deve movê-la a amar a Deus sobre todas as coisas e amar a si e ao próximo por amor de Deus, conforme ensina o preceito. O próximo, desse mesmo preceito, não exclui a ninguém, pois qualquer exclusão destrói a caridade na alma humana, pois é pecado grave.²⁰⁹ É a luz de todo o ensinamento sobre o amor, segundo Santo Tomás de Aquino e da atualização do Pe. Garrigou-Lagrange, de que o amor não exclui, que se pretende, no próximo capítulo, interpretar a parábola do *bom samaritano*.

²⁰⁹ GARRIGOU-LAGRANGE. 1948, p. 365-366.

2 A PARÁBOLA DO *BOM SAMARITANO*

A parábola do *bom samaritano*, do Evangelho de Lucas 10, 25-37,²¹⁰ é a perícopa bíblica escolhida para ser interpretada à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino. Nela será possível exemplificar os efeitos do amor natural e também os efeitos do amor de caridade a partir dos gestos daquele samaritano que na Tradição recebeu o nome de *bom*.

O próprio Santo Tomás de Aquino não escreveu um comentário sobre o Evangelho de Lucas. Ele escreveu um comentário sobre o Evangelho de Mateus, o qual, se acreditava na época ser o primeiro dentre os outros e a fonte deles. Além disso, existe o registro de uma homilia feita por Santo Tomás no XIII Domingo após a solenidade da Santíssima Trindade, na qual ele pregou a partir do Evangelho de Lucas 10,30.²¹¹

2.1 EXEGESE DA PARÁBOLA DO *BOM SAMARITANO*

Afim de situar o texto da parábola, além de citá-lo a partir da *Bíblia de Jerusalém*, apresentar-se-ão contribuições exegéticas de Joseph Fitzmyer e François Bovon, que ajudam a interpretar o texto. A partir do aprofundamento exegético feito no texto nesta parte, é que, mais adiante, tornar-se-á possível aplicar a teologia do amor de Santo Tomás na sua interpretação.

A divisão da perícopa apresentada na Bíblia de Jerusalém e nos dois exegetas citados se dá em duas partes: a primeira, dos versículos 25-28 e a segunda, dos versículos 29-37. A divisão apresentada neste capítulo se dá em três partes: a primeira, dos versículos 25-29, a segunda, dos versículos 30-35, e a terceira, dos versículos 36-37. A escolha por uma tríplice divisão se dá pela separação do texto em três seções: o

²¹⁰ Quanto às citações de termos ou de partes do texto de Lc 10,25-37 usar-se-á a Bíblia de Jerusalém. Para aprofundamento, recorrer-se-á ao texto grego, articulando duas fontes: NUEVO TESTAMENTO interlineal griego-español. Barcelona: Clie, 1984 que contém o texto grego de Nestle-Aland; e NOVO TESTAMENTO interlinear grego-português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009 para fazer a comparação da tradução literal, a fim de buscar o sentido literal em língua portuguesa.

²¹¹ TOMÁS DE AQUINO. **Aquinas' Homily Notes on Luke 10,23-37**. The Divine Lamp. [s.l.]: 2011. Disponível em: <https://thedivinelamp.wordpress.com/2011/08/30/aquinas-homily-notes-on-luke-1023-37-for-sunday-mass-sept-4-extraordinary-form/> Acesso em: 02/05/2022.

diálogo sobre o maior mandamento e a pergunta sobre quem é o próximo; a parábola do *bom samaritano*; e, por fim, o diálogo conclusivo.

2.1.1 O grande mandamento: Lucas 10,25-29

A parábola do *bom samaritano* é antecedida por um breve diálogo, que na Bíblia de Jerusalém recebeu o título de *O grande mandamento*, no qual um legista tenta experimentar Jesus:

E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Ele disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?” Ele, então, respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”. Jesus disse: “Respondeste corretamente; faze isso e viverás”. Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”.²¹²

A presente perícopes tem paralelos nos evangelhos de Mateus²¹³ e de Marcos²¹⁴. Nesses, a pergunta é dirigida a Jesus, buscando saber a

²¹² BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,25-29.

²¹³ “Os fariseus, ouvindo que ele fechara a boca dos saduceus, reuniram-se em grupo e um deles – a fim de pô-lo à prova – perguntou-lhe: ‘Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?’ Ele respondeu: Amarás o senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”. BÍBLIA..., 2002. p. 1744. Mt 22,34-40. No texto grego: ἀγαπήσεις – literalmente: amarás. O mesmo verbo usado por Lucas em 10,27. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 99.; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 93.)

²¹⁴ “Um dos escribas que ouvira a discussão, reconhecendo que respondera bem, perguntou-lhe: ‘Qual é o primeiro de todos os mandamentos?’ Jesus respondeu: ‘o primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este’. O escriba disse-lhe: ‘Muito bem, Mestre, tens razão de dizer que Ele é o único e que não existe outro além dele, e amá-lo de todo o coração, de toda a inteligência e com toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo vale mais do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios’. Jesus, vendo que ele respondera com inteligência, disse: “Tu não

diz a *Lei*, mas como ele a interpreta. As perguntas de Jesus fazem referência à Torá, e especificamente à Lei de Moisés.²¹⁹

O grande mandamento “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”²²⁰ é ponto central deste diálogo. No texto grego, Lucas usa o verbo ἀγαπήσεις²²¹ cujo radical é ἀγαπάω que significa tratar com amor, amar, querer ou preferir.²²² O mesmo verbo também significa estimar em grau elevado, e é familiar ao substantivo ἄγατη que significa admiração, maravilha, estupor e, também, é familiar ao adjetivo ἀγαπητός que significa amado, querido, amável e desejável. Ainda, o mesmo verbo contém em si o significado de demonstrar o amor que se tem, amar sinceramente, tratar com afeto, considerando que este verbo molda o relacionamento interpessoal a partir de um profundo apreço e alta consideração para com o amado.²²³

Nas redações do mandamento do amor a Iahweh e do amor ao próximo, no Deuteronômio e no Levítico o verbo hebraico amar, ali escrito é: אָהַב.²²⁴ Nas traduções dos mesmos livros do hebraico para o grego na Septuaginta, usou-se o verbo grego ἀγαπάω.²²⁵ Na redação dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, as referências a esses mandamentos repetem o verbo utilizado na tradução da Septuaginta ao fazerem referência ao Deuteronômio e ao Levítico. Também João, ao escrever sobre o *Novo Mandamento*, utiliza o verbo grego ἀγαπάω.²²⁶

Sobre esse entendimento acerca do verbo amar é que se desenvolverá, a seguir, a exegese da perícope. Também, apresentar-se-á

²¹⁹ FITZMYER. 1986a. p. 268.272.

²²⁰ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,27. No texto grego: ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεὸ σου καὶ ὅλης τῆς καρδίας σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου καὶ ἐν ὅλῃ ἰσχύι σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ διανοίᾳ σου, καὶ τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτὸ – literalmente: Amarás Senhor o Deus teu de todo coração teu e com toda a alma tua e com toda a força tua e com toda a mente tua, e o próximo teu como a ti mesmo. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 279; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 266.)

²²¹ NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 279; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 266.

²²² PEREIRA. 1976, p. 312.

²²³ LOUW, Johannes; NIDA, Eugene A. **Léxico grego-português do novo testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. p. 263-264.

²²⁴ ZITMAN, Idel. Dicionário hebraico-português. Rio de Janeiro: Biblos, 1965. p. 3.

²²⁵ PEREIRA. 1976, p. 312.

²²⁶ NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 405. Jo 15,34.

o entendimento de Santo Tomás sobre a Lei do amor a Iahweh e ao próximo à luz do *Comentário ao Evangelho de Matheus*, naquilo que se poderá fazer a equiparação. Ainda, tal compreensão permitirá entender a moldura na qual a parábola a ser interpretada está inserida. Este caminho servirá para interpretar o agir do samaritano na parábola e a resposta final do legista a Jesus à luz da teologia do amor abordada no primeiro capítulo.

2.1.1.1 A Lei do amor a Iahweh

Nos códigos legais do Pentateuco e dos Livros Históricos, é recorrente a legislação sobre o amor a Deus:

Portanto, se de fato obedecerdes aos mandamentos que hoje vos ordeno, amando a Iahweh vosso Deus e servindo-o com todo o vosso coração e vossa alma, [...].²²⁷

Com efeito, se observardes de fato que todos estes mandamentos que hoje vos ordeno cumprir – amando a Iahweh vosso Deus, andando em todos os seus caminhos e aderindo a ele, [...].²²⁸

Com a condição de que cuides de pôr em prática todos estes mandamentos que hoje te ordeno, amando a Iahweh teu Deus e andando continuamente em seus caminhos, [...].²²⁹

Tende cuidado, somente, de pôr em prática com diligência o mandamento e a Lei que Moisés, servo de Iahweh, vos estabeleceu: amar Iahweh vosso Deus, seguir sempre os seus caminhos, observar seus mandamentos, apegando-vos a ele e servindo-o de todo o vosso coração e de toda a vossa alma.²³⁰

Tomai bastante cuidado com a vossa vida, para amardes Iahweh vosso Deus.²³¹

²²⁷ BÍBLIA..., 2002. p. 272. Dt 11,13

²²⁸ BÍBLIA..., 2002. p. 273. Dt 11,22

²²⁹ BÍBLIA..., 2002. p. 282. Dt 19,9

²³⁰ BÍBLIA..., 2002. p. 342. Js 22,5

²³¹ BÍBLIA..., 2002. p. 344. Js 23,11

Nos Evangelhos de Marcos e Mateus, a lei do amor a Iahweh e a lei do amor ao próximo são apresentadas separadamente, como primeiro e segundo mandamento. De maneira diferente, Lucas escreve o mandamento do amor ao próximo na sequência da lei do amor a Iahweh, como um único texto.²³²

Santo Tomás entende que a lei do amor a Iahweh se sustenta no próprio ser de Deus que é o primeiro ser amável e, por isso, é Ele quem dá ao amor o seu princípio e seu fim. Ou seja, dele advém a capacidade de amar e todas as coisas amáveis só são justamente amadas quando encontram nele o seu fim último como causa do amor. Para o Aquinate, aqueles que amam a Deus como o seu fim, são capazes de cumprir esse mandamento pois amam a Deus de todo o coração.²³³

A resposta do legista, declarada correta por Jesus, fundamentada na Lei do Amor a Iahweh de Dt 6,5 e no Código da Santidade de Lv 19,18, expressa o ensinamento da totalidade da lei do amor. A primeira lei, a do amor a Deus de todo *coração, alma, força e entendimento*, comunica a totalidade indivisa da consagração do homem a Deus.²³⁴ Comparando a versão de Lucas com a de Dt 6,5 percebe-se o acréscimo de entendimento, que também ocorre em Mc 12,30, porém em ordem diferente. Em Mateus são citados apenas os três elementos da lei deuteronomista.²³⁵

Os quatro elementos citados no amor a Iahweh expressam aspectos do ser humano na significação bíblica: *καρδια* – coração – é a sede dos impulsos e das reações emocionais do homem; *ισχυίς* – força – a veemência dos impulsos instintivos, esse termo é utilizado apenas por Lucas, enquanto que Mateus e Marcos utilizam o termo *δύναμις*; *ψυχή* – alma – o princípio vital e da consciência pessoal; *διάνοια* – mente – capacidade especulativa e organizadora do homem. A citação delas pretende significar a totalidade da pessoa que ama a Deus.²³⁶

Na interpretação de Santo Tomás, sob a luz de São João Crisóstomo e Santo Agostinho, estes constitutivos do homem com os quais ele deve amar a Deus expressam que Deus deve ser amado por ser Ele a origem do amor e por causa dos efeitos desse amor. Os efeitos do

²³² DATTLER. 1986. p. 144.

²³³ TOMÁS DE AQUINO. **Commentary on the Gospel of Saint Matthew**. Trad. Paul M. Kimball. [s.l.]: 2012. p. 924. Cópia digital (ISBN: 978-0-615-44040-8): Disponível em: <http://dolorosapress.com/Commentary-on-the-Gospel-of-St-Matthew.htm>.

²³⁴ FITZMYER. 1986a. p. 268.

²³⁵ DATTLER. 1986. p. 144.

²³⁶ FITZMYER. 1986a. p. 272-273.

amor a Deus são o bem querer a Ele, pensar nele e fazer a sua vontade. Amá-lo de todo o coração significa direcionar a Ele todos os pensamentos. Amá-lo de toda a alma significa direcionar a Ele toda a vida. Amá-lo de todo o entendimento significa direcionar a Ele todos os conhecimentos e colocá-los a seu serviço. Quanto ao amar com toda a força, não consta no Evangelho de Mateus, e, por isso, não é possível fazer a equiparação.²³⁷

2.1.1.2 A Lei do amor ao próximo

A segunda parte da lei, a do amor ao próximo, no Levítico, mesmo que restrito aos compatriotas, ou filhos do mesmo povo, é proposta como um imperativo de Iahweh para inculcar o amor ao próximo no seu povo.²³⁸ No mesmo Código da Santidade do Levítico a lei do amor ao próximo é estendida ao estrangeiro: “O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou Iahweh vosso Deus”.²³⁹

O termo que designa o próximo no texto hebraico é *עִירֵךְ* que significa irmão, companheiro, amigo e vizinho.²⁴⁰ No texto grego o termo utilizado é *πλησίον*, que significa aquele que está posicionado próximo, aquele que está com, aquele que pertence ao grupo, aquele com quem se compartilha identidade étnico-cultural, e, também, no Novo Testamento pode ser entendido como sinônimo de irmão.²⁴¹

No Antigo Testamento, não se encontra a formulação unitária das duas leis de Dt 6,5 e de Lv 19,18. Além do Evangelho de Lucas e das citações do Novo Testamento, em um escrito apócrifo chamado *Testamentos dos doze patriarcas*²⁴² essa junção das duas leis aparece duas

²³⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2012. p. 925.

²³⁸ FITZMYER. 1986a. p. 268.

²³⁹ BÍBLIA..., 2002. p. 188. Lv 19,34.

²⁴⁰ ZITMAN. 1965. p. 278.

²⁴¹ LOUW; NIDA. 2015, p. 122-123.637.

²⁴² Texto apócrifo do Antigo Testamento. É uma pseudoepígrafe dos últimos comandos dos filhos de Jacó antes de suas mortes. A identidade puramente judaica do texto é colocada em suspeita porque a sua versão grega data do século II d. C. Alguns críticos são inclinados a acreditar que eles tenham influência cristã. Alguns fragmentos do texto de datas mais antigas e de escrita em hebraico foram encontrados em Qumran. Com base nisso, outros estudiosos sustentam a tese de que o escrito é pré-cristão. (cf. TESTAMENTOS dos Doze Patriarcas. [s.l.]. Sem data. Não paginado. Disponível em: https://stringfixer.com/pt/Testament_of_Zebulun Acesso em: 20 mar. 2022.)

vezes: “Ama ao Senhor e ao teu próximo” (Issacar 5,2)²⁴³ e “Ama ao Senhor com toda a tua vida, e ao teu próximo, com coração sincero” (Dan 5,3).²⁴⁴ Portanto, é possível que essa forma unitária das leis já estivesse presente no ensinamento rabínico, e por isso tenha influenciado na narrativa lucana da resposta do legista. As duas leis, indissolivelmente unidas, formam um único mandamento: amar a Deus e ao próximo como a si mesmo, a ambos com totalidade e sacralidade.²⁴⁵

Mesmo que existam dúvidas sobre a formulação unitária pré-cristã das leis do amor a Iahweh e ao próximo, a sua significação em Lucas e a sua autoridade no cristianismo se dá pela confirmação de Jesus ao legista: “respondeste corretamente”.²⁴⁶ E, mais ainda, Jesus fez desse mandamento um preceito de vida para seus seguidores: “faze isto e viverás”,²⁴⁷ donde se interpretou na Tradição: agindo assim se pode herdar a vida eterna.²⁴⁸

Na interpretação de Santo Tomás, o conjunto dos mandamentos de amor a Iahweh e de amor ao próximo condensa todos os demais mandamentos e define que a ele se subordinam e pertencem todas as virtudes. Além disso, o amor com que o ser humano pode amar o próximo é o amor com que Deus mesmo o amou por primeiro; por isso é que se diz: amar ao próximo com amor de Deus. Desse modo, além de ser a causa do amor, o próprio Deus é amado naquele próximo que recebe amor, pois é Ele a causa final do amor.²⁴⁹

2.1.1.3 A Lei e a vida eterna

Esse diálogo entre Jesus e o legista sobre a Lei está inserido no questionamento sobre a vida eterna. Nele, está em relevo um aspecto do mistério de Cristo conforme a percepção lucana: a participação na vida eterna é um efeito do acontecimento Jesus Cristo.²⁵⁰ Nesse diálogo, portanto, aparece a relação próxima entre a prática de Lei e a herança da

²⁴³ “Ama al Señor y a tu prójimo”. (TESTAMENTOS dos doze patriarcas: Issacar 5,2 apud: FITZMYER. 1986a. p. 269, tradução nossa)

²⁴⁴ “Ama al Señor con toda tu vida, y a tu prójimo, con corazón sincero”. (TESTAMENTOS dos doze patriarcas: Dan 5,3 apud: FITZMYER. 1986a. p. 269, tradução nossa).

²⁴⁵ FITZMYER. 1986a. p. 268-269.

²⁴⁶ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,28.

²⁴⁷ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,28.

²⁴⁸ FITZMYER. 1986a. p. 268.270.

²⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2012. p. 925-926.

²⁵⁰ FITZMYER. 1986a. p. 371.

vida eterna.²⁵¹ Para Lucas, a história da salvação e escatologia são assuntos intimamente relacionados, de modo que toda a história da salvação e todo o anúncio apontam para a salvação que se faz plena na vida eterna. Ainda, Lucas é o único evangelista que atribui o título de Salvador a Jesus: “Nasceu hoje para vós um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi”.²⁵² O verbete salvação-salvar e suas variações aparecem no evangelho lucano dezessete vezes, significativamente mais frequente do que em Marcos e em Mateus.²⁵³

Nas vezes em que o termo salvação aparece no evangelho de Lucas, ele está relacionado à libertação de males físicos, como as doenças, e de males espirituais, como o pecado. Além disso, o termo está frequentemente associado à fé, πίστης.²⁵⁴ A salvação associada à fé e à vida eterna apresentada por Lucas supõe a escatologia apresentada pelo profeta Daniel: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno”,²⁵⁵ texto do Antigo Testamento que serve de fundamento para a teologia da ressurreição. Lucas fala de vida eterna usando os mesmos termos gregos de Daniel na versão da Septuaginta: ζῶην αἰῶνιον.²⁵⁶

No Catecismo, a Lei evangélica é apresentada como plenitude da Lei antiga. Além disso ela é, na vida, o cumprimento mais perfeito da Lei divina revelada.²⁵⁷ Citando João 12,34: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros”,²⁵⁸ a Igreja ensina que o *mandamento novo* de Jesus contém em si todos os demais mandamentos, de modo similar à interpretação de Santo Tomás quanto à Lei de amor a Iahweh e amor ao próximo.²⁵⁹ É sob esse aspecto que, adiante, se interpretará a parábola do *bom samaritano*, considerando o agir misericordioso e o cumprimento da vontade de Deus por seu amor.

O diálogo de Jesus com o legista evidencia um importante aspecto da religião da revelação: a conjugação da Lei com o chamado à experiência de amor. Amor que une Deus ao seu povo e o povo a seu

²⁵¹ BOVON. 2002. 110.

²⁵² BÍBLIA..., 2002. p. 1790. Lc 2,11.

²⁵³ FITZMYER, Joseph August. **El evangelio segun Lucas**: Introduccion general. Tomo I. Madrid: Crisandad, 1986b. p. 44-48.374.

²⁵⁴ FITZMYER. 1986b. p. 375.

²⁵⁵ BÍBLIA..., 2002. p. 1578. Dn 12,2.

²⁵⁶ FITZMYER. 1986a. p. 271.

²⁵⁷ CATECISMO..., 2000, p. 519-521; CIgC 1964-1970.

²⁵⁸ BÍBLIA..., 2002. p. 1879. Jo 13,34.

²⁵⁹ CATECISMO..., 2000, p. 521; CIgC 1970.

Deus. Amor que é fiel e operativo. Amor que é assumido na forma de aliança. Desse modo, o próprio amor de Deus se transforma em um mandamento.²⁶⁰

No ensinamento da Igreja, a Lei evangélica também recebe o nome de Lei do amor, pois consiste no amor infundido pelo Espírito Santo, portanto, consiste na caridade. A observância da Lei se dá pela amizade com o Senhor que dá a seus amigos o conhecimento do que ele ouviu do Pai.²⁶¹

Fruto do Espírito Santo e plenitude da lei, a caridade guarda os mandamentos de Deus e de seu Cristo: “permaneçei em meu amor. Se observais os mandamentos, permaneceréis no meu amor” (Jo 15,9-10). Cristo morreu por nosso amor quando éramos ainda “inimigos” (Rm 5,10). O senhor exige que amemos como ele, mesmo os nossos inimigos” (Mt 5,44), que nos tornemos o próximo do mais afastado (Lc 10,27-37), que amemos como ele (Mt 25,40.45) as crianças e os pobres (Mc 9,37).²⁶²

Conhecendo o fundamento da Lei do amor a Iahweh e do amor ao próximo, entendendo o papel do cumprimento desse mandamento novo sob a luz do que é a caridade, amor a Deus e ao próximo por amor de Deus, é que se chega à compreensão de que o mandamento do amor, mais do que um preceito jurídico-religioso, é um caminho de salvação.

O legista, “*querendo se justificar*”,²⁶³ pergunta a Jesus: “*Quem é o meu próximo?*”.²⁶⁴ Ele esperava uma resposta que correspondesse à sua habitual conduta, considerando o próximo dentro de certas restrições.²⁶⁵ O Levítico continha algumas definições sobre quem poderia ser o próximo:

Não farás acepção de pessoas com relação ao pobre, nem te deixarás levar pela preferência ao grande: segundo a justiça julgarás o teu

²⁶⁰ MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita**: a Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 153.

²⁶¹ CATECISMO..., 2000, p. 522; ClgC 1972

²⁶² CATECISMO..., 2000, p. 491; ClgC 1824-1825

²⁶³ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,29.

²⁶⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,29.

²⁶⁵ BOVON, 2002 p. 116.

compatriota. [...] Não te vingará e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo. [...] Se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molestareis. O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, pois fostes estrangeiros na terra do Egito.²⁶⁶

Na conduta do legista, quem ele julgava ser o próximo deveria ser o compatriota, pobre ou rico, ou o estrangeiro que habitava no mesmo território.²⁶⁷ Ou seja, havia limites para quem ele era capaz de considerar o seu próximo.²⁶⁸ É através da parábola que Jesus ajuda o legista expandir seus horizontes e chegar a uma nova conclusão sobre quem é o próximo.

2.1.2 A parábola do bom samaritano: Lucas 10,30-35

Na sequência deste diálogo, após a boa resposta do legista sobre a Lei e a vida eterna, sob o título de *Parábola do bom samaritano*,²⁶⁹ é que se apresenta a figura de um samaritano solícito com um moribundo, como um recurso utilizado por Jesus para auxiliar o legista a alcançar a resposta de sua própria pergunta: “*Quem é o meu próximo?*”. A partir dos aspectos exegéticos ressaltados a seguir é que se interpretará esta mesma parábola à luz da teologia do amor de Santo Tomás, ressaltando os efeitos do amor natural e do amor sobrenatural.

Jesus retomou: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas,

²⁶⁶ BÍBLIA..., 2002. p. 187-188. Lv 19,15.18.33-34.

²⁶⁷ BÍBLIA..., 2002. p. 187-188. Cf. Lv 19,15.18.33-34.

²⁶⁸ BOVON, 2002 p. 116.

²⁶⁹ Na exegese de FITZMYER e de BOVON, consta, também, a exegese de aspecto alegórico que interpreta a figura do *bom samaritano* em sentido cristológico e soteriológico, os quais não são aqui considerados explicitamente. Para os fins deste trabalho, extraiu-se dos autores, com maior ênfase, os elementos relativos à caridade.

derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’.²⁷⁰

A parábola não é uma fuga ou um recurso para não responder. Ela é uma resposta indireta e direta ao mesmo tempo. É indireta porque se serve da narrativa para fazer com que o interrogador alcance a resposta. É direta porque é evidente na parábola quem é o próximo: o que mostra benevolência e age com misericórdia, de modo que o legista não poderia chegar a outra conclusão.²⁷¹

No evangelho de Lucas, o gesto de amor ao próximo é vinculado ao amor divino, de modo que a adesão amorosa a Deus molda as relações e o agir do cristão.²⁷² No ensinamento da Igreja, o cumprimento do mandamento do amor inclui a atitude de “que nos tornemos o próximo do mais afastado”,²⁷³ fazendo referência à parábola do *bom samaritano*. Desse modo, a parábola de Jesus não é legislação, mas apresenta o pleno cumprimento e o pleno sentido da Lei: o amor a Deus e ao próximo por amor de Deus, o que se identifica com a definição de amor de caridade de Santo Tomás de Aquino, já abordada no capítulo anterior.²⁷⁴

O episódio de Jesus sendo interpelado sobre a Lei do amor a Iahweh e do amor ao próximo é comum aos três evangelhos sinóticos, como visto anteriormente. Porém, a *Parábola do bom samaritano* é exclusiva do evangelho de Lucas. Somente o evangelho lucano une à resposta de Jesus uma parábola que explica o sentido e a prática da Lei. Além do próprio tema da misericórdia, essa parábola tem uma íntima identificação narrativa com as *Parábolas da misericórdia* (Lc 15,1-32), seja por que colocam o ouvinte em situação de comparação com os personagens, seja pela auto-evidência do exemplo oferecido pelo modelo prático para o agir de modo aprovável. A *Parábola do bom samaritano* e as *Parábolas da misericórdia*, em seu conteúdo, não se reduzem à expressão de uma verdade espiritual, antes, elas expressam nos seus relatos o exemplo daquilo que nelas se propõe: o agir misericordioso.²⁷⁵

²⁷⁰ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,30-35.

²⁷¹ FITZMYER. 1986a. p. 279-280.

²⁷² BOVON. 2002 p. 110.

²⁷³ CATECISMO..., 2000, p. 491; CIgC 1825.

²⁷⁴ Item 1.2.

²⁷⁵ FITZMYER. 1986a. p. 277.

Para o aprofundamento do sentido da parábola, é necessário considerar detalhes do contexto cultural e religioso: a condição privilegiada dos sacerdotes e levitas no judaísmo, que era fruto de sua descendência de Levi e de Aarão, o que os vincula ao culto e ao templo; a impureza ritual advinda do contato com cadáveres e moribundos, e que era mais acentuada no caso dos sacerdotes e levitas que eram consagrados ao culto e ao templo; a animosidade entre judeus e samaritanos, dado que para o povo judeu o povo samaritano era considerado cismático e impuro; a fundamentação da Lei dos samaritanos no mesmo Pentateuco dos judeus; a ausência, no evangelho, da definição de raça, religião e classe social do homem²⁷⁶ caído semimorto. Estes detalhes, que serão abordados a seguir, destacam o contraste fundamental da narrativa da parábola.²⁷⁷

2.1.2.1 O caminho de descida de Jerusalém

A distância de Jerusalém a Jericó é de cento e cinquenta estádios²⁷⁸ em uma estrada de contínua descida. Jerusalém se encontra a aproximadamente oitocentos metros acima do nível do mar, enquanto que Jericó está aproximadamente trezentos metros abaixo do nível do mar. Esta Jericó mencionada não é a mesma do Antigo Testamento, mas é nova cidade de Jericó construída por Herodes, o Grande.²⁷⁹

Neste caminho de descida é que se narra o assalto do homem na estrada e o percurso do sacerdote, do levita e do samaritano. É a única vez em todo o Novo Testamento em que se narra algo com o termo “casualmente”²⁸⁰, usado para situar os personagens no mesmo lugar. Sabe-se que para viajar nesses percursos, era necessário ir armado ou escoltado para defender-se dos salteadores. Porém, a parábola nada menciona sobre isso. Apenas menciona que os bandidos roubaram o

²⁷⁶ No texto grego *ανθρωπός* – literalmente: homem ou ser humano. Esse termo é aplicado quando o evangelista pretende um sentido mais genérico e abrangente. Quando quer escrever homem com o sentido de varão, Lucas aplica o termo *ανερ*. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 279; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267; FITZMYER. 1986b. p. 187.)

²⁷⁷ FITZMYER. 1986a. p. 278-279.

²⁷⁸ 27km. BOVON. 2002 p. 118.

²⁷⁹ FITZMYER. 1986a. p. 284.

²⁸⁰ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,31. A tradução da Bíblia de Jerusalém usa o termo *casualmente*. A tradução do exegeta Fitzmyer prefere o termo *coincidiu* (*coincidió*). No texto grego: *κατὰ συγκυρίαν* –literalmente: por acaso. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 279; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267; FITZMYER. 1986a. p. 284.).

homem, arrancaram suas vestes e o abandonaram inconsciente e moribundo à beira da estrada.²⁸¹

Santo Tomás, em sua homília a partir de Lucas 10,30, compara o homem assaltado e caído à situação de sofrimento do ser humano por efeito do pecado: despojado de seus bens da graça e feito vulnerável.²⁸² Esse homem, mesmo que padecendo os efeitos do pecado, não perde a dignidade que lhe é natural, mesmo que tenha perdido os bens da sua natureza.²⁸³ Para o Aquinate, o homem que descia de Jerusalém é figura da queda da graça, da privação da glória celeste, de modo que a descida da cidade de Jerusalém é símbolo da descida da Jerusalém celeste. Os assaltantes figuram o espírito maligno e o despojamento de seus bens figura a queda da graça e o agir contrário à virtude.²⁸⁴

A figura do sacerdote que descia pelo caminho aponta para aquele que, tendo subido a Jerusalém e prestado o seu serviço no Templo, voltava à sua casa. A atitude do sacerdote de ver e prosseguir é explicada pela manutenção da pureza ritual que ele devia preservar. Para isso, devia evitar o contato e a proximidade com qualquer cadáver, ou moribundo, ou com sangue para não se contaminar de impureza.²⁸⁵

A figura do levita, um membro dos descendentes da terceira tribo de Jacó,²⁸⁶ representa alguém de importante distinção social e religiosa, dado que tinha o direito de cobrar o dízimo dos serviços sacerdotais. Ele passa pelo mesmo lugar e tem as mesmas atitudes do sacerdote, provavelmente, pelo mesmo motivo.²⁸⁷

Tanto o sacerdote como o levita não foram capazes de conjugar o culto a Deus e a observância da Lei com a prática da misericórdia. Eles viram, mas fecharam seus olhos. Passaram perto, mas não se aproximaram. Afastaram-se e foram indiferentes ao homem caído.

²⁸¹ FITZMYER. 1986a. p. 284.

²⁸² TOMÁS DE AQUINO. 2016a. p. 512-513. *S. Th. Ia-IIae*, q. 85. a. 1. s.c.

²⁸³ TOMÁS DE AQUINO. 2016a. p. 512-513. *S. Th. Ia-IIae*, q. 85. a. 1. sol.

²⁸⁴ TOMÁS DE AQUINO, 2011, não paginado.

²⁸⁵ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Cf. Lc 10,31. A tradução da Bíblia de Jerusalém usa os termos *viu-o e passou a diante*. A tradução do exegeta Fitzmyer prefere os termos *deu uma volta e passou distante* (*dio un rodeo y pasó de largo*). (FITZMYER. 1986a. p. 285.) No texto grego: *αντιπαρῆλθεν* – literalmente: passou pelo lado oposto. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267.)

²⁸⁶ BÍBLIA..., 2002. p. 72. Cf. Gn 29,34ss.

²⁸⁷ FITZMYER. 1986a. p. 285.

Agiram presos a regras rituais e impulsos egoístas. Eles não deram à Lei e à religião o complemento que lhes é inerente, a misericórdia.²⁸⁸

2.1.2.2 O samaritano

Entre os evangelhos sinóticos, o de Lucas é o que apresenta mais vezes Jesus se referindo aos samaritanos (Lc 10,30-37) ou passando pelo território da Samaria (Lc 17, 11-19). Também nos Atos dos Apóstolos, são frequentes as citações referentes à Samaria.²⁸⁹ O termo samaritano pode apontar ao mesmo tempo duas distinções: étnica e religiosa, se referindo a quem pertence ao povo samaritano; ou geográfica, se referindo àqueles que moram no território da Samaria. A primeira distinção, de sentido étnico religioso, é a utilizada por Lucas nesta perícopes.²⁹⁰

Os samaritanos e os judeus se separaram no século VIII a.C., no mesmo período em que a Samaria, então capital do reino do norte, foi destruída e conquistada pelos assírios. Os detalhes deste cisma são incertos devido ao período e à dupla versão, judia e samaritana, da narrativa dos fatos. Os samaritanos restringem o cânon das escrituras ao Pentateuco, que conta com uma redação própria e predominantemente hebraica e aramaica, e construíram o seu próprio templo no monte Gerizim, em meados do período helenístico. Este templo foi destruído no tempo de João Hircano. Além disso, os samaritanos compuseram sua própria liturgia e calendário de festas solenes. Estas distinções e separações da tradição judaica explicam, ao menos parcialmente, a tensão entre os judeus e samaritanos.²⁹¹

Na parábola, a figura do samaritano, viajando fora de sua terra, apresenta um contraponto às figuras do sacerdote e do levita anteriormente citadas. O sacerdote e o levita, os quais, para os judeus, se julgavam próximos do amor de Deus por seu testemunho religioso, não foram capazes de dar provas do amor a Deus no exercício do amor ao próximo. Porém, é através de um samaritano, considerado cismático e impuro, que o testemunho do amor encontrou significativa expressão.²⁹² É sobre essa sua moção a testemunhar o amor que se fundamentará a interpretação da parábola a luz da teologia do amor de Santo Tomás.

²⁸⁸ BOVON. 2002 p. 119.

²⁸⁹ BÍBLIA..., 2002. passim. At 1,8; 8,1-13.14.25; 9,31;15,3.

²⁹⁰ FITZMYER. 1986a. 186-187.

²⁹¹ FITZMYER. 1986a. 187.

²⁹² FITZMYER. 1986a. p. 280.286.

2.1.2.3 A bondade do samaritano

O título da parábola que se estabilizou na Tradição, parábola do *bom samaritano*, contém em si um paradoxo, pois o povo samaritano era considerado um membro de uma comunidade depreciada, mas, mesmo assim, um homem samaritano recebe o adjetivo de *bom*. Para Bovon, esse paradoxo tem a intenção de mostrar que o que conta na parábola é a atitude do homem e não a sua raça, alertando para não a reduzir a uma lição moral, pois ela está inserida num debate sobre a Lei e a vida eterna, portanto, sobre a caridade e a salvação.²⁹³

“Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão”.²⁹⁴ A nota da Bíblia de Jerusalém, neste versículo, ressalta que o sacerdote e o levita, sujeitos à lei da caridade não a cumprem, porém, o samaritano, considerado cismático e do qual não se esperava a caridade, este sim age por ela movido.²⁹⁵

A Bíblia de Jerusalém diz *moveu-se de compaixão* o que no texto grego está escrito: ἐπλαγχνίσθη²⁹⁶ – literalmente: compadeceu-se.²⁹⁷ Fitzmyer traduz para “comoveu-se em suas entranhas”. O sentido do texto é de que o samaritano sentiu compaixão do homem caído na estrada. Essa compaixão é o que motiva a sua aproximação e o cuidado que ele foi capaz de dispensar, oferecendo-lhe das suas próprias provisões de viagem. A compaixão estabelece uma relação entre o samaritano e o homem caído. Bovon diz: “O corpo vulnerável de um desperta o coração atento do outro. Comovem-lhe as entranhas, literalmente, aquelas marcas visíveis da desgraça. E o samaritano se enche de solicitude”.²⁹⁸

O óleo aplicado nas suas chagas tem a propriedade de suavizar o ardor das feridas. O vinho, por conta de sua acidez, tem propriedades

²⁹³ BOVON, 2002 p. 109-110.

²⁹⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 1808.Lc 10,33.

²⁹⁵ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Nota-de-rodapé “d”.

²⁹⁶ O termo ἐπλαγχνίσθη tem como seu radical πλαγχνα que significa partes internas do corpo, especialmente as vísceras. Enquanto verbo πλαγχνίζομαι significa ter compaixão por alguém, sentir pena, sentir amor. No Novo Testamento, o foco semântico deste termo, seja como substantivo ou como verbo, é o de sentimentos íntimos e emoções profundas. (LOUW; NIDA. 2015. p. 92.264-265.290-291.)

²⁹⁷ NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267.

²⁹⁸ “El cuerpo vulnerable del uno desperta el corazón atento del otro. Le conmueven las entrañas, literalmente, aquellas huellas visibles de la desgracia. Y el samaritano se llena de solicitud.” (BOVON, 2002 p. 120-121.

antissépticas. Ambos na tradição veterotestamentária são associados às práticas medicinais e curativas.²⁹⁹ Santo Tomás, no comentário ao Evangelho de Mateus, também acentua as propriedades curativas do óleo e do vinho, citando Lucas 10,34, comparando a sua aplicação medicinal à ação do Espírito Santo, fonte da misericórdia e da graça da curativa.³⁰⁰

Além disso, o samaritano investe os seus outros recursos no cuidado do moribundo, colocando-o sobre sua montaria, levando-o à hospedaria, pagando com suas moedas. Ele usa de tudo o que possui, dispondo-se ao cuidado daquele desconhecido encontrado no caminho.³⁰¹ Nos escritos de Lucas, Evangelho e Atos dos Apóstolos, a atitude de dispor dos bens em favor do próximo ou da comunidade é apresentada com ênfase. Sobre esta atitude, Fitzmyer afirma:

“e na [parábola] do bom samaritano, que, além da sua finalidade específica, pode valer de exemplo sobre o modo de usar corretamente os bens materiais no serviço dos desafortunados.”³⁰²

O cuidado que ele oferece ao caído compõe um contínuo: cuidou das suas feridas com óleo e vinho; transportou-o em seu animal; abrigou-o numa hospedaria; e, por fim, no dia seguinte, confiou-o aos cuidados do hospedeiro, pagando-lhe para que cuide do homem resgatado, e garantindo-lhe pagar tudo o mais que for gasto.³⁰³ Através destes gestos concretos é que se fará possível observar que ele agiu com amor, conhecendo a causa pelos seus efeitos a luz da teologia do amor de Santo Tomás.

²⁹⁹ O óleo e o vinho com propriedades curativas no Antigo Testamento podem ser observados em Is 1,5-6 e 2Sm 16,2. FITZMYER. 1986a. p. 286-287, tradução nossa).

³⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2012. p. 873.1017.

³⁰¹ FITZMYER. 1986a. p. 287.

³⁰² “y en la del buen samaritano, que, aparte de su finalidad específica, puede valer de ejemplo sobre el modo de usar correctamente los bienes materiales em servicio de los desafortunados.” Tradução e acréscimo entre colchetes nossos. (FITZMYER. 1986b. p. 420.)

³⁰³ BOVON, 2002 p. 120-121.

2.1.3 O diálogo conclusivo: Lucas 10,36-37

O diálogo conclusivo, Lucas 36-37, junto com o diálogo que antecede a parábola, Lc 10,25-39, formam a moldura que permitirá interpretar a parábola sob os efeitos do amor sobrenatural, abordados no primeiro capítulo. A conclusão do diálogo é o momento seguinte à parábola em que o legista, interrogado por Jesus, é capaz de responder à sua própria pergunta sobre quem é o próximo:

Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo”.³⁰⁴

O legista, *para se justificar* por não cumprir plenamente a Lei do amor ao próximo, perguntava sobre quem era o *próximo*. Ou seja, ele perguntava onde está o limite do amor ao próximo da lei do Lv 19,18. Jesus, entendendo que a mera proximidade não garante o amor, propõe na parábola que o sujeito da Lei do amor seja o amante que se faz próximo. Com essa inversão de polos, do *próximo amado* para o *próximo amante*, do amor recebido para o amor doado, é que o Senhor amplia os limites: antes o amor recebido era restrito aos do mesmo sangue e raça e ao estrangeiro que habita na mesma terra;³⁰⁵ agora o amor doado é daquele que é capaz de amar para aquele que precisa do amor.³⁰⁶

Ao considerar este diálogo, percebe-se que houve uma inversão sobre o entendimento de quem é o próximo. A pergunta de Jesus ao legista muda o sentido original da pergunta do legista: “Quem é o meu próximo?”.³⁰⁷ O legista queria saber quem é o próximo enquanto sujeito a ser amado, querendo saber quais eram os limites da lei do amor ao próximo, dando-lhe um rosto, uma raça, uma definição. Jesus, por sua vez, leva-o à conclusão de que o próximo é o sujeito amante, ou seja, de que o próximo é aquele que, sendo capaz de amar, age com amor.³⁰⁸

Após a parábola, Jesus pergunta: “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele

³⁰⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. p. 1808. Lc 10,29-37.

³⁰⁵ BÍBLIA..., 2002. p. 188. Lv 19,16.33-34.

³⁰⁶ FITZMYER. 1986a. p. 280.282

³⁰⁷ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,29.

³⁰⁸ FITZMYER. 1986a. p. 279-280.

respondeu: ‘Aquele que usou de misericórdia para com ele’³⁰⁹. Neste momento, o legista já está convencido da inversão proposta por Jesus: *próximo* conforme o ensinamento da parábola é todo aquele que pode agir com compaixão e oferecer cuidados, indistinto de vínculos étnicos ou de convicções religiosas.³¹⁰ Na sua resposta “Aquele que usou de misericórdia para com ele”,³¹¹ o legista mostra que compreendeu o ensinamento da parábola e que o próximo não diz respeito somente a *quem amar*, mas diz respeito a *ser quem ama*.³¹²

A narrativa, ao fazer uma inversão, com o exemplo do samaritano que não considerou as restrições étnicas e religiosas e agiu com compaixão, constringe o interlocutor a entender que o próximo é o sujeito amante. Além disso, ensina que os preceitos legais e rituais devem ser superados pela misericórdia.³¹³ O termo *misericórdia* no texto grego é *ἔλεος*.³¹⁴ Nos escritos de Lucas, o termo misericórdia, além de se referir ao atributo de Deus e ao conselho para o agir humano, é intimamente ligado às ideias de salvação, lealdade e fidelidade à aliança, como é mais evidente no *Magnificat*³¹⁵ e no *Benedictus*.^{316, 317}

Considerando a parábola sob o prisma da Lei do amor ao próximo pode-se, também, entender que, na narrativa, mesmo que indiretamente, o *próximo* é o destinatário da misericórdia e do agir misericordioso. É aquele caído no caminho, semimorto. Portanto, o *próximo* é todo aquele

³⁰⁹ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,36-37a.

³¹⁰ FITZMYER. 1986a. p. 279.

³¹¹ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10, 36.

³¹² BOVON, 2002 p. 121.

³¹³ FITZMYER. 1986a. p. 279.

³¹⁴ NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267. O termo *ἔλεος*, cujo radical é o verbo *ἔλεω*, aparece no Novo Testamento com o sentido de ter compaixão de, ser misericordioso com, preocupar-se com o alguém que está em sérias dificuldades. O mesmo termo aparece aplicado aos homens (Lc 10,25-37; Mt 5,7) aplicado ao Filho (Mt 15,22) e a Deus (Ef 2,4; Mt 16,22). (LOUW; NIDA. 2015. p. 688.)

³¹⁵ “Seu nome é santo e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. [...] Socorreu Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia”. (BÍBLIA..., 2002. p. 1788. Lc 1,50.52)

³¹⁶ “Para fazer misericórdia com nossos pais, lembrado de sua aliança sagrada. [...] Graças ao misericordioso coração do nosso Deus. (BÍBLIA..., 2002. p. 1789. Lc 1,72.78)

³¹⁷ FITZMYER, Joseph August. **El evangelio segun Lucas**: Traducion y Comentario capitulos 1-8,21. Tomo II. Madrid: Cristandad, 1986c. p. 182.

necessitado de misericórdia, indistintamente de vínculos étnicos e religiosos.³¹⁸

Desse modo, ambos, o samaritano e o moribundo, são o *próximo*. O samaritano é o *próximo* sendo aquele que sentiu compaixão e que agiu com misericórdia. O moribundo é o *próximo* enquanto que fora o destinatário da compaixão e do agir misericordioso. No sentido estrito da Lei do amor ao próximo, o *próximo* seria apenas o moribundo, o alvo do amor. Porém, a resposta do legista e a afirmação de Jesus expandem o horizonte sobre a figura do próximo, de modo que o sujeito agente do amor ao próximo é, também, o próximo³¹⁹

Tendo Jesus julgado correta a resposta do legista, felicita-o e o convida a agir de acordo com aquilo que ele mesmo acabara de professar.³²⁰ Desse modo, o Senhor o convida a superar o mero conhecimento da Lei, fazendo do seu cumprimento o caminho para a vida eterna pela prática do amor. Lucas, portanto, interpela o leitor cristão a cumprir o mandamento do amor.³²¹

A conclusão do diálogo se dá com Jesus confirmando a exatidão da resposta do legista na forma de uma *declaração*, porém sem a solenidade deste gênero literário. O legista que inicia o diálogo querendo experimentar Jesus, continua o mesmo diálogo apresentando uma autêntica conversão, mudança de pensamento. Seu comprometimento com o questionamento proposto inverte os papéis, e ele mesmo, o legista, passa a ser experimentado por Jesus.³²²

O mesmo verbo *σπλαγνίζομαι* que se refere ao sentimento do samaritano é utilizado por Lucas para descrever a condescendência de Cristo com os que sofrem. É a ação expressada por esse verbo que Jesus convida o legista a imitar quando lhe diz para ir fazer o mesmo que fez o samaritano.³²³

Por fim, Jesus, conclui o diálogo com dois imperativos: “Vai, e também tu, faz o mesmo”.³²⁴ O imperativo *vai* aparece no evangelho de Lucas seis vezes, uma quantia expressivamente maior do que nos demais evangelhos, uma vez em Mateus e três vezes em João. O imperativo *faze*

³¹⁸ FITZMYER. 1986a. p. 279.

³¹⁹ FITZMYER. 1986a. p. 280.

³²⁰ BOVON, 2002 p. 110.

³²¹ FITZMYER. 1986a. p. 273.

³²² BOVON, François. **El evangelio según San Lucas: Lc 9,51-14,35**. Tomo II. Salamanca: Sígueme, 2002. p. 114.

³²³ BOVON, 2002 p. 120.

³²⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

é acentuado pelo pronome pessoal *tu*, sendo ele o mais importante na conclusão. Portanto, não apenas o envia, mas, principalmente, indica-lhe o que fazer em seu caminho.³²⁵

Concluída a parte de exegese do texto bíblico e ressaltado os elementos a serem interpretados, será aprofundado, a seguir, a interpretação da parábola do *bom samaritano* à luz da teologia do amor.

2.2 A INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA À LUZ DOS EFEITOS DO AMOR

No primeiro capítulo, após a definição de amor e da diferenciação entre amor natural, em nível antropológico, e sobrenatural, em nível divino, foram abordados os efeitos do amor nessas duas qualificações. Agora, após o aprofundamento do sentido da parábola do *bom samaritano* em si mesma, aplicar-se-ão, como chave interpretativa, os efeitos do amor na mesma parábola. Para a relação entre os efeitos do amor e a parábola, serão considerados os verbos que narram os sentimentos e as ações do samaritano que socorreu o homem caído.

Supondo a definição de quem é o próximo, na conclusão da parábola, e a definição de amizade de Santo Tomás,³²⁶ que considera o amor de amizade aquele que é benevolente,³²⁷ considerar-se-á na interpretação da parábola que o samaritano se fez amigo do moribundo, de modo que o conceito de *próximo* e o de *amigo* – aquele que tem o amor de amizade – se aproximam.

2.2.1 Amor natural: moveu-se de compaixão

O amor natural, segundo Santo Tomás, é o amor que ocorre em dimensão antropológica e que se desenvolve enquanto paixão da alma.³²⁸ Como foi visto no primeiro capítulo, ele ocorre na busca pelo bem, de modo que o amante se movimenta à consecução da posse e fruição do gozo que dele decorre.³²⁹ Quando o bem desejado é para si mesmo, o amor é chamado de amor de concupiscência, quando o bem desejado é para outro, o amor é chamado de amor de amizade.³³⁰

³²⁵ FITZMYER. 1986a. p. 279-280.

³²⁶ Item 1.1.2.4.

³²⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

³²⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 164. *S. Th. Ia-IIae*, q. 22. a. 2. rep. 2.

³²⁹ Item 1.1.2.

³³⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 181. *S. Th. Ia-IIae*, q. 27. a. 4. sol.

Entendendo que o samaritano desejou o bem do homem caído e agiu para a sua consecução, a seguinte interpretação entende que o amor que moveu o seu agir é o amor de amizade.

2.2.1.1 União: chegou junto dele

Como visto no primeiro capítulo,³³¹ para que se desenvolva o efeito unitivo do amor, uma das possibilidades é o encontro presencial do amante com o objeto amado.³³² Também, tal união requer a apreensão dos sentidos, de modo que lhe provoque certos movimentos na alma.³³³

Na parábola, assim Lucas narra o primeiro contato do samaritano com o moribundo: “Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o, e moveu-se de compaixão”.³³⁴ Com a expressão *chegou junto dele*³³⁵ evidencia o encontro presencial entre o samaritano, o amante, e o moribundo, o amado. Com o verbo *viu-o*³³⁶ estabelece que houve a apreensão dos sentidos. Por fim, a expressão *moveu-se de compaixão*³³⁷ mostra que ocorreu na alma do samaritano um movimento que é efeito do amor, a complacência do afeto que dá a forma das ações subsequentes.³³⁸

A primeira ação do samaritano em favor do moribundo é, ainda, um efeito unitivo do amor. Diz Lucas: “aproximou-se”.³³⁹ Santo Tomás afirma que a união do amante com o amado provoca certa inerência, de modo que as potências apetitivas queiram dele fruir, as potências apreensivas desejam conhecê-lo mais intimamente.³⁴⁰

É essa união presencial que dá início à união mais profunda que se desenvolve no amor de amizade, que motiva o amante a não apenas fruir dos bens ou da presença do amado. Antes, move o amante a buscar o bem

³³¹ No item 1.3.1.1.

³³² TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 185. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 1. sol.

³³³ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 186-187. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol.

³³⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,33.

³³⁵ No texto grego: ἦλθεν κατ’ αὐτὸν – literalmente: veio para ele. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004, p. 267.)

³³⁶ No texto grego: ἰδὼν – literalmente: vendo. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004, p. 267.)

³³⁷ No texto grego: ἐσπλαγχνίσθη – literalmente: compadeceu-se. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004, p. 267.)

³³⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 186-187. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol.

³³⁹ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,34. No texto grego: προσελθὼν – literalmente: aproximando-se. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004, p. 267.)

³⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 186-187. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol.

ausente ao amado.³⁴¹ A partir disso, se pode inferir que o samaritano amou com amor de amizade aquele caído na estrada, pois a ele se uniu com seus sentidos, afetos, pensamentos e amizade.

2.2.1.2 Êxtase: moveu-se compaixão

Como visto no primeiro capítulo,³⁴² o êxtase consiste em aprazer os sentidos ao repousar nos bens buscados fora de si mesmo. O amante sai de si na busca do bem que deseja em si mesmo.³⁴³ Santo Tomás diz: “quem ama alguma coisa, quase desejando-a, apreende-a como necessário ao seu bem estar”.³⁴⁴

Na parábola, embora não seja narrado o momento em que o samaritano experimenta o êxtase, consta a narrativa do que o moveu na busca dele: “*moveu-se de compaixão*”.³⁴⁵ A compaixão, que se fez o motor de todo o agir do samaritano, enquanto movimento do amor natural, é um sentimento de alta nobreza, pelo qual o amante sente como suas as paixões do amado.³⁴⁶

O moribundo foi amado com amor de amizade, pois o samaritano se fez seu amigo e, por compaixão, se moveu na busca do seu bem ausente. Nessa busca, ele encontra, também, o seu próprio bem, afinal, amando como amigo, se compadecia da situação miserável do moribundo, e por isso buscava a ele oferecer o bem.³⁴⁷

Certamente, a situação do moribundo, após ser espancado, despido e abandonado caído ao chão, não era aprazível e deleitável aos sentidos. O samaritano, diante dessa situação, agiu com a audácia, efeito do amor que move na busca pelo bem difícil de ser alcançado. Pois o bem do moribundo, naquela situação, era urgente e árduo de se conquistar.³⁴⁸

³⁴¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 187. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol.

³⁴² Item 1.3.1.2.

³⁴³ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 187-188. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 3. sol.

³⁴⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 185. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 1. sol.

³⁴⁵ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,33.

³⁴⁶ MARIN. 1960, p. 417-418.

³⁴⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 187. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 2. sol.

³⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 166. *S. Th. Ia-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

2.2.1.3 Zelo: cuidou dele

Considerando que o amigo pratica o bem do seu amigo “dele cuidando e tomando providência”,³⁴⁹ e que o samaritano se fez o amigo, o próximo, do moribundo, a consequência disso é que ele precisa, agora, cuidar e providenciar o bem do seu amigo. Como visto no primeiro capítulo,³⁵⁰ o efeito do amor chamado zelo, aplicado ao amigo, é aquele que move o amante na busca do bem e na exclusão de todo o mal em favor do amado.³⁵¹

Na parábola do *bom samaritano*, Lucas narra uma sequência de ações que se pode considerar que sejam movidas pelo zelo:

Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’.³⁵²

A sequência das ações mostra que o amor de amizade e a compaixão pela miséria do moribundo levaram o samaritano ao zelo, de modo que ele ao cuidar e dispor de suas provisões e de seus bens, se moveu na busca do bem e na exclusão do mal em favor daquele caído na estrada.

As ações, movidas pelo zelo, por si mesmas, evidenciam a busca pelo bem e a exclusão do mal. “*Cuidou de suas chagas derramando óleo e vinho*”³⁵³ ofereceu, assim, alívio imediato aos seus sofrimentos, pois o óleo e o vinho têm propriedades medicinais paliativas e curativas.³⁵⁴ “*Depois, colocou-o em seu próprio animal, conduziu à hospedaria e*

³⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 188. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 3. sol.

³⁵⁰ Item 1.3.1.3.

³⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 188-189. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 4. sol.

³⁵² BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,35.

³⁵³ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,34. No texto grego: κατέδησεν τὰ Τραύματα αὐτοῦ ἐπιχέων ἔλαιον και οἶνον – literalmente: atou os ferimentos dele derramando em cima óleo e vinho. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267.) Neste trecho, o verbo traduzido por *cuidou*, na Bíblia de Jerusalém é, no texto grego, κατέδεσεν cujo radical é κατειλῶ que significa envolver, enrolar. (PEREIRA. 1976, p. 312.)

³⁵⁴ FITZMYER. 1986a. p. 286-287.

dispensou-lhe cuidados”³⁵⁵ pois, amando-o com amor de amizade, não poderia deixá-lo à beira do caminho. Certamente, os cuidados até então dispensados não eram suficientes para que o homem pudesse seguir seu caminho, e o samaritano, ainda compassivo e zeloso, via a necessidade de dispensar-lhe ainda mais cuidados, buscar ainda mais o seu bem e excluir ainda mais os seus males.

“*No dia seguinte*”, essa expressão evidencia que o zelo do samaritano para com o homem caído não foi instantâneo, mas foi duradouro. Não é narrado na parábola quanto tempo durou o cuidado, mas se entende que foi do momento que o encontrou até o dia seguinte. “*Tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’*”.³⁵⁶ A razão pela qual o samaritano precisou deixar o homem na hospedaria não é narrada na parábola, porém, chama a atenção o fato de que, precisando ausentar-se, ele providencia o cuidado na sua ausência. Ainda movido pelo zelo, buscando o bem daquele homem, oferece do seu dinheiro e se compromete a restituir tudo o mais que for gasto em seu retorno.

2.2.2 Amor sobrenatural: agir com misericórdia

O amor sobrenatural, para Santo Tomás, pode ser entendido enquanto atributo divino, e, portanto, relativo ao ser e ao agir de Deus, ou

³⁵⁵ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,34. No texto grego: ἐπιβιβάσας δὲ αὐτὸν ἐπὶ τὸ ἴδιον κτῆνος ἤγαγεν αὐτὸν εἰς πανδοχεῖον καὶ ἐπεμελήθη αὐτοῦ – literalmente: colocando a ele sobre o seu próprio animal conduziu a ele para hospedaria e cuidou dele. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267.) Neste trecho, o verbo traduzido por *dispensou-lhe cuidados*, na Bíblia de Jerusalém é, no texto grego, ἐπιμελήθη cujo radical é ἐπιμελέομαι que significa cuidar de, ocupar-se de, aplicar-se a. (PEREIRA. 1976, p. 312.)

³⁵⁶ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,35. No texto grego: ἐκβαλὼν ἔδωκεν δύο δηνάρια τῷ πανδοχεῖ καὶ εἶπεν, Ἐπιμελήθητι αὐτοῦ, καὶ ὃ τι ἂν προσδαπανήσῃς ἐγὼ Ἐν τῷ ἐπανέρχεσθαί με ἀποδώσω σοι – literalmente: tirando deus dois denários ao hospedeiro e disse: Cuida dele, e o que gastares a mais eu, em o retornar eu reembolsarei a ti. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267.) Neste trecho, o verbo traduzido por *cuidar*, na Bíblia de Jerusalém é, no texto grego, ἐπιμελήθητι, cujo radical é ἐπιμελέομαι, o mesmo verbo usado no versículo 34 para descrever os cuidados do samaritano. (PEREIRA. 1976, p. 312.)

enquanto dom de Deus ao ser humano, mais especificamente a virtude teologal da caridade, como foi visto no primeiro capítulo.³⁵⁷

Para interpretar os efeitos do amor sobrenatural na parábola do *bom samaritano* é necessário ter em conta os seguintes elementos: a compaixão por si mesma é efeito do amor natural; a misericórdia é um efeito do amor de caridade, que por sua vez é sobrenatural, que eleva a compaixão à condição de amor sobrenatural;³⁵⁸ a caridade, por sua vez, faz a pessoa humana íntima amante de Deus e cumpridora da sua vontade,³⁵⁹ e também eleva o agir humano, pois ela é a forma de todas as virtudes,³⁶⁰ e, por fim, direciona todos os atos dela decorrentes para o seu objeto amado, o próprio Deus.³⁶¹

Além disso, deve ser considerado, também, o contexto, moldura, em que a parábola está inserida: no diálogo que a ela antecede, a discussão sobre a Lei do amor a Iahweh e do amor ao próximo; e no diálogo após a parábola, em que o legista diz que o samaritano foi “aquele que usou de misericórdia”.³⁶²

2.2.2.1 Misericórdia e beneficência

A misericórdia, segundo Santo Tomás, é um efeito interno da caridade, pelo qual o coração da pessoa humana sente como suas as misérias do outro. Ela é a compaixão, efeito do amor natural, elevada pelo amor de caridade.³⁶³ Ela é a maior e mais importante virtude no que diz respeito ao amor ao próximo por amor de Deus, pois compadecer-se e remediar a miséria de quem sofre é sinal de beatitude.³⁶⁴

Sobre a precedência e superioridade da caridade em relação à misericórdia, afirma Santo Tomás: “O afeto interior da caridade, pelo qual nos unimos com Deus, prepondera sobre o amor e a misericórdia

³⁵⁷ Item 1.1.3.

³⁵⁸ MARIN. 1960, p. 417-418.

³⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161-162. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 1. sol.

³⁶⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 169. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 8. sol.

³⁶¹ GARRIGOU-LAGRANGE. 2021, p. 182-183.

³⁶² BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37. No texto grego: ποιήσας τὸ ἔλεος – literalmente: fez a misericórdia. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 267.) Neste trecho, o verbete traduzido por *misericórdia*, na Bíblia de Jerusalém é, no texto grego, ἔλεος, cujo radical é o verbo ἔλεω que significa compadecer-se, sentir compaixão. (PEREIRA. 1976, p. 180.)

³⁶³ MARIN. 1960, p. 417-418.

³⁶⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 228. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 30. a. 4. sol. e rep. 3.

para com o próximo”.³⁶⁵ Aquele que ama com caridade e se compadece de misericórdia imita a Deus em seu agir, pois tal amor o impele a oferecer beneficência ao que sofre.³⁶⁶

A beneficência, por sua vez, é o efeito externo do amor de caridade, segundo o qual o agir da pessoa benevolente é fazer o bem a seu próximo.³⁶⁷ A beneficência é a virtude que move o agir de acordo com a caridade, pois o seu objeto é o mesmo da caridade: o amor a Deus e o amor ao próximo por amor de Deus.³⁶⁸ Ainda, a beneficência, naquele que vive segundo a caridade, movimenta a pessoa a fazer o bem a quem ama com amizade e caridade quando a ocasião assim se apresentar.³⁶⁹

A Lei divina, expressa nos mandamentos, visa ensinar a pessoa humana a buscar o seu bem na vontade de Deus e no Sumo Bem, que é Ele mesmo. Segundo Santo Tomás, a máxima expressão da Lei que se encontra na Sagrada Escritura é o mandamento do amor a Deus.³⁷⁰ O amor a Deus, conforme o grande mandamento, devia ser um amor total, o que fica significado nos qualitativos desse amor: “de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento”.³⁷¹ Assim, também é o amor de caridade que tudo direciona e subordina a Deus mesmo como fim,³⁷² e visa a união da pessoa com Deus.³⁷³

Ao interpretar o agir do samaritano segundo a afirmação do legista, dizendo que ele “agiu com misericórdia”,³⁷⁴ considerando a misericórdia no sentido explicado por Santo Tomás de Aquino, se entende que o samaritano agiu movido por amor de caridade. Desse modo, todo o seu agir para com o moribundo expressa o seu amor a Deus e o seu amor ao próximo por amor de Deus.

No samaritano, tão total quanto seu amor a Deus, era também o seu amor ao próximo. A lei do amor ao próximo ordena que se ame ao

³⁶⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 229. *S. Th. IIa-IIae*, q. 30. a. 4. rep. 2.

³⁶⁶ PÊGUES. 2019, p. 186.

³⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 229. *S. Th. IIa-IIae*, q. 31. a. 1. sol.

³⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 182-183. *S. Th. IIa-IIae*, q. 25. a. 1. sol.

³⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 230. *S. Th. IIa-IIae*, q. 31. a. 2. rep. 1.

³⁷⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016d, p. 529. III AG, 116. A perícopie utilizada por Santo Tomás para sustentar essa afirmação é Mt 22,37-38, que consiste na versão paralela a Lc 10,25-28, na qual Mateus narra Jesus sendo interrogado sobre o maior mandamento.

³⁷¹ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,27.

³⁷² GARRIGOU-LAGRANGE. 2021, p. 182-183.

³⁷³ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 162. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 3. sol.

³⁷⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

próximo como a si mesmo.³⁷⁵ O amor de amizade, segundo Santo Tomás, é um amor a alguém a quem se deseja o bem, de modo que reconheça o bem do outro como o seu próprio bem.³⁷⁶ Considerando que a caridade eleva o amor humano em virtude do dom do amor divino,³⁷⁷ decorre que esse mesmo amor de amizade, elevado pela caridade, no que diz respeito ao próximo, se realiza no agir com caridade, com mais ênfase ao ato de amar e agir de acordo com o amor do que em esperar a retribuição deste amor.³⁷⁸

A relação de amizade supõe a mútua reciprocidade.³⁷⁹ Na parábola não fica estabelecido que houve relação de amizade entre o samaritano e o homem caído. Porém, considerando o amor que moveu o samaritano no cuidado e no resgate daquele homem, compreende-se que ele amou com amor de amizade, desejando e se movendo para a consecução do bem dele.

A parábola, emoldurada pelo diálogo sobre a Lei do amor a Deus e do amor ao próximo³⁸⁰ e pela resposta do legista, que julgou que o samaritano agiu com misericórdia,³⁸¹ permite que se compreenda que o samaritano, cumprindo a Lei, amou a Deus e cumpriu a sua vontade, portanto tinha em si o amor de caridade, e este mesmo amor de caridade lhe fez agir por misericórdia, fazendo o bem.

³⁷⁵ “e a teu próximo como a ti mesmo”. Lc 10,28. No texto grego: καὶ τὸν πλεσίον σου ὡς σεαυτὸν – literalmente: e o próximo teu como a ti mesmo. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 280; NOVO TESTAMENTO..., 2004, p. 267.).

³⁷⁶ O amor de si mesmo é predominante concupiscível, pois visa o bem para si. O amor de amizade é um amor é um movimento para fora do sujeito amante, desejando o bem ao amigo e não o bem que ele pode oferecer, pois isso já seria amor de concupiscência. (TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 1. sol.) O bem do amigo, mesmo que deleitável ao amante, pertence ao amor de amizade pois este mesmo bem diz respeito ao outro, de maneira relativa: “enquanto que aquele [amor] pelo qual amamos algum bem, para outrem, é o amor relativo”. (TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 174. *S. Th. Ia-Iae*, q. 26. a. 4. sol.)

³⁷⁷ MARIN. 1960, p. 417-418.

³⁷⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 174. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 24. a. 5. sol.

³⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161-162. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 23. a. 1. sol.

³⁸⁰ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,25-28.

³⁸¹ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10, 37.

2.2.2.2 Esmola

Para entender a esmola, é necessário ter em consideração alguns elementos sobre o amor anteriormente abordados. A definição de amor de Santo Tomás,³⁸² que o entende como um apetite natural para o bem,³⁸³ e como dom sobrenatural de Deus, a caridade, que permite ao homem ser seu amigo³⁸⁴ e move-o a cumprir a sua vontade.³⁸⁵ A definição de amor no Novo Testamento,³⁸⁶ que afirma que ele consiste no afeto enraizado num profundo apreço e numa alta consideração pelo amado.³⁸⁷

No que diz respeito ao amor ao próximo, segundo a virtude da caridade, a razão do amor ao próximo é o amor de Deus.³⁸⁸ Sobre isso, o Catecismo ensina que “Jesus fez da caridade o novo mandamento”.³⁸⁹ “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros”.³⁹⁰ Ainda, considerando que o Catecismo faz referência à parábola do *bom samaritano* na explicação do mandamento da caridade: “nos tornemos o próximo do mais afastado”,³⁹¹ entende-se que entre a Lei do Amor a Iahweh e amor ao próximo³⁹² e o mandamento novo³⁹³ existe uma íntima relação. Afinal, “a Lei evangélica dá pleno cumprimento aos mandamentos da Lei”.³⁹⁴

³⁸² Itens 1.1; 1.1.2; 1.2.2.

³⁸³ CRUZ. 1996, p. 8.

³⁸⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161-162. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

³⁸⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 167. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 6. sol.

³⁸⁶ Item 2.1.1.

³⁸⁷ LOUW; NIDA. 2015. p. 263-264.

³⁸⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 184. *S. Th. IIa-IIae*, q. 25. a. 1. sol.

³⁸⁹ CATECISMO..., 2000, p. 491. CIgC 1822.

³⁹⁰ BÍBLIA..., 2002. p. 1879. Jo 13,34. No texto grego: ἐντολὴν καινὴν δίδωμι, ἵνα ἀγαπᾶτε ἀλλήλους, καθὼς ἠγάπησα ὑμᾶς ἵνα καὶ ὑμεῖς ἀγαπᾶτε ἀλλήλους – literalmente: mandamento novo dou a vós, que ameis uns aos outros, como amei a vós que também vós ameis uns aos outros. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 427; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 405.). O verbo grego (ἀγαπᾶτε e ἠγάπησα) que se refere ao amor nesta perícopie de João é conjugado a partir do mesmo radical utilizado em Lc 10,27.

³⁹¹ CATECISMO..., 2000, p. 491. CIgC 1822.

³⁹² BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,27.

³⁹³ BÍBLIA..., 2002. p. 1879. Jo 13,34.

³⁹⁴ A Lei citada pelo legista em Lc 10,27 está contida na Lei Antiga: Dt 6,5 e Lv 19,18. CATECISMO..., 2000, p. 521. CIgC 1968.

Decorre disso que o cumprimento da Lei, que ao mesmo tempo é a vivência da virtude teologal da caridade, se realiza amando ao próximo, como afirma Santo Tomás.³⁹⁵ São João afirma:

Amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus [...]. Quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: “Amo a Deus”, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, quem não vê, não poderá amar.³⁹⁶

É nesse sentido de amor, divinamente inspirado e humanamente realizado, que se pode entender que o samaritano agiu com misericórdia, sentindo em si a tristeza pela miséria do homem caído³⁹⁷ e agindo para livrá-lo do mal oferecendo-lhe o bem possível. A esse agir movido por misericórdia Santo Tomás dá o nome de esmola: “dar esmola é propriamente ato de misericórdia”.³⁹⁸

Simplesmente pelo amor natural, o samaritano teria agido movido pelo zelo. Porém, inserido no contexto do amor a Deus, pode-se se dizer que tudo o que ele fez foi elevado pela caridade. Tal qual foi a compaixão elevada à misericórdia, assim foi o zelo elevado à esmola. Portanto, diante do homem caído as atitudes de atar as suas feridas, derramar óleo e vinho, colocá-lo sobre seu animal, levá-lo à hospedaria, cuidar dele, confiá-lo aos cuidados do hospedeiro, oferecendo-lhe suas provisões, seus bens e o seu tempo, foi um gesto concreto de amor a Deus manifesto no amor ao próximo, ao miserável.

Na Tradição Católica se costuma chamar de obras de misericórdia aquilo que Santo Tomás chama de esmola.³⁹⁹ Dentre elas, podem se destacar algumas no agir do samaritano: visitar os enfermos e recolher peregrinos, no que diz respeito às esmolas corporais; e, consolar os tristes e oferecer suporte aos fracos, no que concerne às esmolas espirituais.⁴⁰⁰ Todas aquelas ações realizadas pelo samaritano, anteriormente descritas, expressam as esmolas, as obras de misericórdia. Sobre tais esmolas, Santo

³⁹⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 184. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 25. a. 1. sol.

³⁹⁶ BÍBLIA..., 2002. p. 2131-2132. 1Jo 4,19-20.

³⁹⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 224. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 30. a. 1. sol.

³⁹⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 224. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 32. a. 1. sol.

³⁹⁹ Conforme a comparação das listas presentes na Suma Teológica e no Catecismo. (CATECISMO..., 2000, p. 632. CIGC 2447.; TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 235. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 32. a. 2. sol)

⁴⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 235. *S. Th. Ila-Ilae*, q. 32. a. 2. sol.

Tomás não discorre individualmente, mas o seu sentido e a relação com a parábola se manifestam no agir do samaritano para com o homem caído, pois o enfermo visitado, o peregrino recolhido, o triste consolado e fraco que recebeu o suporte, foi aquele homem caído, e o que deu a esmola, agindo com misericórdia, foi o samaritano.

Em uma homilia, Santo Tomás apresenta a alegoria segundo a qual o samaritano é o Cristo e o caído é o pecador. Desse modo ele ressalta que o agir salvador de Jesus é um agir misericordioso para com o miserável. Com o símbolo do cuidar das feridas se expressa o Batismo, sacramento da salvação. Com o óleo se representa a infusão do Espírito Santo que move para a vida na graça. Por fim, o exemplo do samaritano e a ordem de imitá-lo “Vai, e também tu, faze o mesmo” ensinam aos cristãos a serem compassivos e misericordiosos para com os penitentes, oferecendo-lhes a graça do perdão.⁴⁰¹

Conclui-se, portanto, a partir da exegese da parábola do *bom samaritano*, que o testemunho do homem samaritano é o modelo do agir com misericórdia apresentado por Jesus. Também, a partir da interpretação da referida parábola, à luz da teologia do amor de Santo Tomás, percebe-se que o exemplo da prática concreta do amor natural e do amor sobrenatural, bem como de seus efeitos. No capítulo seguinte, através do Catecismo da Igreja Católica e das encíclicas *Deus caritas est* e *Fratelli tutti*, pretende-se atualizar a teologia do amor de Santo Tomás e evidenciar a sua prática tendo como modelo o *bom samaritano*, pois este mesmo modelo é oferecido em ambos os documentos pontifícios.

⁴⁰¹ TOMÁS DE AQUINO, 2011, não paginado.

3 VAI E FAZE O MESMO

Neste terceiro capítulo, pretende-se colocar a Igreja na posição do legista da parábola do *bom samaritano*, de modo que seja interpelada por Jesus a responder o que entende sobre o maior mandamento e ouvir dele o convite a agir com misericórdia. Para tanto, além do Catecismo, serão consultadas duas Cartas Encíclicas que permitem essa abordagem: *Deus caritas est*⁴⁰² e *Fratelli Tutti*.⁴⁰³ Em ambas as encíclicas os Papas citam a parábola do *bom samaritano* como critério e exemplo do testemunho do agir caridoso cristão.⁴⁰⁴

A partir de tais documentos da Igreja é que se pretende ouvir a pergunta: “Quê está escrito na Lei? Como lê?”.⁴⁰⁵ Assim, se alcançará a resposta do que a Igreja atualmente compreende sobre a Lei do amor a Deus e do amor ao próximo. É à luz dessa compreensão, então adquirida, que se pretende ouvir o imperativo: “Vai, e também tu, faz o mesmo”.⁴⁰⁶

3.1 O AMOR DE DEUS NO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

A afirmação de João, o discípulo amado, “Deus é amor”⁴⁰⁷ é basilar na compreensão da Igreja sobre o que é o amor, sobre o ser de Deus, sobre como se deve amá-lo e como se deve amar ao próximo e à criação. Dentre as citações deste versículo de João, no Catecismo se destacam as duas ocorrências na explicação do ser de Deus e uma ocorrência na explicação sobre o Espírito Santo:

Deus, “Aquele que é”, revelou-se a Israel como Aquele que é “rico em amor e em fidelidade” (Ex 34,6). Esses dois termos exprimem de forma

⁴⁰² BENTO XVI. **Carta Encíclica *Deus caritas est***. São Paulo: Paulus, 2006. *DCE*

⁴⁰³ FRANCISCO. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulus, 2020. *FT*

⁴⁰⁴ BENTO XVI, 2006. p. 24.31-32. *DCE* 17.25.; FRANCISCO, 2020. P.37-40. *FT* 56-62.

⁴⁰⁵ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,26.

⁴⁰⁶ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

⁴⁰⁷ Aquele que não ama, não conheceu a Deus porque Deus é amor. (BÍBLIA..., 2002. p. 2131. 1Jo 4,8) No texto grego: ὁ μὴ ἀγαπῶν οὐκ ἔγνω τὸν θεόν, ὅτι ὁ θεός ἀγάπη ἐστίν – literalmente: o que não ama não conheceu a Deus, porque Deus amor é. (NUEVO TESTAMENTO..., 1984 p. 902; NOVO TESTAMENTO..., 2004. p. 889.)

condensada as riquezas do nome divino. Em todas as suas obras Deus mostra sua benevolência, bondade, graça, amor, mas também sua confiabilidade, constância, fidelidade, verdade. “Celebro teu nome por teu amor e verdade” (Sl 138,2). Ele é a verdade, pois “Deus é luz, nele não há trevas” (1Jo 1,5), é “Amor”, como ensina o apóstolo João (1Jo 4,8).⁴⁰⁸

Mas S. João irá ainda mais longe ao afirmar: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16); o próprio Ser de Deus é amor. Ao enviar, na plenitude dos tempos, seu Filho único e o Espírito de Amor, Deus revela seu segredo mais íntimo: Ele mesmo é eternamente intercâmbio de amor: Pai, Filho e Espírito Santo, e destinou-nos a participar deste intercâmbio.⁴⁰⁹

“Deus é amor” (1Jo 4,8.16), e o Amor é o primeiro dom. Ele contém todos os demais. Este amor, “Deus o derramou em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado” (Rm 5,5).⁴¹⁰

A explicação sobre o amor enquanto nome, atributo entitativo e operativo de Deus, à luz da *S. Th. Ia*, apresentada no primeiro capítulo deste trabalho, é concorde com estas afirmações do Catecismo, e permite explorá-las um pouco mais.⁴¹¹ O Catecismo afirma que o amor é um dos termos que expressa a riqueza do nome divino.⁴¹² Segundo a síntese de Garrigou-Lagrange, Santo Tomás entende que o amor enquanto nome de Deus expressa a sua própria essência e o seu agir, além disso o amor é a expressão revelada da vida íntima de Deus Trindade.⁴¹³ Como anteriormente, para o Aquinate o uso nominal de Amor se aplica com mais propriedade ao Espírito Santo, porém pode ser aplicado a todas as pessoas da Trindade, pois as três partilham da mesma essência.⁴¹⁴

⁴⁰⁸ CATECISMO..., 2000, p. 67. CIgC 214.

⁴⁰⁹ CATECISMO..., 2000, p. 69. CIgC 221.

⁴¹⁰ CATECISMO..., 2000, p. 211. CIgC 733.

⁴¹¹ Item 1.1.3.3 e 1.1.3.4

⁴¹² CATECISMO..., 2000, p. 67. CIgC 214.

⁴¹³ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 198-200. Optou-se por usar a síntese de Garrigou-Lagrange, estudioso de Santo Tomás. Na obra de Santo Tomás, o mesmo assunto é abordado na *S. Th. Ia*, nos tratados, *De Deu uno* e *De Deo trino*, das questões 1 a 43.

⁴¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016d. 646. IV AG, 19.

Segundo a doutrina católica, o agir de Deus expressa a sua benevolência, bondade, graça e o seu amor.⁴¹⁵ Quanto a isso, o Doutor Angélico explica que o amor, enquanto atributo operativo, é a força pela qual Deus ama todos os seres e quer-lhes o bem.⁴¹⁶ Nesse sentido, o amor divino é a primeira operação da vontade divina para a consecução do bem da criatura.⁴¹⁷ Em suas palavras: “O amor de Deus infunde e cria a bondade dos seres”.⁴¹⁸

À luz da afirmação joanina, o Catecismo entende que a revelação de Deus Trindade é ao mesmo tempo a revelação da intimidade de Deus.⁴¹⁹ Igualmente, Santo Tomás expressa que somente pela revelação que se pode conhecer a Deus Trindade.⁴²⁰ Pois, isso é um mistério profundo e fecundo àqueles que se dedicam a acessá-lo mediante a contemplação sobrenatural.⁴²¹ Além disso, é no seio da Trindade que o amor se encontra no grau de perfeição: Pai, o amante; Filho, o amado; Espírito Santo, o Amor.⁴²² Nisso se expressa a afirmação do Catecismo de que Deus é eternamente intercâmbio de amor.⁴²³

Quanto à destinação do ser humano a participar deste amor, afirmada pelo Catecismo,⁴²⁴ pode-se entender na perspectiva do Amor dom, derramado no coração.⁴²⁵ Primeiramente, no sentido do Pentecostes e depois no sentido da virtude teologal da caridade. No Pentecostes, o Espírito Santo é por Cristo “manifestado, dado e comunicado como pessoa divina”.⁴²⁶ Disso decorre que todos são chamados a viver este amor na intimidade com a Santíssima Trindade na vida cristã, terrena e eterna:

⁴¹⁵ CATECISMO..., 2000, p. 67. ClgC 214.

⁴¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 166. *S. Th. Ia*, q. 20, a. 1. rep. 3.

⁴¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 166. *S. Th. Ia*, q. 20, a. 1. sol.

⁴¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016d. 158. *I AG*, 91.

⁴¹⁹ CATECISMO..., 2000, p. 69. ClgC 221.

⁴²⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 243. *S. Th. Ia*, q. 32, a. 1. sol.

⁴²¹ PÈGUES. 2019, p.37.

⁴²² GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a. p. 211. Optou-se por usar a síntese de Garrigou-Lagrange, estudioso de Santo Tomás. Na obra de Santo Tomás, o mesmo assunto é abordado na *S. Th. Ia*, nos tratados, *De Deo uno* e *De Deo trino*, das questões 1 a 43. De acordo com as notas de rodapé apresentadas, são muito frequentes as referências à obra *De Trinitate* de Santo Agostinho.

⁴²³ CATECISMO..., 2000, p. 69. ClgC 221.

⁴²⁴ CATECISMO..., 2000, p. 69. ClgC 221.

⁴²⁵ CATECISMO..., 2000, p. 211. ClgC 733.

⁴²⁶ CATECISMO..., 2000, p. 211. ClgC 731.

Obra ao mesmo tempo comum e pessoal, toda a Economia divina dá a conhecer tanto a propriedade das pessoas divinas como sua única natureza. Outrossim, toda a vida cristã é comunhão com cada uma das pessoas divinas, sem de modo algum separá-las. Quem rende glória ao Pai o faz pelo Filho no Espírito Santo; quem segue a Cristo, o faz porque o Pai o atrai e o Espírito o impulsiona. O fim último de toda a Economia divina é a entrada das criaturas na unidade perfeita da Santíssima Trindade. Mas desde já somos chamados a ser habitados pela Santíssima Trindade.⁴²⁷

Dessa comunicação decorre a habitação do Espírito Santo naquele que conhece Cristo, e de modo particular nos batizados, feitos filhos adotivos.⁴²⁸ Além disso, é no batismo que, por ação do Espírito Santo, é infusa no ser humano a virtude teologal da caridade.⁴²⁹ Conforme fora explicado anteriormente, a virtude teologal da caridade, para Santo Tomás, é aquela segundo a qual a pessoa humana pode ser amiga de Deus⁴³⁰ e cumpridora da sua vontade.⁴³¹

Quanto ao modo de viver esse amor a Deus enquanto virtude infusa da caridade, o Catecismo ensina que o Senhor exige que os batizados amem como ele mesmo ama, fazendo-se os próximos do mais afastado, citando o exemplo do *bom samaritano*.⁴³² É desse modo que a Igreja entende a unidade entre o mandamento do amor a Deus e do amor ao próximo como cumprimento da vontade Deus, tal como se reza na oração do *Pai-nosso*.⁴³³

A compreensão de que Deus é amor e que por amor Ele age, apresentada no Catecismo, conforme observado, apresenta bastantes semelhanças com a teologia de Santo Tomás. Inclusive, destacaram-se citações do Aquinate no Catecismo, para evidenciar tais semelhanças e harmonias. Desse modo, evidencia-se que a teologia do Doutor Angélico ainda é atual e concorde com a doutrina da Igreja. A seguir, sob a luz das encíclicas *Deus caritas est* e *Fratelli tutti*, pretende-se atualizar a teologia do amor do Aquinate e evidenciar a sua prática a partir da interpretação

⁴²⁷ CATECISMO..., 2000, p. 78-79. CIgC 259-260.

⁴²⁸ CATECISMO..., 2000, p. 198.351. CIgC 687.1265.

⁴²⁹ CATECISMO..., 2000, p. 352. CIgC 1266.

⁴³⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161-162. *S. Th IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

⁴³¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 164. *S. Th IIa-IIae*, q. 23. a. 3. sol.

⁴³² CATECISMO..., 2000, p. 491. CIgC 1825.

⁴³³ CATECISMO..., 2000, p. 722. CIgC 2822.

da parábola do *bom samaritano*, presente em ambos documentos pontifícios.

3.2 *DEUS CARITAS EST*

Deus caritas est é a primeira Carta Encíclica do pontificado do Papa Bento XVI, publicada em 25 de dezembro, solenidade do Natal do Senhor, de 2005. Já na sua introdução, o pontífice declara que a afirmação de 1Jo 4,8.16 “Deus é amor” exprime com clareza o centro da fé cristã, e por isso ela revela a imagem de Deus e, conseqüentemente, a imagem do ser humano e de seu caminho.⁴³⁴

Na *Deus caritas est*, conhecer e crer no amor de Deus é o alicerce para que o cristão faça a opção fundamental de sua vida. Ele declara:

Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. [...] No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, um rumo decisivo.⁴³⁵

Segundo o Papa Bento XVI, a centralidade do amor e da fé em Jesus Cristo acolhe o núcleo da fé de Israel, dando-lhe nova profundidade e amplitude. Ele entende que Jesus uniu em um só preceito a mais importante lei judaica, a Lei do amor a Deus de Dt 6,5, e a Lei do amor ao próximo de Lv 19,18. Oferecendo esse único preceito, e entendendo que é Deus quem ama primeiro, conforme 1Jo 4,10,⁴³⁶ Bento XVI infere: “o amor já não é apenas um ‘mandamento’, mas a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro”.⁴³⁷

Essa encíclica de Bento XVI contribui com a reflexão da teologia do amor e com a interpretação da parábola do *bom samaritano* anteriormente propostas. Dela, serão extraídos elementos que atualizam a teologia do amor de Santo Tomás e propõem que a caridade é elemento fundamental do ser e do agir da Igreja. Também, na *Deus caritas est*, a parábola do *bom samaritano* é escolhida pelo Papa Bento XVI para dar

⁴³⁴ BENTO XVI, 2006, p. 7-8. *DCE* 1

⁴³⁵ BENTO XVI, 2006, p. 7. *DCE* 1

⁴³⁶ “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados”. *BÍBLIA...*, 2002. p. 2131. 1Jo 4,10.

⁴³⁷ BENTO XVI, 2006, p. 7-8. *DCE* 1

exemplos do agir movido pela caridade. Desse modo, se pretende evidenciar a atualidade da teologia do amor e ecoar o “Vai, e também tu, faz o mesmo”⁴³⁸ de Jesus, como exortação da Igreja, para que, hoje, os seus fiéis também se movam pela caridade.

3.2.1 O amor na encíclica *Deus Caritas est*

A definição conceitual e teológica de amor é desenvolvida na primeira parte da encíclica, que recebeu o título de *A unidade do amor na criação e na história da salvação*. Para expressar sobre que tipo de amor ele está se referindo, o Pontífice aponta para o sentido do amor cristão, mostrando a sua forma e conteúdo e desvincilhando-o da polissemia do tempo presente. Para tanto, ele busca referência nas três palavras gregas que designam amor: *eros*⁴³⁹, *philia*⁴⁴⁰, e *agape*⁴⁴¹.

Segundo Bento XVI, o Novo Testamento nunca usa a palavra *eros*. A palavra *philia* é usada com certa profundidade para exprimir o amor de amizade da relação de Jesus com os discípulos, particularmente no Evangelho de João. A palavra *agape*, por sua vez, que era pouco usada na língua grega, é usada com maior frequência no Novo Testamento e denota a novidade do amor no cristianismo.⁴⁴² A seguir, abordar-se-á o amor *eros* e o amor *agape* em diálogo com a teologia do amor de Santo Tomás e com a interpretação da parábola do *samaritano* apresentadas anteriormente neste trabalho.

3.2.1.1 O amor *eros*

A definição de amor *eros* apresentada por Bento XVI diz que ele é o amor do tipo daquele que acontece entre o homem e a mulher, que não nasce do intelecto ou da vontade, e que, de certo modo, se impõe sobre o ser humano. O *eros* busca a satisfação do corpo, mas a ela não se atém. Antes, ele quer “nos elevar ‘em êxtase’ para o Divino, conduzir-

⁴³⁸ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

⁴³⁹ Grego: Ἔρως. Português: amor, paixão, desejo ardente. (PEREIRA, 1976. p. 358.).

⁴⁴⁰ Grego: φιλία. Português: amor, amizade, inclinação. (PEREIRA, 1976. p. 358.).

⁴⁴¹ Grego: ἀγάπη. Português: amor, afeição. (PEREIRA, 1976. p. 358.). Nas aparições anteriores os termos gregos foram apresentados com a grafia grega. Neste capítulo, optou-se por apresentar a transliteração de *eros* e *agape* pois é assim que são apresentados na *Deus caritas est* por Bento XVI.

⁴⁴² BENTO XVI, 2006, p. 9-10. DCE 2-3.

nos para além de nós próprios, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos”.⁴⁴³

Segundo o Papa Bento XVI, essa interpretação cristã sobre o *eros* recebeu uma crítica de Nietzsche:

o cristianismo teria dado veneno a beber ao *eros*, que, embora não tivesse morrido, daí teria recebido o impulso para se degenerar em vício. Esse filósofo alemão exprimia assim uma sensação muito generalizada: com seus mandamentos e proibições, a Igreja não nos torna porventura amarga a coisa mais bela da vida? Porventura não assinala ela proibições precisamente onde a alegria, preparada para nós pelo Criador, oferece uma felicidade que nos faz presentir algo do Divino?⁴⁴⁴

Bento XVI responde à crítica de Nietzsche, a qual se tornou opinião geral, mostrando que o *eros* considerado verdadeiro pelo filósofo é aquele pré-cristão, grego e pagão. Nessa definição o *eros* é a subjugação da razão, o inebriamento, a “loucura divina” que arrebatava o ser humano de suas limitações e é celebrado como força divina e como comunhão com o divino. Uma definição típica das religiões pagãs onde ocorriam os cultos da fertilidade e a prostituição sagrada. Na *Deus caritas est* essa definição de *eros* já era combatida pela fé no único Deus, desde o Antigo Testamento, pois se tratava de uma perversão da religiosidade, pois o *eros* não é divino, é humano. Tal concepção de um *eros* divinizado priva-o de sua verdadeira identidade e a sua falsa divinização o desumaniza.⁴⁴⁵

O *eros* é um amor enraizado na natureza do ser humano. Ele é um amor mundano e naturalmente ascendente. Por ser amor almeja o infinito, a eternidade, uma realidade maior que ele mesmo. Somente o *eros* autêntico e amadurecido abrange a totalidade do ser humano, isto é, todas suas potencialidades. Para alcançar isso, ele precisa ser purificado, amadurecido e aprender a renunciar. Isso não significa rejeitá-lo, como sugeriu Nietzsche, antes, isso significa curá-lo e direcioná-lo a seu fim verdadeiro, o êxtase com o Divino de modo que o encontro do *eros* da pessoa humana com o amor de Deus causa nela a alegria da experiência

⁴⁴³ BENTO XVI, 2006, p. 10-12. *DCE* 3-5.

⁴⁴⁴ BENTO XVI, 2006, p. 10. *DCE* 3.

⁴⁴⁵ BENTO XVI, 2006, p. 10-11. *DCE* 4.

de ser amado. Essa realidade é sempre um caminho, no qual o ser humano cresce na comunhão com Deus.⁴⁴⁶

Considerando a definição de amor de Santo Tomás, já apresentada, interpreta-se que o que Bento XVI chama de amor *eros* é equivalente ao que Santo Tomás entende por amor natural em sua dimensão antropológica. Assim como o *eros* busca certa satisfação do corpo,⁴⁴⁷ o amor de concupiscência também almeja fruir dos bens apetíveis, ao corpo, à vontade ou ao intelecto.⁴⁴⁸ Tal como o Papa Bento XVI indica que o *eros* precisa de purificação para que seja autêntico e total no ser humano,⁴⁴⁹ o Aquinate considera que o amor de concupiscência é uma paixão, e como tal, precisa ser ordenado ao seu fim natural pela virtude.⁴⁵⁰ Assim como o *eros*, segundo Bento XVI, almeja o êxtase no Divino, através de um encontro com o amor de Deus,⁴⁵¹ para Tomás, as paixões ordenadas pela virtude permitem ao homem que alcance a beatitude que lhe permite a felicidade no Sumo Bem, que é Deus.⁴⁵²

3.2.1.2 O amor *agape*

Bento XVI afirma que o termo *agape* designa a novidade do amor cristão, pois ele é o amor fundado na fé e por ela formado. É o amor ao outro, que o descobre, que lhe quer bem e busca fazer-lhe o bem. Esse amor *agape* ele se faz renúncia, dispõe-se ao sacrifício, e até o busca. É um amor definitivo, em dois sentidos: temporal, pois é amor para sempre; exclusivo, pois amor para uma pessoa. Não é de momento, é de eternidade. É êxtase, mas não é inebriante. O amor *agape* impulsiona um êxodo para fora do eu fechado, faz da pessoa humana dom de si. Ao mesmo tempo, é reencontro de si e descoberta de Deus.⁴⁵³

Na *Deus caritas est*, o amor *agape* é o amor do caminho de Jesus, através da cruz, para a ressurreição. Também, *agape* é o amor de Deus que se dá na Eucaristia, inclusive era o nome pelo qual os primeiros cristãos designavam a liturgia do domingo. O *agape* é, portanto, o amor a Deus e ao próximo, de modo que desapareça a distinção entre o culto e

⁴⁴⁶ BENTO XVI, 2006, p. 11.19.24. *DCE* 5.11.17

⁴⁴⁷ BENTO XVI, 2006, p. 11.19.24. *DCE* 5.11.17

⁴⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 166. *S. Th. Ia-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

⁴⁴⁹ BENTO XVI, 2006, p. 11-12. *DCE* 5.

⁴⁵⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 170. *S. Th. Ia-IIae*, q. 24. a. 1. sol.

⁴⁵¹ BENTO XVI, 2006, p. 12.24. *DCE* 5.17.

⁴⁵² TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 69. *S. Th. Ia-IIae*, q. 5. a. 1. sol.

⁴⁵³ BENTO XVI, 2006, p. 10.13. *DCE* 3.6.

a ética. Nas palavras de Bento XVI: “Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido é em si mesma fragmentária”.⁴⁵⁴

Bento XVI afirma que, mesmo que metodologicamente façam-se distinções entre amor *eros* e *agape*, eles não podem ser radicalmente separados ou isolados.⁴⁵⁵ Desarticulá-los incorreria na desarticulação da essência do cristianismo das relações básicas e vitais da essência humana. Porém, quanto mais unidos e articulados estiverem *eros* e *agape*, mais eles realizam a natureza do amor. O *agape* estende ao próximo o que o *eros* quer para si, de modo que sem aquele, este decai na loucura e não alcança o êxtase que verdadeiramente almeja. O *eros* é enobrecido pelo *agape*, que intimamente purificado, se funde a ele e se faz um só amor.⁴⁵⁶

Para Bento XVI, o amor de Deus ao seu povo é um amor de eleição, e este amor pode ser qualificado como *eros*, que é ao mesmo tempo totalmente *agape*. Ele diz:

O eros de Deus pelo homem é ao mesmo tempo totalmente *agape*. E não só porque é dado de maneira totalmente gratuita, sem mérito algum precedente, mas também porque é amor que perdoa.

O *agape* é o amor da união entre Deus e o ser humano, de modo que eles permaneçam sendo quem são, mas ao mesmo tempo, intimamente unidos, são uma só coisa.⁴⁵⁷ Na conclusão deste argumento, o Bento XVI cita São Paulo: “aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito”.⁴⁵⁸

A partir da definição de amor de Santo Tomás, já apresentada, interpreta-se que o que Bento XVI chama de amor *agape* é entendido por Santo Tomás como duas realidades: amor natural, em sentido antropológico, enquanto amor de amizade; amor sobrenatural, enquanto virtude da caridade e enquanto atributo entitativo e operativo de Deus.

⁴⁵⁴ BENTO XVI, 2006, p. 13.21-22. *DCE* 6.14.

⁴⁵⁵ Neste ponto Bento XVI cita outras distinções de amor, entre as quais cita *amor concupiscentiae* e *amor bevolentiae*, que são as distinções de Santo Tomás abordadas no primeiro capítulo, item 1.1.2.2 e 1.1.2.4, respectivamente. Porém, nesse elenco o Papa Bento XVI não faz referência explícita a Santo Tomás. (BENTO XVI, 2006, p. 14. *DCE* 7.).

⁴⁵⁶ BENTO XVI, 2006, p. 13.14.18. *DCE* 6.7.10.

⁴⁵⁷ BENTO XVI, 2006, p. 16-18. *DCE* 9.10.

⁴⁵⁸ BÍBLIA..., 2002. p. 2000. 1Cor 6,17.

Sendo o *agape* o amor para fora de si, o amor a outrem a quem se quer o bem, ele é equivalente ao amor de amizade, também chamado por Santo Tomás de amor de benevolência. Também, para ambos, este amor é necessário para que ocorra a caridade, a qual Santo Tomás entende que é primeiramente amizade para com Deus.⁴⁵⁹ Similar ao que entende Bento XVI que afirma que o *agape* constitui íntima união entre Deus e o ser humano.⁴⁶⁰

Bento XVI e Tomás são concordes em afirmar que o amor seja um dom pelo qual o ser humano pode amar a Deus e ao próximo por amor de Deus. Também, que esse mesmo amor é a virtude teologal da caridade, que eleva o amor – *eros* e natural – à condição de um amor divino – *agape* e caridade.⁴⁶¹

Por fim, para ambos, antes de o amor ser a virtude da caridade, ele é um atributo que diz respeito ao ser e ao agir de Deus. Bento XVI, na sua encíclica *Caritas in veritate*, afirma:

A caridade é amor recebido e dado; é “graça” (*cháris*). A sua nascente é o amor fontal do Pai pelo Filho no Espírito Santo. É amor que, pelo Filho, desce sobre nós. É amor criador, pelo qual existimos; amor redentor, pelo qual somos recriados. Amor revelado e vivido por Cristo (cf. Jo 13, 1), é “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5, 5). Destinatários do amor de Deus, os homens são constituídos sujeitos de caridade, chamados a fazerem-se eles mesmos instrumentos da graça, para difundir a caridade de Deus e tecer redes de caridade.⁴⁶²

Portanto, para Bento XVI, o amor *agape-caritas* é, primeiramente o amor das relações no interior da Trindade. Citando Santo Agostinho, diz: “Pois bem, sim, tua a vês, a Trindade, se vês a caridade”.⁴⁶³ O Pai, movido de amor, enviou o Filho para redimir o ser humano. O Filho, por sua vez, na cruz entregou o Espírito, antecipando aquela entrega aos

⁴⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161. *S. Th. Ila-IIae*, q. 23. a. 1. sol.

⁴⁶⁰ BENTO XVI, 2006, p. 18. *DCE* 10.

⁴⁶¹ BENTO XVI, 2006, p. 23.28. *DCE* 16.20.

⁴⁶² BENTO XVI. **Carta Encíclica *Caritas in veritate***. São Paulo: Paulus, 2009. CV 5.

⁴⁶³ AGOSTINHO DE HIPONA. **A Trindade**. Trad. Frei Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística v. 10), p. 280. *De Trinitate*, VIII, 8, 12.

discípulos que posteriormente fez no Pentecostes. O Espírito é a força interior que harmoniza o coração da pessoa humana ao coração de Cristo e move a amar o próximo como o Pai e o Filho amaram.⁴⁶⁴

Como visto, Santo Tomás diz que Deus é amor porque o Espírito Santo é a espiração do amor do Pai e do Filho, e mesmo que Amor seja mais propriamente o nome do Espírito, devido à comunicação da mesma essência na Trindade, a todas as três Pessoas se pode chamar pelo nome de Amor.⁴⁶⁵ O amor em Deus, para o Aquinate, é um atributo operativo, que diz respeito ao amor com o qual Deus quer o bem a todos os seres.⁴⁶⁶

Esse amor de Deus que é doado ao ser humano como dom para amar a Deus e ao próximo, entendido por Bento XVI e por Tomás, é o que na *Deus caritas est* é apresentado como a força transformadora do coração da comunidade de fiéis, para que esta seja testemunha do amor através do serviço de caridade.⁴⁶⁷

3.2.2 *Eros, agape e o bom samaritano*

No segundo capítulo, já se apresentou a exegese da parábola do *bom samaritano* e já se fez a sua interpretação à luz da teologia de Santo Tomás de Aquino. Aqui, porém, se faz necessário acrescentar algumas luzes que o conceito de amor de Bento XVI apresenta, para que se possa compreender o imperativo “Vai, e também tu, faze o mesmo”⁴⁶⁸ aplicado para os dias atuais.

O amor do samaritano certamente não se identifica com o *eros* restrito ao prazer do instante ou buscador da “loucura divina”. Antes, o seu amor consiste no *eros* purificado, amadurecido e enobrecido. Um *eros* autêntico e humano, em ordem à sua “verdadeira grandeza”, o êxtase do Divino. Ao mesmo tempo, o samaritano amou com amor *agape*, pois foi capaz de se fazer dom de si, renunciar ao seu caminho, prestar cuidado e fazer o bem àquele homem.⁴⁶⁹

O testemunho de amor do samaritano evidencia alguns elementos do amor anunciado por Jesus, que são elencados por Bento XVI na

⁴⁶⁴ BENTO XVI, 2006, p. 27. *DCE* 19.

⁴⁶⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 270. *S. Th. Ia*, q. 37. a. 1. sol. e rep. 3. TOMÁS DE AQUINO. 2016d, p. 646. *IV AG* 19.

⁴⁶⁶ TOMÁS DE AQUINO. 2016b, p. 178. *S. Th. Ia*, q. 20. a. 2. sol.

⁴⁶⁷ BENTO XVI, 2006, p. 27-28. *DCE* 19.

⁴⁶⁸ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

⁴⁶⁹ BENTO XVI, 2006, p. 11-13. *DCE* 4-6.; BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,30-36.

encíclica *Deus caritas est*. Primeiro, o amor ao próximo é um amor em Deus e com Deus, e por isso é universal, se estende às pessoas de quem não se gosta e a quem não se conhece. Essa forma de amar só é possível a partir de um encontro íntimo com Deus, de modo que se faça uma adesão ao amor de Jesus Cristo, o que exige que quem o ama seja amigo de seus amigos.⁴⁷⁰ Essa forma de amor ao próximo supõe aquela caridade de amizade com Deus e de disposição para cumprir a sua vontade, a qual se apresentou na ótica de Santo Tomás no primeiro capítulo.⁴⁷¹

Em sequência, na *Deus caritas est*, infere-se que o amor ao próximo supera as aparências e a exterioridade. É um amor que entende que o próximo tem uma “expectativa interior de um gesto de amor, de atenção”. Para isso, supondo o encontro com Deus, é preciso ver com os olhos de Jesus, oferecer mais do que necessidades externas, dar ao próximo o olhar de amor e atenção de que ele carece.⁴⁷² Esse olhar que alcança a intimidade, na parábola, se expressa na sequência de ações: “chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão”.⁴⁷³ Essa compaixão do samaritano é o que Bento XVI chama de *agape*, na encíclica, é o amor elevado e nobre, o amor que descobre o outro, que faz êxodo e dom de si.⁴⁷⁴

A partir de 1Jo 4,19-20, Bento XVI evidencia a interação entre o amor ao próximo e o amor a Deus. Na falta do contato com Deus, não se pode reconhecer no outro a imagem divina. A negligência ao cuidado do outro em favor de uma certa piedade e cumprimento de deveres religiosos só faz definhar o amor a Deus. A disponibilidade de amor ao próximo torna o ser humano sensível ao amor de Deus. Diz Bento XVI: “Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama”. Ambos, amor a Deus e aos próximo são consequência do amor com que Deus amou, por primeiro, o ser humano. Por isso, amar a Deus e ao próximo é, antes de tudo, resposta ao amor de Deus.⁴⁷⁵

Diante disso, se destaca o fato de que o sacerdote e o levita, que desciam de Jerusalém, possivelmente após cumprirem seus deveres religiosos e sagrados, não sendo capazes de amor ao próximo,

⁴⁷⁰ BENTO XVI, 2006, p. 25. *DCE* 18.

⁴⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol. (No primeiro capítulo, item 1.2.2.)

⁴⁷² BENTO XVI, 2006, p. 25. *DCE* 18.

⁴⁷³ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,33.

⁴⁷⁴ BENTO XVI, 2006, p. 13. *DCE* 6.

⁴⁷⁵ BENTO XVI, 2006, p. 25-26. *DCE* 18.

definhavam em sua relação com Deus. Podiam cumprir os preceitos de Deus, mas não eram capazes de agir conforme o amor com que eram amados.⁴⁷⁶

A interpretação da parábola do *bom samaritano*, aqui retomada, é o critério para refletir sobre o amor que a Igreja deve praticar. Desse modo, a seguir, pretende-se evidenciar de que modo, à luz da encíclica *Deus caritas est*, os membros da Igreja podem ouvir o imperativo do Senhor que diz para fazer o mesmo que fez o samaritano.⁴⁷⁷ Ou seja, convida a amar a Deus e ao próximo, concretamente.

3.2.3 O amor que a Igreja deve praticar segundo a *Deus Caritas est*

O testemunho do *bom samaritano* é apresentado por Bento XVI como critério e modelo para o agir caritativo da Igreja. Segundo ele “o ‘mandamento’ do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser ‘mandado’, porque antes nos é dado”.⁴⁷⁸ Essa doação do amor ao ser humano é aquela da Cruz e da Eucaristia, na qual o Deus que é amor se faz dom de si.⁴⁷⁹

A parábola do *bom samaritano*, interpretada nessa perspectiva, oferece dois elementos importantes para o amor *caritas-agape* do cristão. O primeiro elemento é a universalidade do conceito de próximo, que até então estava limitada ao povo de Israel e aos estrangeiros que em Israel se tinham estabelecido. Através da parábola, o conceito de próximo é expandido para além desses limites. Assim o define o Papa Bento XVI: “qualquer um que necessite de mim e eu possa ajudá-lo é meu próximo”. O segundo elemento é a concretude do amor ao próximo, pois mesmo que seja universal, não é genérico e nem abstraído. Antes, é comprometedor e requer empenho prático, no aqui e no agora.⁴⁸⁰

Abordando o agir caritativo como um dever da Igreja, Bento XVI afirma que a sua prática se estende para além das fronteiras da Igreja. Sendo a parábola do *bom samaritano* o critério desse modo de agir, ela impõe a universalidade do amor que se inclina para o necessitado, sem fazer distinções, seja ele quem for. Porém, salvaguarda-se a atenção especial aos necessitados, os próximos, que são os membros da Igreja que

⁴⁷⁶ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,31-32.

⁴⁷⁷ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

⁴⁷⁸ BENTO XVI, 2006, p. 22. *DCE* 14.

⁴⁷⁹ BENTO XVI, 2006, p. 20-22. *DCE* 12-14.

⁴⁸⁰ BENTO XVI, 2006, p. 22. *DCE* 15.

sofrem necessidades.⁴⁸¹ Na conclusão deste raciocínio, cita São Paulo ao Gálatas: “enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas sobretudo para com os irmãos na fé”.⁴⁸²

Traçando o perfil da atividade caritativa da Igreja, Bento XVI apresenta o modelo do *bom samaritano* como resposta à necessidade imediata do próximo: “os famintos devem ser saciados; os nus, vestidos; os doentes, tratados para se curarem; os presos, visitados etc.”.⁴⁸³ Porém, tais necessidades não se reduzem às misérias corporais dos necessitados, pois segundo o Papa Bento XVI eles “têm necessidade de humanidade, precisam da atenção do coração”.⁴⁸⁴ Aqueles que operam a caridade cristã precisam experimentar o “encontro com Deus em Cristo que neles suscite o amor e abra o seu íntimo”,⁴⁸⁵ para que o amor ao próximo e seu agir não seja apenas a execução de um mandamento ou a prestação de um serviço, mas que seja “consequência resultante de sua fé que se torna operativa pelo amor”.⁴⁸⁶

O Papa Bento XVI apresenta que, mesmo que o agir caritativo se sirva de organizações, sobretudo a *Caritas*, ele deve ser livre e independente de partidos e de ideologias. Segundo ele, a atividade caritativa “não é um meio para mudar o mundo de maneira ideológica, nem está a serviço de estratégias mundanas, mas é atualização aqui e agora daquele amor de que o homem sempre tem necessidade”.⁴⁸⁷ O programa de agir de Jesus, no modelo do *bom samaritano*, é o programa de agir do cristão, e se realiza num coração que vê: “Esse coração vê onde há necessidade de amor e atua em consequência”.⁴⁸⁸

O agir caritativo não deve, também, ser colocado a serviço do proselitismo. Pôr em prática a caridade de Cristo não implica em impor aos outros a fé da Igreja. Bento XVI assim sintetiza essa postura: “o amor, em sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em quem acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar. O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor”.⁴⁸⁹

⁴⁸¹ BENTO XVI, 2006, p. 25. *DCE* 25b.

⁴⁸² BÍBLIA..., 2002. p. 2038. Gl 6,10.

⁴⁸³ BENTO XVI, 2006, p. 40-41. *DCE* 31a.

⁴⁸⁴ BENTO XVI, 2006, p. 40-41. *DCE* 31a.

⁴⁸⁵ BENTO XVI, 2006, p. 40-41. *DCE* 31a.

⁴⁸⁶ BENTO XVI, 2006, p. 40-41. *DCE* 31a.

⁴⁸⁷ BENTO XVI, 2006, p. 41-42. *DCE* 31b.

⁴⁸⁸ BENTO XVI, 2006, p. 41-42. *DCE* 31b.

⁴⁸⁹ BENTO XVI, 2006, p. 42. *DCE* 31c.

É desse modo que Bento XVI, na sua encíclica *Deus caritas est*, propõe que é tarefa da Igreja interpretar o testemunho do *bom samaritano*, visando sugerir aos membros da Igreja a sua prática, pois ela ensina quem é o próximo e como se deve agir com ele, se fazendo o próximo.⁴⁹⁰

3.3 FRATELLI TUTTI

Fratelli Tutti é uma carta encíclica do Papa Francisco, publicada em 03 de outubro, na véspera da Memória litúrgica de São Francisco, em Assis, junto ao túmulo do mesmo santo, em 2020. Já na sua introdução, o pontífice declara que o bordão “*fratelli tutti*” – *todos irmãos* – de São Francisco de Assis é a motivação de sua encíclica que visa propor a fraternidade e a amizade social.⁴⁹¹

Nessa encíclica, Francisco se apoia nos ensinamentos de São Francisco e na parábola do *bom samaritano* para propor um amor que ultrapassa barreiras. Reconhecendo o valor do ensinamento do Pobre de Assis, o Papa diz: “Com poucas e simples palavras, explicou o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas”.⁴⁹²

A parábola do *bom samaritano*, dum homem que ajudou aquele caído que lhe era desconhecido, é proposta pelo Papa Francisco como iluminação, pela Palavra de Deus, da realidade da necessidade de amor fraterno nos dias atuais. A escolha da parábola se deve ao fato de que ela é capaz de comunicar a verdade do amor a qualquer pessoa, independente de credo ou de convicções políticas.⁴⁹³

Essa encíclica de Francisco também contribui para a reflexão da teologia do amor e na interpretação da parábola do *bom samaritano* anteriormente propostas. Dela, serão extraídos elementos que atualizam a teologia do amor de Santo Tomás e propõem a superação das diferenças pela caridade. Nela, a parábola do *bom samaritano* é interpretada pelo Papa Francisco como diagnóstico e caminho para solução do problema da ausência de amor nos dias atuais. Desse modo, também à luz da *Fratelli Tutti*, se pretende evidenciar a atualidade da teologia do amor e ecoar o “Vai, e também tu, faze o mesmo”⁴⁹⁴ de Jesus, como exortação da Igreja para que, hoje, os seus fiéis, e todas as pessoas de boa vontade, também se movam pela caridade.

⁴⁹⁰ BENTO XVI, 2006, p. 22. *DCE* 15.

⁴⁹¹ FRANCISCO, 2020. p. 11. *FT* 1-2.

⁴⁹² FRANCISCO, 2020. p. 11. *FT* 1.

⁴⁹³ FRANCISCO, 2020. p. 38. *FT* 56.

⁴⁹⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

3.3.1 O valor do amor

O Papa Francisco está de acordo com Santo Tomás de Aquino ao propor que a caridade, que é dom de Deus, orienta todas as demais virtudes, particularmente aquelas de cunho moral que se dirigem ao próximo.⁴⁹⁵ Em suas palavras:

As pessoas podem desenvolver algumas atitudes que apresentam como valores morais: fortaleza, sobriedade, laboriosidade e outras virtudes. Mas, para orientar adequadamente os atos das várias virtudes morais, é necessário considerar também a medida em que eles realizam um dinamismo de abertura e união para com outras pessoas. Esse dinamismo é a caridade infundida por Deus. Caso contrário, talvez tenhamos só uma aparência de virtudes, que serão incapazes de construir a vida em comum.⁴⁹⁶

Segundo Francisco a caridade é o dinamismo das virtudes, pois é ela quem dá a medida da “estatura espiritual” da vida humana.⁴⁹⁷ Santo Tomás, por sua vez, afirma que ela, a caridade, eleva as ações humanas e as demais virtudes na medida em que as ordena para o seu próprio fim, que é o amor de Deus.⁴⁹⁸

Para explicar o dinamismo do amor na atitude de amar, Francisco recorre, no parágrafo 93, a citações da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino. Primeiramente, recorre à *S. Th IIA-IIae*, na questão 27, que trata de explicar que o ato principal da caridade é amar.⁴⁹⁹ O Santo Padre recorre, especificamente, ao artigo 2 para explicar que o amor movimenta ao ato de unir-se ao amado. Para tanto, ele cita o Aquinate: “O amor [...] implica certa união fundada no afeto do amante para com o amado, enquanto considera a este como, de certo modo, unido a si ou a si pertencente, e por isso, move-se para ele”.⁵⁰⁰

Na sequência, para seguir explicando a alteridade do amor, Francisco recorre à *S. Th Ia-IIae*, na questão 26, que aborda o amor

⁴⁹⁵ FRANCISCO, 2020. p. 53. FT 91.

⁴⁹⁶ FRANCISCO, 2020. p. 53. FT 91.

⁴⁹⁷ FRANCISCO, 2020. p. 53. FT 91-92.

⁴⁹⁸ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 169. *S. Th. IIA-IIae*, q. 23. a. 8. sol.

⁴⁹⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 209. *S. Th. IIA-IIae*, q. 27. a. 1. sol.

⁵⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 210. *S. Th. IIA-IIae*, q. 27. a. 2. sol.

enquanto paixão da alma, portanto amor natural.⁵⁰¹ No artigo 3, o Aquinate desenvolve a conceituação de amor, dileção e caridade. Para ele os três vocábulos exprimem o mesmo ato, mas de modo diferente. O mais geral é o amor, que pode ser usado no sentido dos outros dois. A dileção diz respeito à eleição precedente ao ato de amar, ela não pertence ao concupiscível, mas à vontade e à natureza racional. A caridade acrescenta ao amor a perfeição que lhe é própria.⁵⁰² O Papa Francisco entende que o amado é o dileto, o eleito, e por isso é estimado com valor. Essa estima é que deve mover o amante na busca do seu bem.⁵⁰³ Esse amor que move o amante a realizar o bem do amado, é o que Santo Tomás chama de amor de amizade.⁵⁰⁴

Fundamentado em Santo Tomás, Francisco conclui que o amor exige mais do que a atitude de fazer o bem a alguém. Ele entende que tanto o amor quanto as ações por ele movidas devem resultar na união das pessoas envolvidas. O Santo Padre infere, também, que é preciso superar as aparências físicas e morais, para que seja possível considerar o outro bom, digno, precioso e aprazível. Para ele, é sobre esse alicerce que se pode construir a amizade social, fraterna e não excludente.⁵⁰⁵

O Papa Francisco está de acordo com Santo Tomás de Aquino quando afirma que a fonte suprema do amor é a vida íntima de Deus, comunhão de três Pessoas, modelo perfeito da vida comunitária.⁵⁰⁶ Segundo a síntese de Garrigou-Lagrange, o Aquinate entende que é na Trindade que se encontra o amor em grau perfeito. O Pai, gerador, ama o Filho. O Filho, gerado, ama o Pai como é amado. O amor entre o Pai e o Filho é perfeito, substancial e vivo. Esse amor que enlaça o Pai e o Filho é o Espírito Santo.⁵⁰⁷ Esse amor de Deus Trindade é o amor com o qual o Filho derramou, por todos, o seu sangue na Cruz. Esse amor universal, diz o Papa, é para cada um, a ninguém exclui.⁵⁰⁸ Santo Tomás, de modo

⁵⁰¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 178. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 1. sol.

⁵⁰² TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 180. *S. Th. Ia-IIae*, q. 26. a. 2. sol.

⁵⁰³ FRANCISCO, 2020. p. 54. *FT* 93.

⁵⁰⁴ COUTO. 2012, p 105.

⁵⁰⁵ FRANCISCO, 2020. p. 54. *FT* 94.

⁵⁰⁶ FRANCISCO, 2020. p. 50. *FT* 85.

⁵⁰⁷ GARRIGOU-LAGRANGE. 2020a, p. 211. Optou-se por usar a síntese de Garrigou-Lagrange, estudioso de Santo Tomás. Na obra de Santo Tomás, o mesmo assunto é abordado na *S. Th. Ia*, nos tratados, *De Deu uno* e *De Deo trino*, das questões 1 a 43.

⁵⁰⁸ FRANCISCO, 2020. p. 50. *FT* 85.

similar, afirma que a Paixão do Senhor é o maior sinal de amor que ele mesmo deu em favor de todos.⁵⁰⁹

Quanto à capacidade de amar do ser humano, o Papa Francisco, a partir de Santo Tomás, afirma: “a partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro”.⁵¹⁰ Na nota de rodapé, o Santo Padre deixou a citação direta do Aquinate: “diz-se que o amor produz êxtase e efervescência, contanto que o efervescente ferva fora de si e expire”.⁵¹¹ O êxtase é o efeito do amor quando se dá a satisfação do seu apetite.⁵¹² Nesse sentido, ele se compara ao amor afetivo.⁵¹³

A efervescência, por sua vez, identifica-se com o amor de amizade, que é capaz de projetar os efeitos do amor naquele a quem se considera amigo, conforme abordado.⁵¹⁴ A efervescência do amor a que Francisco se refere é aquela do efeito do amor chamado zelo aplicado ao amor de amizade, que leva o amante a buscar o bem e repugnar o mal do amado.⁵¹⁵ Nesse sentido, a efervescência é um amor efetivo.⁵¹⁶

Da capacidade de amar do ser humano, decorre que as relações de amor fazem com que o ser humano cresça e se enobreça, na medida em que deixa o seu coração ser completado pela amizade. Segundo o Santo Padre, as sadias relações de amizade enriquecem a pessoa humana. Mas essas relações não devem ser exclusivistas, somente a uma pessoa, ou fechadas a determinados grupos. As relações autênticas são abertas ao próximo, e se realizam numa complexa e ampla teia de relações.⁵¹⁷

Na *Fratelli Tutti*, Francisco não tem a pretensão de apresentar um resumo acerca da doutrina do amor. Ele deixa claro que quer evidenciar a dimensão universal do amor cristão, o qual naturalmente deve ser aberto a todos. Ainda, mesmo que o Papa esteja sustentando a encíclica a partir da doutrina do amor cristão, ele propõe que sua reflexão é aberta ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade. Esse amor universal,

⁵⁰⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Quaestiones quodlibetales*. In: MEZARD, Denys (Org.). **Meditações para a Quaresma**. Trad. Jefferson Bombachim. Campinas: Ecclesiae, 2018b. p. 212-213.

⁵¹⁰ FRANCISCO, 2020. p. 51. FT 88.

⁵¹¹ TOMÁS DE AQUINO. *Scriptum super Sententiis*. In: FRANCISCO, 2020. p. 51. FT 88. Nota de rodapé 55.

⁵¹² TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 187-188. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 3. sol.

⁵¹³ MARIN, 1960. p. 219.

⁵¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. 2016a. p. 181. *S. Th. Ia-IIae*, q. 27. a. 4. sol.

⁵¹⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 188-189. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 4. sol.

⁵¹⁶ CRUZ. 1996, p. 132.

⁵¹⁷ FRANCISCO, 2020. p. 52. FT 89.

amizade social, não pode ser alcançado de repente. É necessário fazer um caminho que o conquiste a cada dia mais, sem acomodação com o que já se alcançou, sem aproveitá-lo como se nada mais fosse necessário e sem ignorar a todos que ainda precisam dele.⁵¹⁸

3.3.2 Os personagens da parábola, hoje

No capítulo II da *Fratelli Tutti*, sob o título *Um estranho no caminho*, o Papa Francisco propõe a sua interpretação da parábola do *bom samaritano*, que serve de iluminação para a sua proposta da universalidade do amor e da amizade social. Desta parte da encíclica serão extraídos os elementos para atualizar a parábola e a proposta da vivência do amor como mandamento de Jesus de se fazer o próximo do necessitado.

A concretude e a universalidade do amor, anteriormente expostas, são exemplificadas na *Fratelli Tutti* através da parábola do *bom samaritano*. Francisco destaca que o preceito do amor ao próximo, de Levítico 19,18, no judaísmo, referia-se, primeiramente, aos compatriotas. Porém, na própria história da presença do judaísmo fora de Israel, o convite a amar o próximo teve suas fronteiras ampliadas na medida em que o povo desejava imitar o comportamento de Deus.⁵¹⁹ Para exemplificar isso, Francisco cita: “A misericórdia do homem é para com o seu próximo, mas a do Senhor é para com toda a carne”.⁵²⁰ Ainda, expandindo o horizonte do amor ao próximo, Israel fazia memória de que já fora estrangeiro,⁵²¹ como relata o Êxodo: “Não afligirás o estrangeiro nem o oprimido, pois vós mesmos fostes estrangeiros no país do Egito”.⁵²²

O Santo Padre também destaca que no Novo Testamento, ressoa a lei do amor ao próximo na forma de um apelo ao amor fraterno.⁵²³ Ele cita: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar”.⁵²⁴ Para Francisco, esse apelo é universal, e

⁵¹⁸ FRANCISCO, 2020. p. 13.16. FT 6.11.

⁵¹⁹ FRANCISCO, 2020. p. 39. FT 59.

⁵²⁰ BÍBLIA..., 2002. p. 1170. Eclo 18,13.

⁵²¹ FRANCISCO, 2020. p. 39. FT 61.

⁵²² BÍBLIA..., 2002. p. 134. Ex 22,20. O Papa Francisco também cita: Ex 23,9; Lv 19,33-34; Dt 24,21-22.

⁵²³ FRANCISCO, 2020. p. 40. FT 61.

⁵²⁴ BÍBLIA..., 2002. p. 2132. 1Jo 4,20. O Papa Francisco também cita: Gl 5,14; 1Jo 2,10-11.3,14; 1Ts 3,12; 3Jo 5.

abraça a todos simplesmente por serem seres humanos.⁵²⁵ Ele justifica essa universalidade fazendo referência à seguinte perícopé do evangelho de Mateus:

Ouvistes o que foi dito: *Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo*. Eu, porém, vos digo, amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos.⁵²⁶

Com essas citações e abordagens, Francisco deixa claro que o amor ao próximo e o amor a Deus estão intimamente ligados entre si. Na análise dos mandamentos da Lei do amor ao próximo e da Lei do amor a Iahweh, à luz de Fitzmyer, Bovon e Santo Tomás de Aquino, previamente apresentada, chegou-se a essa mesma conclusão de Francisco, de que o amor ao próximo é fundamentado no amor de Deus, exige a mesma totalidade que exige o amor a Deus, e é sinal concreto de que se ama a Deus.⁵²⁷

A parábola do *bom samaritano*, por sua vez, é escolhida pelo Papa na sua encíclica porque ajuda a entender a universalidade do amor, pois para aquele samaritano que passava pelo caminho não fazia diferença de onde vinha ou quem era aquele homem caído. Para Francisco, não só o testemunho do amor do samaritano foi de um amor universal, mas a própria parábola é capaz de interpelar a todos de boa vontade, e não somente aos cristãos. Por isso ela é tão oportuna na sua proposta de um amor universal e de uma amizade social.⁵²⁸ Ao interpretar a parábola, o Santo Padre destaca as quatro atitudes dos personagens da parábola: os salteadores, os indiferentes, o caído e o samaritano. A partir delas o Sumo Pontífice atualiza a parábola para o contexto atual, destacando atitudes semelhantes nas pessoas do hoje da história.⁵²⁹

A primeira atitude destacada por Francisco é a dos salteadores, observando que no ponto em que a parábola começa, o assalto e a agressão já estão consumados: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado,

⁵²⁵ FRANCISCO, 2020, p. 39. FT 60.

⁵²⁶ BÍBLIA..., 2002, p. 1712. Mt 5,43-45. O Papa Francisco também cita: Lc 6,36.

⁵²⁷ Cf. Capítulo II deste trabalho.

⁵²⁸ FRANCISCO, 2020, p. 37.40. FT 56.62.

⁵²⁹ FRANCISCO, 2020, p. 41-49. FT 63-83.

foram-se deixando-o semimorto”.⁵³⁰ Francisco segue apontando que Jesus não se detém a explicar sobre a violência sofrida por aquele homem, pois, segundo o próprio Papa, ela já uma realidade conhecida de todos. Observando a atualidade, ele diz que são crescentes por todo o mundo as “sombras densas do abandono, da violência usada para mesquinhos interesses de poder, acúmulo e repartição”.⁵³¹

Na sequência o Papa observa a indiferença marcada na atitude do sacerdote e do levita: “Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu”.⁵³² Em sua análise, Francisco diz:

Essa perigosa indiferença que leva a não parar, inocente ou não, fruto do desprezo ou de uma triste distração, faz das duas personagens – o sacerdote e o levita – um reflexo não menos triste daquela distância menosprezadora que isola da realidade.⁵³³

A indiferença desses dois personagens contém um agravante importante: eles eram pessoas religiosas e responsáveis pelo culto a Deus. Francisco aponta que esse agravante também se aplica a todos os fiéis na atualidade. Segundo ele, “crer em Deus e adorá-lo não é garantia de viver como agrada a Deus”,⁵³⁴ de modo que uma pessoa fiel pode viver prescindindo de alguma parte de sua fé e, mesmo assim, julgar-se próxima de Deus e mais digna do que os outros. Porém, o Pontífice destaca que a vida de fé deve promover o movimento contrário: a abertura de coração aos irmãos que, por sua vez, é a garantia da abertura de coração a Deus.⁵³⁵

Para evidenciar esse movimento necessário do amor ao próximo como garantia do amor a Deus, o Papa cita São João Crisóstomo:

Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem o honres aqui

⁵³⁰ BÍBLIA..., 2002 1808. Lc 10,30.

⁵³¹ FRANCISCO, 2020. p. 44. *FT 72*.

⁵³² BÍBLIA..., 2002 1808. Lc 10,31-32.

⁵³³ FRANCISCO, 2020. p. 44. *FT 73*.

⁵³⁴ FRANCISCO, 2020. p. 45. *FT 75*.

⁵³⁵ FRANCISCO, 2020. p. 45. *FT 75*.

no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez.⁵³⁶

O Papa Francisco diz que nos dias atuais essa indiferença é recorrente nos *olhares a atitudes elegantes* do politicamente correto ou das modas ideológicas. Segundo ele, isso é evidente nas instituições que deviam prestar assistência aos carentes, mas na realidade estão voltadas a servir aos interesses de poucos. Nesses casos, até existe um olhar para os necessitados, mas não existe o toque. A partir desse contato, se produz muitos discursos *cheios de eufemismos*, mas o abandonado continua abandonado. Desse modo, os indiferentes se fazem cúmplices dos salteadores.⁵³⁷

Diante disso, Francisco denuncia a hipocrisia do uso das instituições, cargos, funções de promoção humana para interesses pessoais. Isso só faz aumentar a desesperança e o desencanto, e cada vez mais abafa a solidariedade e a generosidade.⁵³⁸ Sua denúncia segue:

Fazer um povo precipitar no desânimo é o epílogo de um perfeito círculo vicioso: assim procede a ditadura invisível dos verdadeiros interesses ocultos, que se apoderam dos recursos e da capacidade de ter opinião e pensamento próprio.⁵³⁹

Explicando a figura do homem assaltado e abandonado narrada na parábola, o Papa Francisco diz que ela se repete nos dias atuais. Os assaltados de hoje são as vítimas dos salteadores e indiferentes que promovem a exclusão da pessoa em âmbito social, político, econômico e religioso.⁵⁴⁰ Em suas palavras:

Torna-se cada vez mais evidente que a indiferença social e política faz de muitos lugares do mundo estradas desoladas, nas quais as disputas internas e internacionais e o saque de oportunidades deixam muitos marginalizados, jogados à margem da estrada.⁵⁴¹

⁵³⁶ JOÃO CRISÓSTOMO, *Homiliae in Matthaëum*, 50, 3-4: PG 58, 508. *apud* FRANCISCO, 2020. p. 45. FT 74.

⁵³⁷ FRANCISCO, 2020. p. 45-46. FT 75-76.

⁵³⁸ FRANCISCO, 2020. p. 45-46. FT 75-76.

⁵³⁹ FRANCISCO, 2020. p. 46. FT 75.

⁵⁴⁰ FRANCISCO, 2020. p. 43. FT 69.

⁵⁴¹ FRANCISCO, 2020. p. 44. FT 71.

O Santo Padre, em meio à sua explicação das atitudes e personagens pergunta ao leitor da encíclica: “Com quem você se identifica? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles você se assemelha?”.⁵⁴² Tais interrogações derrubam as máscaras das aparências, rótulos e disfarces. Francisco diz que diante de uma pessoa vulnerável é que ocorre a *hora da verdade*. Ele também pergunta: “Debruçar-nos-emos para tocar e cuidar das feridas dos outros? Abaixar-nos-emos para levar às costas o outro?”.⁵⁴³

Francisco afirma que diante de um necessitado, todos enfrentam a opção de ser como os viandantes indiferentes ou ser como o *bom samaritano*. A partir destas opções e das perguntas supracitadas, não a título de resposta, mas de desafio, o Santo Padre aponta que o modelo oferecido por Jesus ao ser humano para agir diante de tais situações é o do *bom samaritano*.⁵⁴⁴

Entendendo que a parábola é um *ícone iluminador*, Francisco afirma que ela mostra a opção fundamental que é necessária para a reconstrução do presente *mundo ferido*. Em suas palavras:

Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o *bom samaritano*. Qualquer outra opção nos deixa ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada.⁵⁴⁵

Diante disso, entende-se que a parábola ensina a todos o caminho e as iniciativas para que os homens e as mulheres dos dias de hoje façam-se os próximos dos vulneráveis, reabilitem os caídos e promovam o bem comum.⁵⁴⁶

Francisco diz que Jesus “confia na parte melhor do espírito humano e, com a parábola, anima-o a aderir ao amor, reintegrar o ferido e construir uma sociedade digna de tal nome”.⁵⁴⁷ É com essas palavras que Francisco faz ecoar hoje o imperativo da conclusão da parábola: “Vai, e também tu, faze o mesmo”.⁵⁴⁸

⁵⁴² FRANCISCO, 2020. p. 41. FT 64.

⁵⁴³ FRANCISCO, 2020. p. 43. FT 70.

⁵⁴⁴ FRANCISCO, 2020. p. 43-44. FT 69-71.

⁵⁴⁵ FRANCISCO, 2020. p. 42. FT 67.

⁵⁴⁶ FRANCISCO, 2020. p. 42. FT 67.

⁵⁴⁷ FRANCISCO, 2020. p. 43-44. FT 69-71.

⁵⁴⁸ BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

3.3.3 A universalidade do amor e de sua prática

Para extrair da *Fratelli Tutti* o eco do imperativo ao agir misericordioso para com o necessitado, há de se considerar a teologia do amor de Santo Tomás e a exegese da parábola do *bom samaritano* apresentadas neste trabalho. Ainda, há de se considerar a interpretação da parábola proposta pelo Papa Francisco, anteriormente sintetizada.

O Papa Francisco propõe que todos podem assumir o modelo do *bom samaritano* e agir com amor, pois esse mesmo modelo é capaz de comunicar às pessoas de todas as crenças e de todos os lugares do mundo. O amor universal, a fraternidade universal e a amizade social são acessíveis e praticáveis por todas as pessoas, independente de convicções religiosas.⁵⁴⁹

Considerando a teologia do amor de Santo Tomás de Aquino, a proposta de Francisco é viável, pois o amor tem uma dimensão antropológica e natural. Por sua vez, considerando a proposta do Sumo Pontífice, essa teologia do Doutor Angélico é atual e ajuda a compreender os traços do amor que devem ser praticados por todas as pessoas.

Segundo Santo Tomás, o amor em dimensão antropológica é constitutivo de todo ser humano. Ele se desdobra em amor de concupiscência, o qual diz respeito ao bem que alguém deseja a si mesmo, e amor de amizade, o qual diz respeito ao bem que se deseja a alguém.⁵⁵⁰ O amor em dimensão antropológica, para que não degenera e se incline para o mal, precisa ser auxiliado pelas virtudes, que o direcionam para o máximo bem a ser alcançado.⁵⁵¹

Sob essa perspectiva, muitas das realidades denunciadas por Francisco, podem ser consideradas como decorrentes do amor antropológico desordenado e degenerado. Ao amor de concupiscência desordenado correspondem as atitudes que colocam as pessoas de hoje na busca desenfreada e desmedida de bens para si mesmas. Ao amor de amizade desordenado correspondem as atitudes que fazem das pessoas egoístas e até utilitaristas.⁵⁵² Entre tais atitudes, o Papa destaca, através da interpretação da parábola, a atitude do assaltante, o que toma o bem do outro para si, e a indiferença que movimenta a ignorar o necessitado situado em frente aos olhos.⁵⁵³

⁵⁴⁹ FRANCISCO, 2020. p. 13.37 *FT* 6.56.

⁵⁵⁰ TOMÁS DE AQUINO. 2016a. p. 181. *S. Th. Ia-IIae*, q. 27. a. 4. sol

⁵⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 350. *S. Th. Ia-IIae*, q. 59. a. 2. rep. 3.

⁵⁵² Cf. FRANCISCO, 2020. *passim. FT*.

⁵⁵³ FRANCISCO, 2020. p. 44-45. *FT* 72-74.

Antônio Couto, na sua tese de doutorado intitulada *Amor, desejo e amizade*, interpretando Santo Tomás, infere que a indiferença é uma certa neutralidade da vontade com relação a seu objeto, que é o bem. Aplicando esse conceito à interpretação de Francisco na parábola, decorre que tanto o assaltante quanto o sacerdote e o levita foram indiferentes, ou seja, não tiveram a sua vontade movida pelo bem verdadeiro, que é o bem particular inclinado ao Bem Universal, que leva o homem à bem-aventurança.⁵⁵⁴

Comparando a proposta de Francisco na *Fratelli Tutti* com a teologia do amor de Santo Tomás, o que diz respeito ao amor ao próximo é o amor de amizade. Este, por sua vez, quando ordenado pela virtude, faz da pessoa humana benevolente e zelosa ao amado. Ou seja, capacita a desejar o bem e a mover-se para executá-lo.⁵⁵⁵ Sendo o amor de amizade uma capacidade natural de todo ser humano, decorre que todos, indistintamente de credo, raça, posição social, política e econômica, podem ser chamados por Francisco a uma conversão pessoal que construa a solidariedade em todo o mundo. Tal conversão implica a todos que recebem o “apelo àquele mínimo de consciência universal e de preocupação pelo cuidado mútuo que ainda possa existir nas pessoas”.⁵⁵⁶

Francisco e Tomás estão em profunda sintonia no que diz respeito ao que a caridade é, considerando-a como dom infuso de Deus para amá-lo e para amar ao próximo. Dos cristãos, e particularmente dos fiéis católicos, que em virtude do batismo são portadores das virtudes teologais, Francisco espera um testemunho autêntico da caridade, e não apenas uma aparência de virtude.⁵⁵⁷ Segundo a síntese do Pe. Garrigou-Lagrange, Santo Tomás entende que a caridade, enquanto dom infuso do amor de Deus, sobreleva o amor humano à capacidade de amar a Deus por si mesmo e ao próximo por amor de Deus.⁵⁵⁸

Santo Tomás propõe que a caridade tem como efeito a misericórdia, segundo a qual, alguém sente em seu coração a miséria do outro.⁵⁵⁹ No segundo capítulo, ao interpretar à parábola do *bom samaritano*, se percebeu que a ação do samaritano, no contexto da lei do amor a Deus, expressa no agir daquele samaritano o amor sobrenatural de

⁵⁵⁴ COUTO. 2012, p 66-67.

⁵⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 161. *S. Th. IIa-IIae*, q. 23. a. 1. sol.; TOMÁS DE AQUINO. 2016a, p. 188-189. *S. Th. Ia-IIae*, q. 28. a. 4. sol

⁵⁵⁶ FRANCISCO, 2020. p. 62-64. *FT* 114-117.

⁵⁵⁷ FRANCISCO, 2020. p. 53. *FT* 91.

⁵⁵⁸ GARRIGOU-LAGRANGE. 1948, p. 365-366.

⁵⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. 2016c, p. 224. *S. Th. IIa-IIae*, q. 30. a. 1. sol.

caridade, que por misericórdia sentiu em si a miséria daquele homem caído e se moveu para promover o seu bem através das esmolas corporais e espirituais.⁵⁶⁰

O Papa Francisco afirma que o agir misericordioso do samaritano é provocação e exortação para que os cristãos assumam essa atitude em suas vidas e esses sentimentos em seus corações. Ele segue afirmando que o cuidado dos vulneráveis tem uma dimensão transcendente, pois aqueles que realmente creem, podem reconhecer que Deus ama a cada ser humano com amor infinito. Diante disso, ele aponta que o desenvolvimento da teologia e da espiritualidade propõem um caminho que ensina a dimensão fraterna da vida espiritual, indica a convicção da dignidade inalienável da pessoa humana, e fundamenta as motivações para amar e acolher a todos.⁵⁶¹

Diante da atualização da teologia do amor de Santo Tomás à luz das encíclicas *Deus caritas est*, de Bento XVI, e *Fratelli Tutti*, de Francisco, e diante do modelo do *bom samaritano*, que o próprio Jesus manda imitar – *vai e faz o mesmo* – compreende-se que o amor é um imperativo humano, social, político, econômico, cultural e espiritual. Entende-se que toda pessoa humana é naturalmente capaz de amar, mas que por graça de Deus, sua capacidade de amar é sobrelevada. À luz do modelo do *bom samaritano*, aprende-se que o amor é universal e concreto, indistinto de credo, raça, nação etc.

Por fim, o imperativo de Jesus, “Vai, e também tu, faz o mesmo”⁵⁶² se torna mais claro e igualmente mais comprometedor. Decorre disso que a síntese do que é o amor e qual a consequência da sua prática, segundo Garrigou-Lagrange, concentra tudo o que se abordou neste trabalho. Tal síntese afirma: o amor, e seus efeitos, ainda que pequeno ou em crescimento na alma humana, devem mover a pessoa humana a amar a Deus sobre todas as coisas e amar a si e ao próximo por amor de Deus, conforme ensina o preceito. O próximo, desse mesmo preceito, não exclui a ninguém, pois qualquer exclusão destrói a caridade na alma humana, e é pecado grave.⁵⁶³

⁵⁶⁰ Cf. Capítulo II deste trabalho.

⁵⁶¹ FRANCISCO, 2020. p. 49-50. FT 84-86.

⁵⁶² BÍBLIA..., 2002. p. 1808. Lc 10,37.

⁵⁶³ GARRIGOU-LAGRANGE. 1948, p. 365-366.

CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “*Vai e faz o mesmo*”: *a parábola do bom samaritano à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino*, teve como objetivos explicar a teologia do amor do referido autor, exemplificá-la através da parábola do *bom samaritano* e atualizá-la sob a luz do magistério da Igreja. Para tanto, executou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico.

No primeiro capítulo, a partir das obras de Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica* e *Suma contra os gentios*, com o apoio de comentadores e estudiosos contemporâneos, sintetizou-se a teologia do amor do Doutor Angélico. Nessa síntese, se aprendeu que o amor existe em duas dimensões: uma natural-antropológica, enquanto apetite da alma sensível e racional para o bem; e outra sobrenatural-divina, enquanto atributo entitativo e operativo de Deus, donde se percebe que Deus é amor e age por amor.

Destacou-se, também, que por iniciativa divina, o amor natural pode ser elevado à condição de amor sobrenatural através de uma virtude infusa na alma: a caridade, segundo a qual a pessoa humana pode amar a Deus por seu próprio ser e ao próximo e a si mesma por amor a Deus. Por fim, destacou-se que o amor natural e o amor elevado pela caridade possuem efeitos concretos e práticos na alma e no agir da pessoa que ama.

No segundo capítulo, apresentou-se a exegese da parábola do *bom samaritano* à luz dos exegetas Fitzymier e Bovon. A perícopes que contém a parábola foi dividida em três partes para o aprofundamento do seu conteúdo. Na primeira parte, do diálogo entre o legista e Jesus acerca do maior mandamento da Lei, pôde-se aprender a importância da Lei do amor a *Iahweh* e do amor ao próximo no contexto judaico e na pregação de Jesus. Na segunda parte, abordou-se a parábola em si mesma considerando-a como resposta à pergunta do legista sobre quem era o próximo, donde se observou que o testemunho do homem samaritano, a partir dos seus sentimentos e ações, manifestava o amor ao próximo. Na terceira parte, o estudo se voltou para o diálogo conclusivo no qual, motivado pela parábola e pela pergunta de Jesus, o legista julgou que o próximo foi o que agiu com misericórdia para o caído. Desse percurso se percebeu que Jesus não somente inverteu a pergunta para seu interrogador, mas ele mostrou que o próximo não é somente o sujeito a ser amado conforme manda a Lei, mas o próximo é, também, o sujeito amante.

Após o percurso exegetico, também no segundo capítulo, propôs-se a interpretação da parábola a partir dos efeitos do amor elencados no

primeiro capítulo. A partir da parábola em si mesma, percebeu-se os efeitos do amor natural. Mas, ao considerar a parábola emoldurada pelo diálogo sobre a Lei do amor a Deus e amor ao próximo, foi possível interpretá-la à luz dos efeitos do amor sobrenatural. Ainda, pôde-se aprender que ambas as Leis, fundamentalmente, são uma única Lei, conforme explicita Jesus no Novo Testamento, e que a Lei do amor não é excludente ou seletiva. Ao contrário, ela é universal.

No terceiro capítulo, concentraram-se os elementos dos dois capítulos anteriores de modo que serviram de chave de leitura para o Catecismo e para as encíclicas *Deus caritas est* e *Fratelli tutti*. Desse modo, ouviu-se o imperativo “Vai, e também tu, faz o mesmo” de Lucas 10,37, e fez-se ecoar o direcionamento da Igreja para cumprir a ordem do próprio Jesus. No Catecismo se percebeu a contribuição da teologia do amor de Santo Tomás, bem como a presença da Lei do amor a Deus e ao próximo, atualizadas por Jesus e pela Tradição, presentes no ensinamento da Igreja.

Na *Deus caritas est* percebeu-se uma definição de amor pareada à definição apresentada por Santo Tomás: o amor *eros* pareado ao amor natural e o amor *agape* pareado ao amor de caridade. Nela, Bento XVI recorre ao testemunho do *bom samaritano* como modelo Cristão para agir com amor. Na *Fratelli Tutti* percebeu-se a universalidade do amor, e o apelo a todas as pessoas de boa vontade para que o tenham como princípio do seu agir. Francisco recorre algumas vezes à teologia do amor de Santo Tomás como fundamento, por isso se pôde evidenciar a sua.

Após o percurso de pesquisa, fez-se possível responder às perguntas propostas: Qual a relevância de estudar a teologia do amor, hoje, a partir de um teólogo escolástico? Qual a contribuição que Santo Tomás tem a oferecer para o debate teológico atual?

A relevância de estudar a teologia do amor se justifica por sua perenidade e sua contribuição às outras áreas da teologia. Ainda, como se pôde perceber, ela aborda o ser humano, na sua busca pelo bem, nas suas relações com o próximo e com Deus, ao mesmo tempo que trata sobre Deus, o bem e o amor que Ele é e que oferece à cada pessoa. Estudá-la hoje à luz de Santo Tomás de Aquino também é relevante, pois o método escolástico e o conteúdo teológico do Aquinate oferecem clareza e fundamento que contribuem com o debate teológico atual.

Além disso, Santo Tomás é um teólogo em alta consideração na teologia católica e fortemente recomendado pelo magistério, bem como citado como fonte em muitos documentos. Neste trabalho, ficou evidente que a teologia do amor do Aquinate é citada nos documentos aqui estudados, de modo que lhes serve de fundamento. Ao mesmo tempo,

conhecer tal teologia do amor, permite compreender melhor o que nos documentos é proposto.

Os elementos aqui destacados, podem ser aprofundados em novas pesquisas de diferentes perspectivas, ressaltando a importância do amor a se viver: em perspectiva pastoral, evidenciando a necessidade de amor nas necessidades atuais, entre elas a fome, a miséria, a violência, o abandono, o sofrimento, as migrações, as guerras etc.; em perspectiva sistemática, no contexto das questões sobre o ser de Deus e sobre o ser humano e as suas relações; em sentido espiritual, dado que o amor é o tema abordado em diversas escolas de espiritualidade, mística e ascética; e por fim, no sentido de uma teologia política que explique o amor como fundamento da fraternidade universal, como fez Francisco na *Fratelli Tutti*.

Observou-se que a parábola do *bom samaritano* evidencia o amor descendente, daquele que descia de Jerusalém e parou no caminho para socorrer um necessitado. É interessante constatar que a perícopes seguinte no Evangelho de Lucas é a do episódio de Marta e Maria, no qual se evidencia que amar a Deus e estar com ele é a *melhor parte*. Uma interpretação de tal perícopes à luz da mesma teologia do amor de Santo Tomás serviria para evidenciar o amor ascendente e os efeitos da contemplação na alma do fiel.

Por fim, diante da pesquisa realizada, a fim de fazer ecoar o ensinamento do amor à luz de tais fontes, repete-se o imperativo de Jesus no final do diálogo subsequente à parábola do *bom samaritano*: “Vai, e também tu, faze o mesmo”. Mas, para cumprir tal ordem é necessário ter em conta algumas perguntas:

Que *mesmo* é esse que Jesus manda ir e fazer? Esse *mesmo*, é o agir com misericórdia.

Como *fazê-lo*? Deve-se fazê-lo segundo o modelo do *bom samaritano*, que diante de um necessitado viu-o, aproximou-se, sentiu compaixão e cuidou dele, assim, testemunhando a misericórdia.

E o que é a tal *misericórdia*? A misericórdia é uma expressão elevada e nobre da caridade, que é dom de Deus ao ser humano e é o ser de Deus mesmo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. Parte I. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

AGOSTINHO DE HIPONA. **A Trindade**. Trad. Frei Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística v. 10)

AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística v. 10).

ARISTÓTELES. **Metafísica**: Livro V – Lição XXIV. *apud* TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: primeira seção da segunda parte. São Paulo: Ecclesiae, 2016a, p. 292. *S. Th. Ia-IIae*, q. 49. a. 1. sol.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Caritas in veritate**. São Paulo: Paulus, 2009.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus caritas est**. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.

BOVON, François. **El evangelio según San Lucas**: Lc 9,51-14,35. Tomo II. Salamanca: Sígueme, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

COUTO, Antônio Augusto Caldasso. **Amor, desejo e amizade**: um estudo sobre a natureza do amor na Suma Teológica de Sto. Tomás de Aquino. 166 p. Tese de Doutorado – Curso de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

CRUZ, Juan Cruz. **Ontología del amor en Tomás de Aquino**. Pamplona: Serie Universitária, 1996.

DATTLER, Frederico. **Sinopse dos quatro evangelhos**. São Paulo: Paulus, 1986.

FITZMYER, Joseph August. **El evangelio segun Lucas**: Introduccion general. Tomo I. Madrid: Cristandad, 1986b.

FITZMYER, Joseph August. **El evangelio según Lucas**: Traducción y comentario capitulos 8,22-18,14. Tomo III. Madrid: Cristandad, 1986a.

FITZMYER, Joseph August. **El evangelio segun Lucas**: Traducion y Comentario capitulos 1-8,21. Tomo II. Madrid: Cristandad, 1986c.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulus, 2020.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **As três idades da vida interior**. Tomo I. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **Deus sua essência e sua natureza**: solução tomista das antinomias agnósticas. Tomo II. São Paulo: Molokai, 2020a.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **Deus sua essência e sua natureza**: solução tomista das antinomias agnósticas. Tomo I. São Paulo: Molokai, 2020b.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald Marie. **The love of God and the Cross of Jesus**. Volume I. St. Louis: Herder Book Co., 1948.

JOÃO CRISÓSTOMO, *Homiliae in Matthaem*, 50, 3-4: PG 58, 508. *apud* FRANCISCO. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulus, 2020. p. 45. FT 74.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene A. **Léxico grego-português do novo testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

MARIN, Antonio Royo. **Teologia de la caridad**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1960.

MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita**: a Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas, 2015.

MEZARD, Denys (Org.). **Meditações para a Quaresma**. Trad. Jefferson Bombachim. Campinas: Ecclesiae, 2018b.

MEZARD, Denys (Org.). **Meditações para o Advento e para o Natal**. Trad. Jefferson Bombachim. Campinas: Ecclesiae, 2018a.

NOVO TESTAMENTO interlinear grego-português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

NUEVO TESTAMENTO interlineal griego-español. Barcelona: Clie, 1984.

PÈGUES, Tomás. **A suma teológica de Santo Tomás em forma de catecismo**. Campinas: Edições Livre, 2019.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego**. 5.ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.

PRIBERAM DICIONÁRIO. Disponível em: <
<https://dicionario.priberam.org/paix%C3%A3o>> Acesso em: 03 jan 2022.

RAHLFS, Alfred. Septuaginta. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

REZENDE, Antônio Martinez de. **Dicionário do latim essencial**. 2.ed., rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

TESTAMENTOS dos Doze Patriarcas. Sem data. Não paginado. Disponível em: https://stringfixer.com/pt/Testament_of_Zebulun Acesso em: 20 mar. 2022.

TOMÁS DE AQUINO. **Aquinas' Homily Notes on Luke 10,23-37**. The Divine Lamp. [s.l.]: 2011. Disponível em: <https://thedivinelamp.wordpress.com/2011/08/30/aquinas-homily-notes-on-luke-1023-37-for-sunday-mass-sept-4-extraordinary-form/> Acesso em: 02/05/2022.

TOMÁS DE AQUINO. **Commentary on the Gospel of Saint Matthew**. Trad. Paul M. Kimball. 2012. p. 924. Cópia digital (ISBN: 978-0-615-44040-8): Disponível em:

<http://dolorosapress.com/Commentary-on-the-Gospel-of-St-Matthew.htm>.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**. São Paulo: Ecclesiae, 2016d.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: primeira parte. São Paulo: Ecclesiae, 2016b.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: primeira seção da segunda parte. São Paulo: Ecclesiae, 2016a.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: segunda seção da segunda parte. São Paulo: Ecclesiae, 2016c.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**: teologia, Deus, Trindade. v. 1: I parte 5.ed. ed. São Paulo: Loyola, 2016. p.19.

VEIGA, Bernardo. **A ética das virtudes segundo Tomás de Aquino**. Ecclesiae: Campinas, 2017.

ZITMAN, Idel. **Dicionário hebraico-português**. Rio de Janeiro: Biblos, 1965.